

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

SIRLEI DO ROCIO CAVALLI DOS SANTOS

PERÍFRASES DURATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**CURITIBA
2008**

SIRLEI DO ROCIO CAVALLI DOS SANTOS

PERÍFRASES DURATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Wachowicz.

CURITIBA

2008

AGRADECIMENTOS

Vivo agradecendo ... a meus colegas de escola que me permitiram sair no horário de trabalho para participar da Iniciação Científica, lá pelos idos de 2004, ponto de partida para meu ingresso no Mestrado. Também a minha família, primordialmente a minha amada mãe, e a Deus, por nunca desistirem de mim.

Ando agradecendo... a meus amigos de grupo de estudos de Semântica (principalmente à Lara e ao Jahyr), que souberam me “aturar” nas piores crises e quando quis jogar tudo para o alto. Também **ando agradecendo** a TODOS os amigos da famosa “salinha” da Pós, por partilharem conhecimentos e vida durante todos esses anos. Também ao Professor Márcio, não só por permitir usar sua sala para retirar os dados do Varsul/PR, mas pelos tantos empréstimos de livros e materiais de pesquisa e por sua valorosa colaboração para este trabalho com a participação no “III seminário de dissertações e teses”.

Fico agradecendo a todos os professores que souberam não só partilhar seu conhecimento, mas também risos e alegrias nas salas, nos corredores da UFPR e em tantos congressos, inclusive nos bares da vida. E um agradecimento especial aos professores da Banca de Qualificação, por tão significativas interferências, principalmente ao Luiz Arthur, que **vive/anda/fica** me **acompanhando** desde meu primeiro trabalho de Iniciação Científica. Depois na Banca do Mestrado, nos trabalhos de Disciplinas, na Qualificação e por fim na Defesa. Espero que não haja um *telos* aqui.

E principalmente: **continuo agradecendo** e continuarei agradecendo à Teca, por ter sido mais que uma professora e orientadora, foi o incentivo sempre que necessário. O puxão do fundo do poço quando eu caía e a amiga que me emprestou o ombro quando precisei chorar.

E ao Gus: o ponto inicial e o ponto final desta dissertação...

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a criança diz:
eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta,
que é a voz
De fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.*

(Manoel de Barros)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar perífrases verbais formadas com os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* seguidos de verbo no gerúndio. Essas perífrases são muito produtivas no Português Brasileiro (PB) juntamente com construções como *vir+gerúndio*, *estar+gerúndio* e *ter+particípio*. A análise é realizada a partir de sentenças coletadas do banco de dados do Varsul/PR e da Folha Online, no ano de 2006 e 2007, além de sentenças criadas para exemplificação. O padrão de busca foi o verbo auxiliar no presente do indicativo seguido de verbo pleno no gerúndio (*anda/vive/fica/continua a + verbo no gerúndio*). Além de restringir o foco da pesquisa, os auxiliares no presente do indicativo contribuem, ao juntarem-se ao gerúndio, para um fenômeno interessante: a marcação do aspecto verbal durativo. Ou seja, as sentenças com esse tipo de formação perifrástica denotam eventos que se prolongam em um intervalo de tempo. Logo, o tratamento proposto neste trabalho é em uma perspectiva aspectual, em que se concebe o caráter imperfectivo inerente nesse tipo de construção. Sentenças do tipo “Gisele Bündchen **anda dizendo** que não quer nada sério com ninguém”; “..traumatizada com o sumiço da filha, **vive revendo** no vídeo um programa de televisão sobre seu desaparecimento.”; “Dez, doze **ficam chorando** pros cantos,...” e “Mohamed ElBaradei, afirma que o Irã **continua trabalhando** na construção de um reator...”, denotam eventos durativos no tempo. Para isso, é essencial o auxiliar no presente do indicativo, por apresentar marcas da homogeneidade e da duração, juntamente com a flexão do gerúndio, que é tratado nesta dissertação como um marcador de subeventos e subintervalos de tempo (BERTINETTO, 2001). Outro fator importante é que esses auxiliares, em sua passagem de verbo pleno para auxiliar, trouxeram acarretamentos semânticos importantes para se vincular às perífrases leituras aspectuais. Ou seja, percebe-se que parte de seu significado original permanece no processo de gramaticalização (persistência semântica (HOPPER (1991))). Para dar conta de responder às questões aspectuais, vinculando leitura durativa às perífrases em análise, é importante verificar que a flexão verbal *-ndo* e o uso do presente do indicativo influenciam na marcação da leitura imperfectiva. As perífrases não marcam inerentemente um ponto de culminação. A ação pode ser interrompida a qualquer momento ou se prolongar indefinidamente (não há um ponto inicial ou final intrínseco). Assim, elas denotam que o evento se apresenta como em andamento, em desenvolvimento. Mais que isso, os subeventos (...e1, e2, e3, e4, en..) se repetem indefinidamente em um intervalo de tempo (...t1,t2,t3,t4,tn...). Além disso, para finalizar, se propõe classificar as perífrases AG, ViG, FG e CG do PB como perífrases durativas com dupla leitura: duração e/ou iteração (ou ambas as coisas concomitantemente), subdivididas em perífrases durativas contínuas (AG, ViG, FG) e perífrase durativa fasal (CG). Também se propõe tratar os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* como aspectuais. Constatase, portanto, que essas construções perifrásticas são aspectualmente fortes, pois não dependem do tipo de verbo pleno ou de seu argumento interno para que se vincule a elas a imperfectividade (duração/iteração).

Palavras-chave: Perífrase Verbal. Aspecto. Duração. Iteração. Auxiliar. Gerúndio.

ABSTRACT

This thesis aims at analysing verbal periphrases formed by the auxiliary verbs *andar* (to walk), *viver* (to live), *ficar* (to stay), *continuar* (to keep), followed by verbs in its progressive form, in the gerund. These periphrases are very productive in Brazilian Portuguese (PB) in constructions like *vir+gerúndio*, *estar+gerúndio* and *ter+particípio*. The analysis is made using data from the Varsul/PR sentences database and from the newspaper Folha OnLine, as well as some sentences made specifically for exemplification. One of the research focuses was the present tense form of these auxiliaries when they get together with the gerunds forms of the main verb. Then an interesting phenomenon is presented: the way the durative aspect is expressed. That is, the sentences with this type of periphrases formation denote events that remain in a time interval. The approach of this work is on the aspectual perspective, where the imperfective character of these constructions are conceived. Sentences such as “Gisele Bündchen **anda dizendo** que não quer nada sério com ninguém”; “..traumatizada com o sumiço da filha, **vive revendo** no vídeo um programa de televisão sobre seu desaparecimento.”; “Dez, doze **ficam chorando** pros cantos,...” and “Mohamed ElBaradei, afirma que o Irã **continua trabalhando** na construção de um reator...” denote durative events in a period of time. Thus, the present tense auxiliary use is essential to convey the durative aspect of the sentences, due to its homogeneous and durative marks, and the gerund suffixes, which is treated in this thesis as a subevent marker and a time sub-interval marker (BERTINETTO, 2001). Another important fact, is that those auxiliaries in their passage from main verbs to auxiliaries, brought some semantics consequences, that are important to the aspectual reading of the periphrases. Then it is perceived that part of its original meaning remains on the gramaticalization process (“semantic persistence” (HOPPER (1991))). In order to answer the aspectual questions raised, linking the durative reading to the periphrases, it is important to note that the verbal ending *-ndo* and the use of the present tense influence the imperfective reading marking. The periphrases do not mark inherently a culmination point, the action can be interrupted at any moment or remain indefinitely. Therefore, they denote a developing event. And yet, the subevents (...e1, e2, e3, e4, en..) repeat themselves indefinitely in a time interval (...t1,t2,t3,t4,tn...). Moreover, this work aims at classifying the periphrases cited above in the PB as double reading duratives: duration or/and iteration, subdivided in continuous periphrases (AG, ViG, FG) and phase durative periphrases (CG). This work also intends to treat the auxiliaries *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* as aspectuals. It is observed, then, that these periphrases construction are aspectually strong, because they do not depend on the type of the main verb or on its internal argument, for their imperfective reading.

Key words: Verbal periphrases. Aspect. Duration. Iteration. Auxiliary. Gerund.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: RESUMO DOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DAS CLASSES VERBAIS (PROPOSTA DESTA DISSERTAÇÃO).....	34
TABELA 2: SUBESPECIFICAÇÃO EM TRAÇOS DAS CLASSES VERBAIS VENDLERIANAS PROPOSTA POR BERTINETTO (2001).....	35
TABELA 3: DADOS DO VARSUL/PR.....	69
TABELA 4: DADOS DA FOLHA ONLINE.....	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I ESCLARECENDO CONCEITOS	18
1.1 PERÍFRASE VERBAL: O QUE É?.....	18
1.1.1 Gramática tradicional X Teorias lingüísticas.....	18
1.1.2 Perífrases verbais temporais e aspectuais.....	25
1.2 TEMPO E ASPECTO.....	27
1.2. 1 A relação tempo e aspecto.....	27
1.2. 2 Classes acionais.....	31
1.2.3 Aspecto perfectivo e imperfectivo.....	36
1.2. 4 Duração, iteração e freqüencialização.....	40
1.3 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	42
1.3.1 Gramaticalização e persistência semântica.....	42
CAPÍTULO II AG, VIG, FG E CG: POR QUE PERÍFRASES DURATIVAS?	47
2.1 A HISTÓRIA DOS AUXILIARES.....	47
2.2 PRESENTE DO INDICATIVO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO.....	54
2.3 GERÚNDIO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO.....	55
2.4 GERÚNDIO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO E DE SUBEVENTOS EM PERÍFRASE VERBAL.....	59
2.5 ENFIM PERÍFRASE VERAL DURATIVA.....	64
CAPÍTULO 3: AVALIANDO O ASPECTO DURATIVO (proposta de testes)	68
3.1 AVALIANDO A LEITURA DURATIVA, ITERATIVA, FREQUENCIAL DE AG, VIG, FG E CG.....	68
3. 2 PRIMEIRO TESTE — NOMINALIZAÇÃO.....	71
3.2.1 Verbo andar.....	72
3.2.2 Verbo viver.....	73
3.2.3 Verbo ficar.....	73
3.2.4 Verbo continuar.....	75
3.3 SEGUNDO TESTE — USO DE EXPRESSÃO ANAFÓRICA DE EVENTO.....	76
3.3.1 Verbo andar.....	76
3.3.2 Verbo viver.....	77
3.3.3 Verbo ficar.....	77
3.3.4 Verbo continuar.....	78

3.4 TERCEIRO TESTE — USO DE ADVÉRBIOS DE FREQUÊNCIA.....	79
3.4.1 Teste 1 — advérbios de duração.....	79
3.4.2 Teste 2 — advérbios de frequência baixa e média.....	80
3.4.3 Teste 3 — advérbios de medida.....	81
3.4.4 Outros advérbios de tempo.....	82
3.5 E QUAL É A DIFERENÇA ENTRE AG, VIG, FG E CG?	83
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
CAPÍTULO IV PERÍFRASES VERBAIS DURATIVAS DO PB: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO.....	89
4.1 AS PERÍFRASES DURATIVAS.....	89
4.2 PERÍFRASES DURATIVAS CONTÍNUAS.....	92
4.3 PERÍFRASE DURATIVA FASAL.....	96
4.4 OLHANDO PARA O ARGUMENTO INTERNO.....	98
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
CAPÍTULO VI CONCLUSÃO.....	102
6 REFERÊNCIAS.....	105
7 ANEXO.....	109
7.1 ANEXO 1: FOLHA ONLINE.....	109
7.2 ANEXO 2: VARSUL/PR.....	111

0 INTRODUÇÃO

O estudo sobre construções perifrásticas vem sendo ampliado nos últimos anos pelas teorias lingüísticas, devido ao uso muito produtivo em Português Brasileiro (PB). O principal interesse se concentra na construção *estar + gerúndio* (conhecida como progressivo). Contudo, devido a um estudo realizado por Cavalli (2005) com as formações *ter + participio* e *vir + gerúndio*¹, o interesse por esse tipo de fenômeno lingüístico para o desenvolvimento do trabalho aqui proposto se estendeu para outras perífrases. Em relação ao *ter* e *vir*, a primeira constatação foi que eram usados como verbos de sentido pleno no Português arcaico, em sentenças do tipo “João tem a casa pintada”, e mais tarde entraram na formação de perífrases em sentenças como “João tem pintado a casa”. Além disso, esses auxiliares, quando no presente do indicativo, são relevantes para marcar um determinado tipo de leitura: os eventos denotados pelo segundo verbo se repetem no tempo.

Dessa forma, a partir desse primeiro trabalho, observaram-se muitas ocorrências com outros verbos ocupando a posição de auxiliar que funcionariam da mesma maneira que o *ter* e o *vir*. A pesquisa foi iniciada por uma coleta de sentenças no banco de dados do Varsul/PR², no ano de 2006 e na Folha Online, entre 2006 e 2007. Para este trabalho, dentre as inúmeras construções perifrásticas existentes, foram escolhidas, com o intuito de restringir o foco de pesquisa, as perífrases exemplificadas nas sentenças abaixo, da Folha Online:

(01) “No diálogo interceptado pela Polícia Federal, um homem identificado como Roberto no relatório da operação, deflagrada no dia 4 de junho, adverte: ‘É, mas, Vavá, eu

¹ Iniciação Científica (UFPR, em 2004 e 2005) sobre as perífrases *Vir + Gerúndio* (VG) e *Ter + Participio* (TP). Este trabalho impulsionou a continuidade do estudo no Mestrado sobre as perífrases verbais.

² O Banco de Dados VARSUL disponibiliza amostras de fala representativas das variedades lingüísticas dos estados da Região Sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Descreve o português falado no Sul do país, levando em conta as diferentes áreas de análise lingüística: fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, semântica. É constituído de amostras de fala — gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente — de habitantes de 12 cidades, 4 de cada estado, num total de 96 entrevistas por estado e 288 no total. Para esta pesquisa, foram coletadas sentenças somente do Paraná. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/iletras/varsul.htm>>. Acesso em: 04/06/2008.

quero saber, por que tem umas broncas lá, que você **anda apresentando** uma pessoa lá nos ministérios e ele...”

(02) “Ana Maria Braga falou que não tem medo da concorrência. Ana **vive perdendo** da Record”.

(03) “O presidente, ao falar da necessidade de os entes federados trabalharem juntos, voltou a dizer que no Brasil "quem é oposição **fica torcendo** para as coisas não acontecerem”.

(04) “A empresa, que se tornou no ano passado a maior fornecedora de minério de ferro para a China, **continua apostando** nos mercados asiáticos”.

O padrão de busca para as sentenças — verbo auxiliar no presente do indicativo seguido de verbo pleno no gerúndio — foi escolhido por se acreditar que parte da resposta para hipóteses levantadas estaria vinculada a essa junção: *anda + gerúndio* (doravante AG); *vive + gerúndio* (doravante ViG); *fica + gerúndio* (doravante FG) e *continua + gerúndio* (doravante CG). Esses auxiliares, assim como os verbos *ter* e *vir*, são usados como verbos de sentido pleno e de alguma forma contribuem para, ao juntar-se com o gerúndio, marcar não somente o tempo em que as ações ocorrem, mas também o aspecto verbal. Isso se percebe acima, em que as ações de apresentar (01), de perder (02), de torcer (03) e de apostar (04) não são descritas somente numa perspectiva temporal (presente, passado ou futuro). Essas sentenças denotam ações que se prolongam no tempo. Ou seja, o tratamento que se propõe a essas construções é numa perspectiva aspectual. Além de que o trabalho com outros tempos verbais demandaria um tempo maior de pesquisa.

Logo, pretende-se, ao analisar essas formações, verificar qual é a melhor perspectiva teórica relacionada à leitura possibilitada pela perífrase e ao aspecto verbal. Pretende-se, também, propor uma classificação aspectual a elas. As hipóteses são:

1. as perífrases AG, ViG, FG e CG denotam leitura aspectual imperfectiva, colocando em foco o andamento da ação sem haver a marcação de seu ponto inicial ou final;

2. para a denotação da leitura durativa, são essenciais o auxiliar no presente do indicativo juntamente com a flexão do gerúndio (-ndo);

3. são aspectualmente muito fortes, uma vez que, para a leitura imperfectiva (duração), não dependem da classe aspectual do verbo pleno e nem do seu argumento interno (objeto direto — OD).

Para confirmar essas hipóteses, busca-se um tratamento histórico vinculado aos verbos na posição de auxiliar. Ou seja, sua passagem de verbo pleno para auxiliar na construção perifrástica trouxe acarretamentos semânticos importantes para se vincular a essas perífrases leituras aspectuais. Para dar conta de responder às questões aspectuais vinculando leitura durativa às perífrases AG, ViG, FG e CG é importante verificar como a flexão verbal *-ndo* e o uso do presente do indicativo influenciam para a marcação dessa leitura (ambos contém traços de duração e homogeneidade). Ou seja, demonstra-se que, por não marcarem inerentemente um ponto de culminação, a ação pode ser interrompida a qualquer momento ou se prolongar indefinidamente. Assim, essas perífrases denotam que os eventos se apresentam como em andamento, em desenvolvimento, sem demarcar inerentemente o seu ponto inicial ou final, em um intervalo de tempo. Mais que isso, eles podem se repetir indefinidamente.

Com base nessas duas perspectivas (histórica e semântica), os capítulos, nesta dissertação, estão constituídos da seguinte maneira:

1. os conceitos que permeiam o trabalho;

2. os aspectos teóricos relacionados às perífrases: a história dos auxiliares, o gerúndio e o presente do indicativo como marcadores de duração;

3. apresentação de testes que demonstram que a leitura durativa está presente nas perífrases em análise³;

³ Os testes são apresentados somente depois da discussão teórica, pois o objetivo é dar consistência argumentativa aos resultados obtidos. Os testes vêm corroborar e demonstrar que as afirmações são procedentes.

4. e, por fim, há a proposta de vincular leitura durativa (e/ou iterativa) para AG, ViG, FG e CG, classificadas em contínuas e fasais.

O primeiro capítulo traça um panorama geral dos conceitos utilizados no trabalho que justificam a leitura aspectual para as perífrases AG, ViG, FG e CG, necessários para o desenvolvimento dos demais capítulos. Primeiramente (seção 1.1), apresenta-se um apanhado geral de como a gramática tradicional (aos moldes dos manuais didáticos) trata o tema “perífrases verbal” em contraponto com as teorias lingüísticas. A seção seguinte (1.2), no subitem 1.2.1, tem o propósito de mostrar qual é a relação entre tempo e aspecto, bem como a das classes acionais que justificam o trabalho aqui proposto (1.2.2). Ainda em relação ao aspecto, divide-se em aspecto perfectivo e imperfectivo (seção 1.2.3) e diferencia-se duração, iteração e freqüencialização, estas tratadas como subcategorias do aspecto imperfectivo (1.2.3). E, na seção 1.3, é verificada a influência do processo de gramaticalização dos auxiliares para a formação perifrástica, da persistência semântica (HOPPER, 1991) e do traço durativo, aspectos esses que permitem vincular leitura durativa às perífrases estudadas.

Em seguida, referente aos aspectos teóricos, o capítulo 2 se inicia com uma apresentação da história dos auxiliares, mostrando que, na passagem desses verbos de seu uso como pleno para o auxiliar, traços semânticos, sobretudo homogeneidade, duração e persistência semântica, permaneceram durante esse processo. Responde também teoricamente porque é possível vincular a leitura durativa às perífrases analisadas. São aspectos relevantes: o presente do indicativo como marcador de duração (2.1); o gerúndio como marcador de duração (2.2) e o gerúndio como marcador de subeventos em subintervalos de tempo (2.3).

No capítulo 3, apresentam-se testes com sentenças do Varsul/PR e da Folha Online (utilizando todos os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar*), bem como sentenças criadas a título de exemplificação, que demonstram em que medida é possível vincular leitura aspectual imperfectiva (duração, iteração e freqüência) às perífrases estudadas. O objetivo de apresentá-los somente neste capítulo é provar o que é apresentado no capítulo anterior. São eles: nominalização (3.2), uso de expressão anafórica de evento (o pronome ISSO – 3.3) e uso de advérbios

freqüenciais (de duração, freqüência média e baixa, de medida), termos de Ilari (1990), em 3.4.

Finalizando, no capítulo 4, apresenta-se uma proposta de classificação para as perífrases AG, ViG, FG e CG do PB, baseada em Bertinetto (1996) e (2002) em seu estudo de perífrases do italiano. O autor propõe tratar o gerúndio não só como um marcador de duração, mas também de subeventos em um intervalo focalizado de tempo, sendo este o enfoque para as perífrases deste trabalho. Além disso, conforme Bertinetto (2002), as perífrases com o gerúndio podem ser subdivididas em contínuas e fasais.

A perífrase contínua marca um intervalo de tempo sobre o qual um evento tem duração ou se repete. A perífrase fasal permite essa mesma leitura, contudo há uma pressuposição de que o evento já havia começado anteriormente, pressuposto pelo auxiliar *continuar*. Tomando como base essa divisão, a proposta para o PB é dividir as perífrases denominadas durativas em: perífrase durativa contínua (AG, ViG e FG — sentenças 1a, 1b e 1c acima, por exemplo) e perífrase durativa fasal (CG — sentença 1d acima, por exemplo). Com sobreposição de leitura, dupla leitura entre a duração e a iteração (ou ambas as coisas) e ainda freqüencialização dos eventos no tempo, devido ao uso de adjuntos temporais.

Portanto, esta dissertação procura responder à questão: Por que as perífrases AG, ViG, FG e CG podem ser consideradas durativas, em PB? Temos as razões histórica e semântica: historicamente, o processo de gramaticalização permite que determinados itens lexicais, especificamente neste trabalho os verbos auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar*, passem a exercer função gramatical na sentença e, durante esse processo, acabam trazendo consigo algum traço semântico lexical de seu uso como pleno. E sob o ponto de vista semântico, há o uso dos auxiliares no presente do indicativo atrelado ao uso do gerúndio, formando a perífrase, que, intrinsecamente, marca a imperfectividade, e possui marcas da duração e homogeneidade. Além disso, o gerúndio também permite uma contagem escalonada dos eventos no tempo (BERTINETTO (1996), (2006)), subdividindo-os em subeventos ($e_1, e_2, e_3, e_4, e_n...$) em subintervalos de tempo ($t_1, t_2, t_3, t_4, t_n...$).

Devido aos testes de nominalização, uso de elemento anafórico de retomada de evento e advérbios ou adjuntos temporais, demonstra-se que essas perífrases, além de denotarem uma dupla leitura entre a mais genericamente denominada durativa e uma leitura iterativa, há possibilidade de se freqüencializar os eventos, determinando “quantas vezes” (em termos numéricos) o evento se repete no tempo.

Logo, nesta dissertação, relaciona-se o aspecto imperfectivo — subespecificado em durativo e iterativo — às perífrases aqui analisadas, associando eventos que são contínuos ou repetitivos em um intervalo de tempo. Dessa forma, é relevante perceber como se constituem os eventos em um intervalo de tempo, principalmente relacionando-os ao seu desenvolvimento e/ou andamento (duração entre o início e o fim de um evento, não demarcado intrinsecamente pela perífrase), sendo possível também contá-los de forma escalonada no tempo (subeventos em subintervalos de tempo — e_1, e_2, e_3, e_4, e_n em $t_1, t_2, t_3, t_4, \dots, t_n$). Além de tudo isso, observa-se que não há influência do argumento interno na marcação do ponto final do evento. Por esse motivo, as perífrases AG, ViG, FG e CG são aspectualmente muito fortes.

CAPÍTULO 1: ESCLARECENDO CONCEITOS

No encontro “Nos domínios do verbo”, realizado em agosto de 2007 (UFPR), ao ser apresentado um pôster sobre as primeiras conclusões desta dissertação, uma colega visitante, ao ver o título do trabalho (Perífrases durativas com verbos auxiliares aspectuais) perguntou: O que é uma perífrase? Isso não é uma locução verbal?

Devido a isso e à diversidade terminológica da área, é conveniente abordar primeiramente as nomenclaturas que norteiam a proposta aqui desenvolvida. São apresentados, de maneira bastante abrangente, os seguintes conceitos: relação tempo e aspecto e as classes aspectuais, formação perifrástica, gramaticalização, persistência semântica, duração, iteratividade e freqüencialidade.

1.1 PERÍFRASE VERBAL: O QUE É?

1.1.1 Gramática tradicional x Teorias lingüísticas

A Gramática Tradicional (GT)⁴ trata o tema perífrases verbais de forma bastante heterogênea, uma vez que não há critérios bem definidos quanto às classificações dadas às perífrases, locuções verbais ou mesmo ao verbo auxiliar. A GT é concebida como conjunto de normas prescritivas. E, é também denominada de gramática normativa, pois sistematiza o conjunto de regras estabelecidas por “especialistas” (na maioria das vezes, não lingüistas), com base no uso da língua consagrado pelos escritores clássicos para reger o escrever bem. Nessa concepção, a variedade padrão é tida como ideal e única a ser seguida por todos os falantes da língua e tudo que não se insere nesta variante é considerado agramatical. Essa gramática é totalmente prescritiva e se baseia em parâmetros equivocados como purismo, tradição, etc. As pessoas confundem gramática com estudos de

⁴ Como o intuito deste trabalho não é fazer um estudo de como a GT vem tratando o assunto “perífrases verbais” ao longo da sua história, apenas há uma amostra de como esse tema é abordado de maneira pouco aprofundada. Para isso, apresenta-se (e não se discute) o tratamento dado pelas gramáticas escolares e pelos materiais didáticos que são meras cópias de gramáticas tradicionais, inclusive com exemplos semelhantes ou também retirados de escritores clássicos.

nomenclaturas dos fenômenos lingüísticos. Porém, não explica todos esses fenômenos, porque se apega à escrita e despreza a fala, por exemplo.

Nesta seção há, resumidamente, o resultado de uma breve consulta a algumas gramáticas normativas (estilo manuais escolares) e materiais didáticos de circulação nacional com o intuito de mostrar algumas dessas definições. Por exemplo, na maioria desses materiais, não há referência ao termo **perífrase verbal** ou **construção perifrástica**. A nomenclatura utilizada é “locução verbal”, com uma definição comum a todos os materiais (com pouca variação encontrada): “são constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio, infinitivo ou particípio do verbo principal” (CEGALLA, 2005 p. 200). Em seguida, apresenta o verbo auxiliar como aquele que se junta “a uma forma nominal de outro verbo para constituir a locução verbal, a passiva e os tempos compostos” (CEGALLA, 2005, p. 196).

O que se percebe é uma circularidade nas definições (ou melhor, de indefinições), sem deixar claro o que é uma coisa ou outra. Além disso, trata-se de definições preocupadas com a estrutura (caráter morfológico ou sintático), sem levar em conta possíveis usos e significados (caráter semântico). Nesse mesmo emaranhado, apresenta-se uma lista com conjugação dos seguintes auxiliares: *ser*, *estar*, *ter*, *haver* em todos os tempos (também não definidos, mas classificados como presente, pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do presente e do pretérito) e modos (subjuntivo e indicativo).

Também aparece o termo “forma nominal”, porém novamente sem muitos esclarecimentos. Em Cegalla (1992), por exemplo, há uma conceitualização diferenciada em relação aos verbos na forma nominal: “Particípio, como o gerúndio e o infinitivo, é por si só vago, impreciso, impessoal — só no contexto é que se despoja de sua imprecisão” (CEGALLA 1992, p. 212). Para o gerúndio, há poucas definições e usos. Por exemplo, em Nicola (1994), o gerúndio, “além de material verbal, pode desempenhar o papel de advérbio e mais raramente de adjetivo. Como verbo, forma as locuções verbais e orações reduzidas”. Porém, novamente essas considerações não ajudam muito no que diz respeito à função do auxiliar na formação perifrástica. Em Faraco & Moura (1992) é interessante observar um distanciamento dos outros materiais, pois ao abordar o gerúndio detalha alguns

possíveis usos, além de associá-lo aos verbos *andar*, *estar*, *ficar*, *ir* e *vir* como auxiliares.

Um outro manual didático que também se diferencia é “Português: Língua e Literatura, vol. Único”, de Maria Luiza Abaurre, indicado para o Ensino Médio. Ele se destaca por acrescentar aos auxiliares a definição já abordada acima, a de que “verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *poder*, *querer*, *precisar*, *mandar*, etc, funcionam como auxiliares em construções perifrásticas” (ABAURRE, 2003, p. 220).

No entanto, não há uma diferenciação entre locução verbal e perífrase. Para as locuções verbais, há a classificação sintática já apresentada, além de haver uma subdivisão: formariam os tempos compostos, a voz passiva analítica, e as “formas perifrásticas em que verbos como *poder*, *dever*, *precisar* e *querer* funcionam como auxiliares modais e exprimem a modalidade do enunciado, ou seja, a possibilidade, a necessidade ou desejo de que algo ocorra” (ABAURRE 2003, p. 223). Também seriam “as formas perifrásticas em que auxiliares como *estar*, *ficar*, *permanecer*, *voltar a*, *começar a*, *continuar a*, *deixar de*, *chegar a*, *ir*, *vir*, *andar*, contribuem para expressão do aspecto verbal, categoria gramatical que explicita o ponto de vista do locutor com relação à ação expressa pelo verbo” (ABAURRE, 2003, p. 223). Ainda assim, fica confusa a distinção entre locução e perífrase, pois ora é usado um termo ora outro.

Há também, na maioria desses materiais, uma lista dos verbos usados como auxiliares, classificados como aqueles que “se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal” (BECHARA, 2004, p. 231). Esses indicariam o início da ação, como *começar a escrever*, por exemplo; a continuidade, como *continua escrevendo*; o desenvolvimento gradual da ação, em *anda escrevendo*; a repetição, como *costuma escrever* ou o término da ação, como em *acabou de escrever*, por exemplo. Depois, o que se segue é muito parecido com as demais gramáticas normativas consultadas: há as famosas listas de conjugações verbais nos diversos tempos e modos.

O que se percebe, portanto, é que não há um tratamento homogêneo para o assunto. Os conceitos são vagos e imprecisos, além de terem como parâmetro

somente a sintaxe. Não haveria problema tratar apenas do caráter sintático da formação perifrástica desde que houvesse clareza nas definições. Não é isso o que acontece. A palavra “perífrase”, na maioria deles, não aparece, e a definição de locução, como foi apresentada acima, é redundante. A exceção está em Cegalla (1992) e Abaurre (2003), em que se usa a expressão “conjugações/formas perifrásticas”. Assim, nos materiais pesquisados, *locução verbal* é formada por um verbo auxiliar mais um principal na forma nominal. Já para *verbo auxiliar*, como dito anteriormente, é aquele que forma a locução verbal. Ou seja, são definições circulares, bastante confusas e pouco esclarecedoras.

Devido a essa miscelânea, houve então a necessidade de que outras informações fossem buscadas em revistas e periódicos especializados em Lingüística. Verificou-se que a distinção perífrase/locução não tem, também, um tratamento homogêneo. A locução seria aquela que jamais aceita segmentação, sendo o núcleo do predicado. A perífrase, ao contrário, é apresentada, de maneira geral, como aquela que aceita elementos intercalados entre o verbo auxiliar e o principal.

Embora essa definição não seja consensual, Ilari (1997) e Castilho (2002) discutem sobre o papel do auxiliar na formação perifrástica, mostrando que há um “todo indivisível” ao se formar uma perífrase, com papéis bem definidos, tanto para o verbo auxiliar quanto para verbo principal. Enquanto o segundo verbo nomearia o evento ou a ação expressa por ele, o auxiliar, além de pessoa, número, modo e tempo, marcaria também o aspecto.

Para Mattoso Câmara (1979), o que diferencia a locução e a formação perifrástica é exatamente o auxiliar: para a locução, esse estaria “com a significação mais esvaziada e se tornou um mero índice da categoria que se destina a exprimir” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 164), enquanto a perífrase deve ser entendida como uma “composição morfológica na base de uma locução, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 167).

O autor apresenta a diferença tradicional do chamado tempo composto, dizendo que a locução do verbo *ser* + *particípio* forma a voz passiva, enquanto o *ter* + *particípio* seria “uma forma flexional una” (ou seja, o próprio tempo composto), sendo consideradas as demais construções como propriamente “conjugações perifrásticas”: “composições de duas formas verbais para expressarem categorias ou nuances categóricas que não estão previstas no quadro das flexões” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 163). E é na flexão do auxiliar que há a marcação de número, pessoa, modo e tempo e da “nuanção categórica” à qual se refere o autor, compondo, juntamente com a forma nominal (*particípio*, *gerúndio* ou *infinitivo*) que acompanha o auxiliar, uma *unidade semântica*.

Outro ponto também interessante que vale ressaltar são os fatores que levariam à composição de um verbo auxiliar mais um verbo na forma nominal (no caso desta dissertação, a forma *gerundiva*) passarem para uma outra categoria que não a lexical e formarem uma perífrase, nas palavras de Mattoso Câmara:

“... a tendência de aglutinação, que, às vezes, na história lingüística faz de uma conjugação perifrástica... depende de três fatores: 1) ascensão em importância, no quadro geral das categorias verbais da língua, da noção gramatical que a perífrase traduz; 2) obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto; 3) possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica”. (...) A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como da forma simples está no radical. Na forma flexional auxiliar está a significação gramatical” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 163).

Assim como Neves (2000), Mattoso Câmara (1979) afirma não haver impossibilidade na intercalação de vocábulos entre os elementos da perífrase. Além disso, afirma que nem o auxiliar, tampouco a forma nominal se disjungem para associar-se a outro elemento da sentença. Caso isso possa ocorrer, não há então uma formação perifrástica. Também não há perífrase quando ambos os verbos permitem leitura de eventos distintos, como, por exemplo, em “mandei-o sair”, em que há um evento em que o sujeito *eu* manda e outro evento em que alguém sai.

Neves (2000) compartilha com Matoso Câmara (1979) a definição de Perífrase: os verbos enquanto designadores de predicados são considerados como aqueles que, na formação perifrástica, são ambos responsáveis pelo preenchimento da estrutura argumental (argumento externo: sujeito, e interno: objeto).

Entre os verbos que não constituem predicados, pois seriam operadores gramaticais, estão os aspectuais, que, para a autora, são aqueles que formam perífrases ou locuções. No trabalho de 2006, Neves apresenta novamente as palavras *perífrase* e *locução* em igualdade de sentido ao referir-se a verbos que "... combinam-se com o verbo nuclear do predicado para auxiliar mais especificamente a indicação da categoria 'aspecto'" (NEVES, 2006, p. 66). Assim, as formações perifrásticas ou como ela denomina locuções, indicariam as fases de um evento e marcariam uma determinada fase — início ou fim (começou a cantar/terminou de cantar) ou apontariam para a natureza qualitativa ou quantitativa de alguma fase (indicando aspecto habitual, progressivo iterativo/freqüentativo, resultativo, etc).

Essa denominação ainda parece confusa, uma vez que perífrase e locução são tratadas como sendo o mesmo tipo de formação. Além do que, nessa nova divisão, verbos conhecidos pela literatura como aspectualizadores (aqueles que marcam um determinado ponto em um intervalo de tempo, como os exemplos dados por ela, *começar* e *terminar*) são colocados em "pé de igualdade" com aqueles que são chamados aspectuais (como, por exemplo, o *ter* e *vir*). Para a autora, os auxiliares seriam "operadores gramaticais de tempo, aspecto e voz" que se combinam a um verbo pleno "formando uma unidade que, do ponto de vista sintático, equivale a um verbo simples" (NEVES, 2006, p. 65).

Longo e Campos (2002) também definem as perífrases como "um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação" (LONGO E CAMPOS, 2002, p. 447). Para definir se um verbo é auxiliar ou não, os critérios apresentados pelas autoras são:

1. a impossibilidade de desdobramento da oração que se relaciona com a existência de um sujeito único. Ou seja, em uma sentença do tipo "Sirlei vive comendo bolo" não é possível desdobrar em "Sirlei vive" e "Sirlei come bolo".

2. detematização, ou seja, a perda sofrida pelo auxiliar de atribuir papéis temáticos aos elementos nominais com os quais se combinam. No exemplo “Sirlei vive comendo bolo” é o verbo *comer* que seleciona argumento externo e interno: Sirlei e bolo.

Dessa forma, a perífrase forma um complexo único com apenas um argumento externo e um interno. Bertinetto (2002) igualmente apresenta alguns requisitos para se considerar uma perífrase verbal como uma entidade complexa que apresenta um comportamento semântico, sintático e morfológico. Resumindo as idéias do autor:

1. A perífrase exprime um significado complexo e não a soma do significado de seus componentes. Por exemplo: “vive comendo”, não é vive+come (relevância para a estrutura semântica).

2. O primeiro verbo é chamado, por ele, de modificador e pode ser conjugado em qualquer tempo verbal. Está ligado a um verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio. Pode ou não ser acompanhado de preposição. Por exemplo: “vive/viveu/vivia comendo” (relevância para a estrutura morfológica).

3. Os verbos modificadores são em número limitado e sujeitos a um processo de dessemantização, ou seja, perda de parte de seu significado. Por exemplo, em “vive comendo”, o sentido do verbo *viver* não é aquele quando usado como pleno, ou seja, não seria ter vida, existir.

4. Uma perífrase autêntica pode ser aplicada a qualquer verbo do léxico. Por exemplo: “vive correndo” (atividade), “vive construindo casas” (*accomplishments*) e “vive abrindo a porta” (*achievements*) e “vive amando” (estativo).⁵

5. Uma perífrase verbal tende a estar no domínio semântico, por indicar aspecto.

⁵ A classificação de tipos verbais é apresentada na seção 1. 2. 2, Classes acionais.

Depois de tudo isso, se verifica que mais do que confusão terminológica, a coexistência dos nomes *locução verbal* e *perífrase verbal* parece ter um fundamento somente histórico. Entre eles parece haver um gradativo e crescente processo de gramaticalização⁶. A locução verbal, nesta perspectiva, seria aquela em que o verbo auxiliar estaria mais gramaticalizado, enquanto, para a perífrase, o auxiliar ainda manteria traços do significado do seu uso como pleno (veremos isso adiante).

Logo, neste trabalho, perífrase é concebida como é um complexo verbal formado por um auxiliar mais um verbo principal — “verbo de sentido pleno” (ILARI, 1997) — no gerúndio. Os verbos *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* ainda possuem parte do significado original atrelado ao seu uso como auxiliares, sendo, por isso, aspectuais. Além disso, no processo de gramaticalização, perderam transitividade, ou seja, não são responsáveis pela seleção argumental. É o verbo pleno que seleciona sujeito e objeto. Assim em: “Ivete também **vive negando** boatos de homossexualidade” (Folha Online), é o verbo *negar* o responsável pela seleção do argumento externo (sujeito, nessa sentença, Ivete) e interno (objeto direto (OD), boatos). E nessa posição sintática, os auxiliares marcam as determinações gerais de tempo, modo, pessoa e aspecto.

1.1.2 Perífrases verbais temporais e aspectuais

Longo & Campos (2002) dividem as perífrases em temporais (só indicariam o tempo em que o evento ocorre em relação ao momento de fala) e aspectuais (indicariam além do tempo, o aspecto, ou seja, como o evento se desenrola no tempo). Para as autoras, na perífrase temporal o verbo auxiliar tem localização temporal separada do verbo principal — marca somente o tempo do evento. Assim, em uma perífrase do tipo *tinha comido*, o auxiliar marcaria o tempo em que o evento denotado pelo segundo verbo *comer* aconteceu, ou seja, no passado. O que teria acontecido é que, na perífrase temporal, os auxiliares atingiram um “grau mais alto no processo de gramaticalização” (LONGO E CAMPOS, 2002, p. 456). Os auxiliares, para elas, apresentam determinados valores básicos, porém adquiririam novos,

⁶ O conceito de gramaticalização é definido e desenvolvido na seção 1. 3., O processo de gramaticalização.

dependendo de outros elementos com os quais se combinam na construção da sentença, como os adjuntos, por exemplo. Por isso, seria difícil determinar um significado para as perífrases formadas com um determinado auxiliar. Seria necessário estudar cada perífrase isoladamente e determinar os valores aspectuais ou temporais conforme o contexto sentencial em que é produzida.

Longo e Campos (2002) também definem auxiliaridade como “uma relação de complementação entre duas formas verbais: o auxiliar como forma relacional que toma por complemento um verbo-base”. Para as perífrases temporais, “o auxiliar interage com a base, fornecendo uma interpretação temporal, para o todo, que coincide com a determinada pelo morfema modo-temporal, isoladamente” (LONGO E CAMPOS 2002, p. 455).

Contudo, diferente do que apresenta Longo e Campos (2002), o que se observa é que as diferenças temporais e aspectuais marcadas pela perífrase parecem se dar somente na variação da flexão verbal do auxiliar. Devido à flexão, diversificariam-se igualmente as leituras, tanto sob o ponto de vista aspectual quanto temporal. Em (05) abaixo, por exemplo, o auxiliar no presente do indicativo mais o verbo principal no gerúndio indica que a busca de Esperidião Amin por apoio está em andamento (infere-se que se dá de um passado próximo até o momento de fala e pode-se ultrapassar esse momento).

(05) Já Esperidião Amin (PP), que foi governador do Estado por duas vezes, **anda buscando** apoio informal de Lula (Folha Online).

Teríamos essa mesma leitura se o auxiliar estivesse no pretérito imperfeito ((6a) abaixo), pois, por conta da flexão, exibe ação conclusa no passado e esteve em andamento. No pretérito perfeito, há novas interpretações. O verbo *andar* aceita essa forma, embora em (06b) a leitura seja ambígua: é possível também entender que Esperidião Amin andou (no sentido de movimento — deslocou-se de um lugar para outro) e neste trajeto buscou apoio.

(06) a. Já Esperidião Amin **andava buscando** apoio informal de Lula.

b. Já Esperidião Amin **andou buscando** apoio informal de Lula.

As sentenças acima parecem não evidenciar o que Longo e Campos (2002) apresentam, uma vez que não indicam somente que o evento de “buscar apoio” se deu no passado (acabado ou não), mas uma dupla leitura: ocorreu no passado, e ainda houve uma duração no tempo. O que se percebe então em uma primeira análise é que essas sentenças também possuem valor aspectual: indicam que o evento teve duração no tempo, além de ter leituras também temporais, ou seja, localizando o evento denotado pelo verbo principal num dado momento anterior ao dele.

Porém, por outro lado, temos o verbo *ter* que torna a sentença inaceitável quando está no pretérito perfeito, como em (07). A estranheza causada pela sentença parece ocorrer devido ao uso de dois verbos indicando perfectividade, pretérito perfeito do indicativo e particípio, ou seja, ambos apresentam ações acabadas.

(07) *Já Esperidião Amin **teve buscado** apoio informal de Lula.

Portanto, o que temos, na verdade, são oscilações tênues entre as leituras aspectual e temporal e entre as perífrases (ou inclusive agramaticalidade), marcadas pela variação da flexão verbal (presente/perfeito/imperfeito) do auxiliar. Ou ainda, a possibilidade de sobreposição de leitura: ora temporal, ora aspectual ou ambas as coisas. Dessa forma, fica inviável subdividi-las somente em uma perspectiva temporal ou aspectual, pois uma perífrase pode ao mesmo tempo marcar o tempo em que se deu o evento e o aspecto verbal.

1.2 TEMPO E ASPECTO

1.2.1 A relação tempo e aspecto

Conforme Matoso Câmara (1975), a desinência verbal, no latim clássico, não era responsável somente pelas marcas de pessoa, tempo ou modo, mas apresentava o evento como concluso (perfectum) ou inconcluso (infectum), e essa oposição era marcada morfologicamente. A transformação da oposição perfectum/infectum para os tempos verbais e para os modos (indicativo, subjuntivo e

imperativo) se fixou no decorrer da passagem do latim vulgar para o Português. Essa marca de perfectividade e imperfectividade (relacionada ao aspecto verbal) não é tão clara hoje.

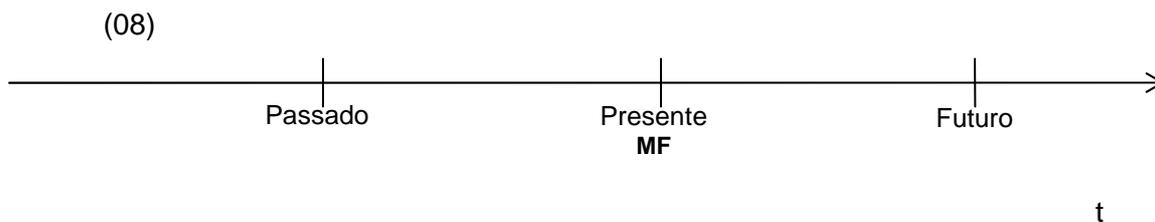
Nas línguas românicas, por exemplo, o que se percebe, devido à tradição lingüística, é que tempo e aspecto estão correlacionados, e que o aspecto passa a ser denotado, por exemplo, pelo léxico⁷, pela flexão verbal (como no Latim), pelo uso de determinados complementos, como argumento interno quantificado, pluralizado, cardinalizado, etc., ou pelo uso de adjuntos⁸ indicativos de tempo, além de perífrases verbais. Ou ainda, pelo rearranjo de várias dessas categorias gramaticais em uma dada sentença — composição sentencial.

Contudo, nem sempre é tão simples separar tempo de aspecto, principalmente porque o tempo é unidirecional (representado em uma linha), entendido como presente, passado e futuro, e o aspecto é como se configura (ou como se “desenha”) a ação no tempo. O tempo é dêitico, pois aponta para um acontecimento no mundo, e o aspecto é não-dêitico, pois marca a duração da situação e/ou suas fases. Essas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista: seu desenvolvimento, seu ponto final ou inicial, se está acabada ou não.

Desse modo, diz-se que o tempo é referencial ao apontar para um acontecimento no mundo e pode se dar em um INSTANTE ou em um INTERVALO. Esse modelo semântico é desenvolvido em Swart (1998) e a sua proposta é de que a estrutura temporal seja analisada como uma linha temporal (como a representada abaixo).

⁷ Léxico: vocabulário, palavras da língua que carregam o significado.

⁸ O adjunto é um termo, na sentença, que acrescenta uma determinada circunstância em que ocorre a ação verbal. Vale ressaltar que, para o trabalho aqui exposto, interessam os adjuntos temporais, que respondem às perguntas: quando?, desde quando?, até quando?, durante quanto tempo?, e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda oração. O advérbio é a classe gramatical das palavras, e o adjunto é a função sintática.



Dessa maneira, o tempo seria uma “soma de instantes” que estariam contidos em T (o conjunto de todos os instantes de tempo). O tempo (T) divide-se em momento de fala (agora = presente), em acontecimentos ocorridos antes do momento de fala (o passado) e em acontecimentos ocorridos depois do tempo de fala (o futuro).

Nessa perspectiva, o instante está associado a eventos pontuais no tempo, como, por exemplo, “Ortiz **abriu a porta** para um de seus comparsas” (Folha Online). Nessa sentença, o verbo *abrir* indica um instante na linha do tempo, ou seja, a ação ocorre em um único momento em que a porta é aberta. Já o intervalo (I) está associado a ações que têm uma duração maior que o instante, ou melhor, como um conjunto subsequente de vários instantes. No exemplo, “... Mailer também **escreveu** ensaios, contos, peças de teatro e roteiros de cinema” (Folha Online), a ação de escrever ensaios, contos, etc. tem uma certa duração no tempo, não especificada na sentença — acontece do momento inicial da escrita dos ensaios, contos, etc. até o final deste processo. Ou seja, é possível associar uma ação a vários instantes (soma desses instantes) dentro do continuum temporal, marcando um intervalo de tempo (I).

Ainda em relação ao tempo, uma outra perspectiva teórica é a proposta por Reichenbach (1947), em que se apresentam os conceitos de momento de Fala (MF), momento de Evento (ME) e momento de Referência (MR). O “momento” é tratado mais amplamente como período/intervalo de tempo, comparando à Swart (1998): uma “soma de instantes”. A localização temporal incide sobre o evento (**ME**), em relação a um ponto localizador (**MF**) ou a um ponto intermediário de referência (**MR**). **ME** é aquele em que se dá o evento, processo ou ação descritos, ou seja, é o momento da predicação. O **MF** é o tempo da enunciação (da realização da fala) e o **MR** é a apresentação ao ouvinte da perspectiva de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em que o evento ocorre em relação ao momento fala.

Ao se referir ao trabalho de Reichenbach (1947), Bertinetto (1982) apresenta uma diferença quanto à noção de tempo de referência e a função de localização do evento na linha do tempo. A localização temporal, para o autor, é dada por advérbios temporais (esses para Reichenbach são colocados na relação R) necessários para determinar o lugar do **E** no domínio do tempo. Em “tempos compostos” (*ter+particípio*, por exemplo), **R** está para o auxiliar assim como **E** está para o verbo pleno. Um exemplo: “Na ocasião, será ratificada a entrada do Equador, que **tinha abandonado** a organização em 1992.” (Folha Online). O adjunto temporal *em 1992* localiza temporalmente o evento no tempo, enquanto o **MR** é o passado marcado pelo *tinha* e o **ME** é dado pelo verbo principal no particípio, *abandonado*.

O evento (**E**) é estabelecido pelo morfema do verbo, pois é ele que representa a significação da ação no mundo (no exemplo dado: abandonar). Bertinetto (1992) ainda apresenta a distinção entre referência intrínseca (MR) e extrínseca. A referência intrínseca (MR) é estabelecida abstratamente pelo componente flexional do verbo sobrepondo **E** e **R** (ou seja, auxiliar + verbo principal). A referência extrínseca é aquela que marca o evento no domínio da linha do tempo, dada pelos adjuntos temporais. Na frase acima, *em 1992*.

Para esta dissertação, a distinção entre instante e intervalo é relevante para as perífrases aqui analisadas, uma vez que elas marcam intervalos de tempo, mesmo que sejam formadas por verbos estritamente pontuais, como veremos adiante. Também é relevante a diferenciação de MF, MR, ME e a diferenciação apresentada por Bertinetto de localização temporal, porque adjuntos temporais que possibilitam contar com que frequência o evento se dá no tempo acrescentam um outro tipo de leitura (freqüencial) às perífrases.

Em relação ao aspecto, uma das concepções mais conhecidas é a de Comrie (1976), que trata o aspecto como a “constituição interna de uma situação”. Em sua conceitualização mais geral, se divide em perfectivo e imperfectivo, e pode ser subdividido em incoativo, cursivo, terminativo, durativo, iterativo, progressivo, etc. Assim, o aspecto diz respeito a como se desenrola uma situação no tempo: se é apresentada em seu início, seu meio ou fim; se é instantânea ou se prolonga no

tempo, se acabou ou não. Ou ainda, denota se está escalonada no tempo (se há repetição) ou se tem duração.

Squartini (1998) tem uma concepção muito parecida com a de Comrie (1976) ao dizer que aspecto é “o ponto de vista da situação” e é diferente da referência temporal e da acionalidade. A referência temporal é a localização de uma dada situação na linha do tempo (se ocorre no presente, passado ou futuro), já a acionalidade se relaciona a *aktionsart*, ou seja, a um tipo de situação: se é télica (tem ponto final intrínseco) ou atélica (sem ponto final intrínseco), se é um processo ou somente há mudança de estado, se uma situação é pontual ou não, dinâmica ou não dinâmica. A acionalidade diz respeito ao tipo de evento existente e é muito confundida com aspectualidade, tanto que é possível associar a referência temporal e o aspecto à morfologia e a acionalidade ao léxico de cada língua.

Quanto à terminatividade no tempo de um evento, pode ser télico ou atélico. Evento télico é aquele que tem previsão de haver um ponto final, no sentido de que seu *telos* - ponto máximo - deverá ser atingido, ou tem um final predeterminado. Cabe aqui, também o termo *término*. Um evento pode ter acabado, sem, contudo, ter terminado/cessado/parado. Por exemplo, o final do evento de construir uma casa é a casa pronta, e qualquer momento entre seu início e seu término não é a casa construída. Já o evento atélico é aquele que não possui um ponto final intrínseco. Por exemplo, o evento correr cessa em algum momento, mas não necessariamente esse ponto é o seu término. Qualquer ponto entre o início e o fim, no entanto, é correr. Portanto, *construir* é um evento télico e *correr* é atélico.

1.2.2 Classes acionais⁹

Em relação à constituição aspectual lexical, uma das mais conhecidas classificações dos verbos em classes distintas é a proposta por Vendler (1967), em

⁹ Serão usados os seguintes termos, nessa seção, e suas respectivas acepções:

1. Homogêneo e homogeneidade: que é constante e regular, que permanece invariável, não sofre modificação, idêntico no seu todo;
2. Agentivo: há um sujeito agente (aquele que pratica a ação), produz um efeito;
3. Télico: prevê um ponto final, é intrínseco ao léxico.
4. Dinâmico: ligado a um acontecimento, que envolve uma ação, ativo.

que divide os verbos em quatro categorias: atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*. Essa tipologia sofre várias críticas por ser entendida como de natureza essencialmente lexical. Porém, são muitas vezes infundadas, já que Vendler prevê que um mesmo verbo pode exprimir diferentes valores aspectuais em função de outros elementos a que se associa: objeto direto, advérbios, etc., por exemplo. Em “ele está clicando o mouse”, o evento único — *clicar* — é apresentado de forma ambígua: ou marca um ponto em que alguém clica o mouse (evento pontual), ou então, pode ser visualizado como em andamento, ou seja, em um espaço indeterminado de tempo o evento se repete (*está clicando* indica vários cliques que se repetem no tempo).

Para o autor, as expressões verbais apresentam diferentes esquemas de tempo. As atividades são ações que se desenvolvem homogeneamente e são agentivas. Em “Um canguru selvagem **correu** pelas ruas da cidade australiana de Melbourne” (Folha Online), mesmo que o canguru tenha feito uma parada, por exemplo, pode-se dizer que ele correu. Nas atividades, é possível perceber a homogeneidade, pois qualquer de suas partes é da mesma natureza que o todo, nos subintervalos de tempo. Por exemplo, qualquer subparte do evento correr é o evento correr, em qualquer momento que se corra e haja a parada dessa atividade pode-se dizer que houve uma corrida. Portanto, se o canguru corria pelas ruas, ele correu.

Os *Accomplishments* são processos que se desenvolvem no tempo, prevendo, também, uma homogeneidade, porém somente em seu ponto final. Pode-se afirmar que é verdadeiro em um intervalo de tempo particular e não em seus subintervalos. No exemplo, “O governo do Estado **construiu** um pequeno prédio” (Folha Online), cada parte construída do prédio não é propriamente o prédio construído. Passa do não-construído ao construído a partir de um determinado ponto. Ou seja, na sentença acima, é necessário que se chegue ao fim da construção, seu ponto final natural, para se dizer que o governo construiu um prédio. Quando se diz “Alguém estava construindo uma casa e parou”, necessariamente não há como prever que a casa está terminada. É possível que sim, porém, também é possível que somente parte dela esteja acabada. Ou seja, os *accomplishments* são processos que possuem fases e estas não indicam evento como um todo.

Achievements são eventos instantâneos no tempo e são pontuais, ou seja, são momentos únicos de tempo. Em “O cantor britânico James Blunt **alcançou** nesta semana **o topo** das vendas de discos no Reino Unido” (Folha Online), alcançar o topo não se desenvolve, não tem duração, sequer subparte no tempo. Pelo contrário, do topo não-alcançado para o alcançado decorre-se apenas um instante de tempo. O ponto final natural de alcançar o topo é a chegada a seu cume, e não o tempo despendido para alcançá-lo (estas são outras ações no tempo).

Por fim, os “estados”, que também se caracterizam por serem homogêneos. Porém, diferentemente das atividades, não indicam processos que se desenvolvem no tempo e não são agentivos ou dinâmicos. Os estados são verdadeiros em um intervalo de tempo específico e também serão verdadeiros em cada um de seus subintervalos. Em “O Morumbi é o estádio em que a gente joga sempre, e todo mundo já **conhece** as dimensões” (Folha Online), se alguém conhece as dimensões do estádio de um determinado tempo x a um outro tempo y significa que, em qualquer subintervalo entre esses dois pontos temporais, as dimensões do campo são conhecidas, sem haver uma ação acontecendo no tempo.

Percebe-se é que atividades e *accomplishments* partilham entre si a propriedade de serem situações que têm fases/partes, o que os diferencia de *achievements* e de estados que são situações sem fases. Por outro lado, *accomplishments* e *achievements* constituem situações que prevêm um ponto final (são télicos), enquanto as atividades e os estados são situações que não prevêm um ponto final (são atélicos).

Dessa maneira, podemos dizer que os verbos *accomplishments* e atividades são relacionados aos intervalos de tempo, assim como os “estativos”. Porém, os *achievements* são relacionados a eventos ou ações pontuais, ou seja, a instante de tempo. Também podemos afirmar que *achievements* e *accomplishments* denotam eventos que têm um final predeterminado, um *telos*, e são heterogêneos.

Para facilitar a compreensão, segue uma tabela com um resumo do que foi apresentado acima. Compare-a com a de Bertinetto (2001) mais abaixo, a qual serviu de modelo para esta:

Classes verbais	Dinâmico/ Agentivo	Fase	Télico	Instante (<i>ins</i>) ou intervalo (<i>int</i>)	Homogêneo
<i>Accomplishments</i>	+	+	+	int	-
<i>Achievements</i>	+	-	+	ins	-
Estados	-	-	-	int	+
Atividades	+	+	-	int	+

Tabela 1: resumo — traços característicos das classes verbais (proposta deste trabalho).

Em relação à denominação *eventos* que será usada neste trabalho — devido à sua dinamicidade — é usada para diferenciar de *estados* — são basicamente propriedades atribuídas aos sujeitos e não a uma ação. Os estados evidenciam situações que não se desenvolvem, como dito acima. São situações homogêneas no tempo e raramente mutáveis, além de não apresentarem um ponto final (são atélicos). Desse modo, se alguém diz que “Fulano tem olhos azuis”, ele permanece tendo olhos azuis em qualquer parte ou subparte de **T**. Ou seja, em qualquer tempo ou intervalo de tempo, mesmo ao se usar uma lente de contato verde, por exemplo, ele permanece tendo olhos azuis.

Os estados ainda podem ser subdivididos em “permanentes”, pois expressam o que é habitual, o que não se modifica de maneira alguma, como quando se diz que alguém **é** bonita; ou “transitórios”, pois expressam o que é passageiro e pode sofrer modificação, como quando se diz que alguém **anda/está** bonita¹⁰.

Os eventos são situações que acontecem em um intervalo/instante e são dinâmicos ou podem se repetir. Além disso, sofrem mudanças no decorrer do tempo. Eles também são associados a processos que se desenvolvem em um intervalo do **T** — incluídos, da classificação vendleriana, os *accomplishments* e os *achievements*. Os eventos *accomplishments* são processos que culminam, tendo etapas que levam, ao final, a uma mudança de estado, como já apresentado.

¹⁰ Para mais informações, a diferença entre “permanentes” e “transitórios” consta em Mattoso (1979).

No exemplo acima, “O governo do Estado **construiu** um pequeno prédio”, houve etapas até o prédio ficar pronto, passando do não-pronto ao pronto (paredes, andares, pisos, acabamento, por exemplo) somente no final do processo da construção. As atividades também são eventos que têm por característica se prolongarem em t e se forem interrompidas em algum subintervalo de t ainda assim houve atividade. Em contrapartida, os eventos *achievements* são instantâneos e, muitas vezes, também causam uma mudança de estado, como em “abrir a porta”, em que se passa da porta fechada à aberta em um único momento no tempo.

Swart (1998), mencionada anteriormente, apresenta também a idéia de instante e intervalo para os eventos ao referir-se às classes verbais, para o inglês. Enumera três: os Estativos, aqueles em que não seria possível produzir a forma progressiva (são os estativos de Vendler (1976)); os Subintervalos, aqueles que têm a propriedade de o evento ser verdadeiro em um intervalo de tempo (I) e em cada um de seus subintervalos, incluindo o momento do tempo em I, exemplo: *andar*, *empurrar um carrinho*, etc. — são as atividades e os *accomplishments* de Vendler (1976).

Por último, os não-estativos e não-subintervalos, aqueles que não têm a propriedade dos estativos, tampouco a propriedade de ter um intervalo. São verbos que indicam momentos, ou seja, o evento acontece em um instante/momento de Tempo, um ponto da linha temporal, como *morrer ou chegar a Roma* — são os *achievements* de Vendler (1976).

Finalmente temos Bertinetto (2001), que subespecifica em traços as classes aspectuais vendlerianas, repetidas na tabela 2 abaixo:

Classes aspectuais	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
<i>Estados</i>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

Tabela 2: subespecificação em traços das classes verbais vendlerianas, proposta por Bertinetto (2001).

São necessárias algumas considerações não apresentadas pelo autor a respeito dos traços apresentados nessa tabela. O primeiro, o durativo, implica a noção da quantidade de tempo físico que cada evento pode ocupar (se estender de um ponto x a um ponto y da linha do tempo) e é a propriedade de um evento permanecer/durar no decorrer desse tempo. O traço dinâmico é a propriedade de um evento ter um sujeito agente¹¹ (aquele que pratica a ação). O traço homogêneo é a propriedade de um evento não mudar de natureza no decorrer do tempo, ou seja, exprime a propriedade que os eventos têm de possuírem subintervalos e nesses acontece algo da mesma natureza do que ocorre no intervalo: se um evento qualquer ocorre em um intervalo I, esse evento também ocorre em qualquer subintervalo dentro de I (exemplo: a atividade correr, apresentada anteriormente).

A apresentação de Swart (1998) em relação ao aspecto se presta de parâmetro de comparação, uma vez que a subdivisão em traços apresentada por Bertinetto (2001) se ajusta e serve de modelo para a tabela 1, apropriada para esta dissertação. Como se verá no capítulo 2, serão associados os traços durativo e homogêneo tanto aos auxiliares quanto aos verbos plenos (mais precisamente à flexão -ndo) na formação perifrástica.

1.2.3 Aspecto perfectivo e imperfectivo

Para se entender o aspecto durativo vinculado às perífrases aqui analisadas é necessário retomarmos a noção de perfectividade e imperfectividade ligada ao aspecto verbal. Como foi apresentado acima, o aspecto exprime a estruturação interna de uma situação, dependendo principalmente do ponto de referência. A mesma situação pode ser apresentada sob perspectivas diferentes: em seu início, em curso (ou desenvolvimento), em seu término ou como um todo. Também não se pode esquecer que o valor aspectual de uma sentença, geralmente, não depende do seu valor temporal. Além disso, divide-se em aspecto lexical e aspecto gramatical.

O aspecto lexical diz respeito à Aktionsart (classes aspectuais): a classificação em eventos ou estados. Retomando os principais conceitos, vimos, por

¹¹ Levar em consideração o sujeito como o argumento externo selecionado pelo verbo.

exemplo, que os eventos podem ser instantâneos, aqueles que são pontuais no tempo (ou seja, não têm estrutura interna). Esses eventos são compatíveis com adjuntos ou advérbios temporais pontuais, mas não com aqueles que indicam duração. São exemplos, os eventos nascer, morrer, chegar, atingir o topo da montanha e cair. Veja que em (33) o evento *chegar/partir* é compatível com a denotação pontual do adjunto “às três horas”, enquanto é incompatível com a denotação durativa do adjunto “durante três horas”:

(9) Eu cheguei/parti às duas horas. (adjunto que denota pontualidade)

(10) * Eu cheguei/parti durante três horas. (adjunto que denota duração)

Por outro lado, há os eventos que se prolongam no tempo, portanto contém valor durativo. Entre esses eventos, por definição, há aqueles que, ao atingirem o seu último ponto, não podem mais se prolongar, além de apresentarem partes e serem compatíveis com adjuntos temporais do tipo “em x tempo” ou de duração. São exemplos, eventos como almoçar, pintar uma tela, correr a maratona, tocar a música, etc.

(11) a. Eu almocei em meia hora.

b. Pinte uma tela durante duas horas.

Entre os eventos prolongados existem também aqueles que são dinâmicos e homogêneos ao longo do tempo. Esses, por definição, não possuem um último ponto inerente, podendo, portanto, teoricamente, prolongar-se indefinidamente. São também compatíveis com adjuntos/locuções adverbiais durativas. São exemplos: correr, nadar, ler, ler romances, dormir, etc.

(12) Eu corri/li durante uma hora/ dormi até meio dia.

Por fim, os estados. Lexicalmente, referem-se a situações não-dinâmicas e homogêneas, e, principalmente, independem da dimensão temporal, pois exprimem propriedades, sentimentos, relações de localização. São exemplos, os estados ser

simpático, ser alto, saber línguas, gostar de cinema, estar em casa, estar doente, ter amigos, morar em Curitiba.

Portanto, como o nome diz, o aspecto lexical está relacionado ao valor semântico, à significação ligada ao léxico da língua.

Em contrapartida, o aspecto gramatical se divide em imperfectivo e perfectivo. O aspecto imperfectivo se refere a um processo em realização, inacabado e pode combinar-se com os valores temporais de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Além de que, o momento de referência identifica-se com momento de fala. Pode-se associá-lo aos aspectos lexicais que indicam eventos prolongados ou os estados. Porém, também se associa a adjuntos indicativos de tempo que denotem duração, como por exemplo, do tipo "durante x tempo". Por outro lado, o aspecto perfectivo apresenta o evento como completo ou terminado em relação ao momento de fala. Uma sentença tem valor *aspectual* perfectivo quando representa um evento construído como um todo, completo a partir de um ponto de referência que lhe é exterior. Por essa razão, pode combinar-se com os valores temporais de anterioridade e de posterioridade, mas não de simultaneidade. Além de ser compatível com adjuntos do tipo "em x tempo".

O pretérito perfeito simples e as formas de futuro são geralmente marcadores lingüísticos de valor perfectivo quando se combinam com eventos instantâneos e prolongados. Por isso, quando se diz que alguém leu o livro implica que o livro está lido. Ou, se alguém vai ler o livro esta tarde, implica que o livro vai estar lido esta tarde. Já, se alguém leu um livro durante duas horas, pressupõe que o livro ainda não está lido (não atingiu o *telos*, ou seja, seu ponto final).

Em relação ainda ao aspecto gramatical, é possível subdividir em genérico, habitual, durativo e iterativo para o imperfectivo e pontual, incoativo ou terminativo para o perfectivo.

O aspecto conhecido como genérico diz respeito a um evento que se refere a uma pluralidade infinita de eventos, construídos como atemporais e verdadeiros em todo e qualquer momento de fala e são constituídos lingüisticamente com verbos no

presente do indicativo. São exemplos: o homem é mortal, dois e dois são quatro, etc. (A GT, chama o uso desse presente como “verdade absoluta”). O aspecto habitual também se refere a uma pluralidade infinita de eventos que se sucedem durante um período construído como ilimitado. Porém, pode ser distinto do momento de fala e construído lingüisticamente, além da forma verbal no presente, com pretérito imperfeito. São exemplos: eu jogo/jogava futebol (A GT ao falar do uso do presente nesse tipo de sentença o chama de “presente histórico”, pois tem valor de presente, passado e futuro).

O aspecto durativo exprime eventos que perduram ou se prolongam no tempo. O aspecto iterativo refere-se a uma pluralidade de situações que se repetem regularmente durante um intervalo de tempo delimitado. Ele pode ser expresso pelo pretérito imperfeito ou pretérito perfeito composto, por uma perífrase, por sufixo ou por locuções adverbiais.

Para o aspecto gramatical perfectivo há a subdivisão em aspecto pontual, inceptivo e terminativo. O aspecto pontual indica um processo que dura apenas um instante de tempo, como já apresentado. Além de ser expresso pelo conteúdo lexical, pode ser marcado por advérbios ou locuções adverbiais que indiquem pontualidade, do tipo em “às duas horas”. O inceptivo indica o ponto inicial da ação (exemplo: começou a correr) e o terminativo marca seu ponto final (terminou de correr).

O aspecto gramatical pode ser expresso por um conjunto de elementos lingüísticos, desde o próprio conteúdo lexical, sufixos ou prefixos até as perífrases. Por exemplo: eles adormeceram, a fruta amadureceu ou vai viajar.

Para AG, ViG, FG e CG associa-se o aspecto gramatical imperfectivo, pois essas perífrases denotam um evento em progresso (seu curso medial), sem denotar o ponto inicial ou o ponto final do evento no tempo. Mais especificamente, elas são classificadas como durativas, subespecificadas em iterativas. Além disso, para essa leitura ser vinculada a elas, outros elementos lingüísticos são importantes, como apresentado nas próximas seções: o presente do indicativo e a flexão do gerúndio.

1.2.4 Duração, iteração e freqüencialização

A subclassificação de Bertinetto (2001) das classes vendlerianas é interessante para o trabalho aqui proposto, principalmente em relação ao traço durativo. Isso porque, esse traço, como já explicitado acima, tem como propriedade dizer que há permanência de um evento no tempo. Portanto, ele será associado às perífrases AG, ViG, FG e CG, posteriormente.

A iteração diz respeito a repetições de eventos ou subeventos no tempo de forma escalonada. É apresentada, nesta dissertação, como uma subdivisão da imperfectividade, pois não há marcação do ponto inicial tampouco do final de um dado evento e está contemplada dentro da duração. A iteratividade apresenta um evento de maneira que é possível contá-lo em subintervalos de t^{12} , $(t_1, t_2, t_3, t_4...t_n)$ de forma descontínua e sem dizer a quantidade exata do número de vezes que ocorre.

Ou seja, a duração é entendida como abrangente, pois, além de cobrir todo o intervalo de tempo, não é possível determinar seu t_1 inicial ou t_n final (não há essa marcação). Para a iteração (vista como uma subespecificação da duração), além de ter essas mesmas características da imperfectividade, permite perceber o evento se repetindo no tempo de forma sucessiva (e_1, e_2, e_3, e_4, e_n em $t_1, t_2, t_3, t_n...$).

Dessa forma, se alguém diz “fulano está comendo”, sabe-se que o evento de comer tem uma duração. Mas, quando alguém diz “fulano anda comendo”, além de haver a duração, é possível perceber que o evento se dá de forma repetida: come uma vez, depois outra e outra, sucessivamente, embora não se possa dizer quando esse evento começou, sequer quando irá cessar. Também não há como dizer com exatidão o número de vezes que ele se repete.

Quando é possível fazer essa contagem, de maneira mais ou menos discreta e definida, ou seja, determinando de forma relativa o número de vezes em que o evento se repete no tempo, temos uma leitura freqüencial. A leitura freqüencial

¹² **T** = soma de todos os instantes de tempo (presente, passado e futuro), **t** = intervalo (I) de tempo.

dentro da aspectualidade é tratada aqui como mais uma subclassificação da duração e leva em conta o uso de adjuntos de tempo, acrescentados à sentença. Vejamos:

(13) a. “A Polícia já **anda vigiando** este negócio” (Folha Online).

a’. A Polícia já **anda vigiando** este negócio duas vezes por semana/todo mês.

Ao adicionar um adjunto temporal à sentença (13a), é possível contar quantas vezes o evento de “vigiar o negócio” se repete, ou seja, “duas vezes por semana” ou “todo mês”. Essa leitura é possibilitada pelo uso de advérbios, denominados por Ilari (1990), de temporais freqüenciais. Eles podem ser de duração: *sempre*, *continuamente*, *regularmente* e *freqüentemente*; de freqüência baixa: *raramente*; e de freqüência média: *de vez em quando*. Há ainda os de medida, pois é possível perguntar “quantas vezes” uma ação se repete no tempo, por exemplo, *duas vezes por semana*, *a cada semana*, *todo mês*, *todos os anos*, *todo dia*, etc.

O termo *habitual*, recorrente em teorias sobre aspecto não será usado, por mais que a duratividade seja sua característica mais marcante. Em termos gerais, hábito se refere a situações genéricas que se estendem no tempo, por um período obrigatoriamente longo, em uma extensão que pode extrapolar um intervalo dado de tempo. Além disso, situações habituais qualificam indivíduos muito mais que quantificam.

A habitualidade pode ser associada ao uso advérbios como *habitualmente* ou *geralmente*, e principalmente ao uso de verbos no presente ou pretérito imperfeito do indicativo, em sentenças simples. Por exemplo, em “ele fuma” entende-se a paráfrase “ele é fumante”: tem o hábito de fumar. Ou então precisa já ter fumado anteriormente ou haver a expectativa de tornar a fumar. Ou seja, o evento é mais que homogêneo e não é dinâmico no tempo, está próximo a uma leitura estativa, por não haver subeventos ou subintervalos de tempo.

Em síntese, a duração verifica-se em um determinado evento que progride no tempo de maneira contínua, limitada em um intervalo de tempo. Habitualidade,

diferentemente, é ilimitada. A iteração diz respeito a um evento durar de maneira descontínua, limitada em um intervalo de tempo.

1.3 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

1.3.1 Gramaticalização e persistência semântica

O que se observa ao se falar em perífrase verbal é que o processo de gramaticalização tem um papel decisivo em sua formação, uma vez que não é qualquer verbo que pode assumir a função de auxiliar. Isso porque, como afirma Squartini (1998), é um processo que envolve uma lista restrita de itens lexicais que perdem autonomia progressivamente no decorrer desse processo.

Hopper (1991) diz que a gramaticalização é regulada por cinco princípios: *estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*. O primeiro princípio diz que em um determinado momento surge um novo item gramatical na língua e acaba convivendo com outras formas mais antigas. Porém, a forma lexical não necessariamente desaparece quando se gramaticaliza. Na *divergência*, uma forma em processo de gramaticalização, ao tornar-se um elemento mais gramatical, pode conviver com a forma lexical original, uma vez que ainda pode permanecer como item lexical autônomo. Um exemplo de divergência é o verbo *ter*. Esse gramaticalizou-se como auxiliar em construções perifrásticas, pois no Português arcaico havia sentenças do tipo “Aquelas cousas que **tem aparelhadas**” (MATTOS E SILVA, 2001, p. 62), em que *aparelhadas* era adjetivo participial. Mas hoje há vários contextos para esse verbo, além das construções perifrásticas, ele pode significar posse, por exemplo, em sentenças simples (Ele tem uma casa), assemelhando-se ao uso arcaico com o participípio.

O princípio da *especialização* diz respeito ao estreitamento de escolhas entre itens lexicais durante o processo, em que há uma diminuição do número de formas que admitem significados mais gramaticais que outros. Ou seja, diversos candidatos estariam disponíveis como possíveis formas de gramaticalizar-se, mas porque o processo vai para algum deles, reduz a frequência textual dos outros, fazendo-os desaparecer eventualmente. Exemplo disso eram os verbos *jazer/ser versus o estar*,

em que o *jazer* perdeu espaço para os outros dois, permanecendo no português contemporâneo somente em contextos muito específicos (como em túmulos, por exemplo: Aqui jaz Fulano de Tal). Os outros dois se especializaram e se tornaram auxiliares no decorrer do processo de gramaticalização. Assim, o que ocorre é que um número reduzido de construções compete entre si e uma delas termina inteiramente como um morfema gramaticalizado. Outro exemplo é em perífrases de participio, que, mesmo no Português arcaico, preferencialmente se formavam com o verbo *ter* em detrimento do *haver*.

O princípio da *persistência* consiste em verificar que, quando um determinado item lexical passa a ter uma função mais gramatical, parte de seu significado original tende a permanecer nessa nova função. Voltando ao exemplo do verbo *ter*, o que se percebe é que algum traço de seu significado original (posse) ainda persiste na formação da perífrase (tem comido).

E, por fim, a *decatégorização*, em que a forma que se gramaticalizou perde característica da classe a que pertencia e adquire características de categorias secundárias. Por exemplo, *Nomes* e *Verbos* podem assumir papéis de adjetivos, participios, auxiliares, preposições, etc. Os verbos, por exemplo, passam da categoria de plenos para a de verbos auxiliares na formação de perífrases verbais. É o que acontece com os auxiliares desta dissertação, que, embora ainda sejam usados como plenos, passam a ser auxiliares nas perífrases de gerúndio, com novas funções gramaticais.

A persistência semântica, em que parte do valor semântico original do item lexical permanece no processo de gramaticalização, é o princípio mais importante, para este trabalho. Para as perífrases, nas línguas românicas, os auxiliares podem ser vistos como uma escala, uma vez que este processo é dinâmico de um item lexical para um morfema e eventualmente a um morfema zero. Isso quer dizer que passam de plenos a auxiliares com funções distintas. Os parâmetros para a gramaticalização de um auxiliar são, conforme Squartini (1998): dessemantização, decategorização, cliticização e erosão fonológica.

Assim, pode-se dizer que a gramaticalização é definida a partir de mecanismos que estão inter-relacionados. A dessemantização é a perda do valor lexical original do auxiliar. Mas, lembrando, as formas gramaticalizadas, muitas vezes, não perdem completamente o sentido original. A decategorização é perda gradual do *status* morfossintático do verbo pleno passando a auxiliar. A cliticização é a perda da autonomia de palavra do auxiliar.

Na gramaticalização do auxiliar, a dessemantização é um processo gradual com diferentes etapas que se caracteriza por alguma forma de “persistência” (Hopper (1991)) ou “retenção semântica” (Bybee — Pagliuca 1987 *apud* Hopper (1991)) do valor original do lexema. Quanto à decategorização, há uma limitação gradual do paradigma morfológico do auxiliar, em que este pode ser incompatível com algum tempo verbal ou compatível com outros (observou-se esse fenômeno com o verbo *ter*, no exemplo (06), em que o pretérito perfeito é incompatível com o particípio, por exemplo).

Há também a questão da autonomia do verbo que se difere quando é usado como pleno ou como auxiliar na construção perifrástica. Um teste para isso é o proposto por Fontanella de Weinberg (1970) *apud* Squartini (1998), em que propõe verificar a reação da perífrase com seqüência de verbo pleno e com adjunto circunstancial, como em:

(14) “Agora ela **anda empurrando** uma cadeira com o pé assim” (Varsul/ PR).

Como ela anda? — empurrando uma cadeira.

(15) “...essas coisas que você **anda aprontando** agora, né? (Varsul/ PR)

* Como você anda? — aprontando.

Em (14) o gerúndio pode ser entendido como um adjunto circunstancial. Ou seja, enquanto ela caminha também empurra uma cadeira, mostrando que pode haver aí dois verbos de sentido pleno. Tanto que é possível dizer que ela anda e empurra uma cadeira com o pé. Ainda, nessa sentença, temos a leitura de duração

(empurra a cadeira constantemente, por exemplo), assim temos também uma perífrase. Em (15) o gerúndio é verbo pleno e não adjunto. Não é possível dizer que você “anda e apronta” (nessa sentença), comprovando, assim, a construção perifrástica.

Em síntese, a gramaticalização é definida como “um processo gradual conduzindo à transformação de um item lexical independente para um morfema gramatical” (SQUARTINI, 1998, p. 1 — tradução minha). Envolve qualquer tipo de função gramatical e, através dele, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir outras funções. É um processo histórico unidirecional (léxico>sintaxe>morfologia) através do qual esses elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver outras funções gramaticais, conforme Squartini (1998).

Wachowicz (2007) ao referir-se à gramaticalização dos auxiliares aponta que o traço semântico da duração permanece nesse processo (da fase lexical para a gramatical). Ao apresentar o trabalho de Mattos e Silva (1989, 2001) com relação às perífrases com gerúndio, mostra que essa forma nominal influenciou na formação de perífrases, pois os auxiliares sofreram transformações semânticas na passagem de verbo pleno para auxiliar, além de trazerem, nesse processo, os traços *durativo* e *homogêneo*.

Em geral, para a autora, os auxiliares são definidos como a categoria que apresenta perda de significado, com conseqüente “esvaziamento semântico”. E os verbos plenos são definidos como estruturas de significado completo, responsáveis pela predicação da sentença. Em relação à construção perifrástica com o gerúndio, o auxiliar usual é o *estar*, porém, já eram usados no latim vulgar o *ir*, o *vir* e o *andar* denotando duração. Ou seja, é possível afirmar, então, que os auxiliares não estão todos em um mesmo estágio no processo de gramaticalização.

No exemplo apresentado acima por Matos e Silva, do Português arcaico, diz respeito a esse fato: o uso do verbo *ter*, que, mesmo em construções com participio, configurava um verbo pleno com sentido de posse, usado em sentenças como, em:

(16) “Aqueles coisas que **tem aparelhadas.**”

Com o processo de gramaticalização, eventualmente, *ter* passa a não mais predicar, passando a ser encarregados disso os, até então, “adjetivos” deverbais. Nesse caso, o adjetivo *aparelhadas*, que era o complemento de *ter*, deixou de ser entendido como tal e passou a ser um verbo, perdendo o seu sentido original. E o verbo *ter* passou a ter função de verbo auxiliar.

Squartini (1998) também fala sobre o processo de gramaticalização demonstrando que, inicialmente, o progressivo (*estar*+ *gerúndio*) era usado como locativo, passando no próximo passo do processo a ter um valor acional, a duratividade, para posteriormente denotar uma situação em andamento em um dado tempo. No italiano, como registra o autor, *estare* + *gerúndio* tem sido menos usado do que *andare* + *gerúndio*, nas últimas décadas. Isso demonstra que alguns auxiliares estão em fases distintas do processo de gramaticalização.

Essas considerações são importantes, pois os auxiliares deste trabalho estão em um meio-termo do processo de gramaticalização, porque cumprem função aspectual ao trazerem consigo algum significado original e não apenas marcam número, pessoa, tempo e modo. Percebe-se que o traço durativo permanece durante esse processo — da sua passagem de verbo pleno para o uso como auxiliar. Isso é importante, uma vez que, para esta dissertação, associa-se duração às perífrases AG, ViG, FG e CG. Logo, os verbos auxiliares deste trabalho (*andar*, *viver*, *ficar* e *continuar*) passam de plenos a auxiliares, assumindo uma função gramatical, embora ainda sejam usados como plenos em outras construções sentenciais. E assume-se que em sua nova função como auxiliar são responsáveis também pelo aspecto verbal denotado pela perífrase.

CAPÍTULO 2: AG, ViG, FG e CG: POR QUE PERÍFRASES DURATIVAS?

Para confirmar as hipóteses levantadas, neste capítulo são apresentados, primeiramente, a influência da passagem dos verbos plenos para a função de auxiliares para marcação da leitura durativa, uma vez que isso trouxe acarretamentos semânticos importantes, como, por exemplo, a persistência semântica (Hopper (1991)). Outra questão abordada será quanto à marcação de duração denotada pelo verbo auxiliar quando no presente do indicativo, bem como também presente na flexão do gerúndio. Além disso, o gerúndio é apresentado como um operador de subeventos.

2.1 A HISTÓRIA DOS AUXILIARES

Para a GT, os verbos *viver*, *andar*, *ficar* e *continuar* são plenos ou verbos de ligação. São verbos de sentido pleno em construções como as exemplificadas abaixo, retiradas da Folha Online:

(17) “Apesar de continuar internado, Thomaz Bastos já se alimenta normalmente e **anda** pelos corredores do hospital”.

(18) “O dalai-lama fugiu do Tibete em 1959 ... Desde então **vive** em Dharamsala, no norte da Índia”.

(19) “O maior arquipélago do mundo, é vulnerável a terremotos porque **fica** na região do chamado Círculo de Fogo do Pacífico.”

(20) “... o Real Madrid goleou o Valência, por 5 a 1, nesta quarta-feira e **continua** na liderança do Campeonato Espanhol.”

Nas sentenças (17) a (20), os verbos têm como complemento um locativo (embora a GT considere esses verbos intransitivos). Para o verbo *andar*, o dicionário Houaiss (2006) registra, para seu uso, a data de 1.082 o significado de “dar passos, mover-se por força própria ou não, vaguear, progredir”. Seu locativo em (17), “pelos corredores do hospital”, marca o local onde o sujeito da oração realiza a ação. Para

o *viver*, o dicionário Houaiss (2006) registra que seu uso data do século XIII e que seu significado é “morar em, habitar, residir”.

No caso de (18), embora intransitivo, não é possível dizer somente “Dalai-lama vive” com o mesmo significado que é apresentado na sentença. É necessário acrescentar “algo” que complete seu sentido. Porém, para a GT, o complemento de um verbo é denominado de objeto (ou direto ou indireto). Na sentença exemplificada, o que ocupa o “lugar” do complemento é um locativo, *em Dharamsala*. Isso se repete em todas as sentenças. Quanto a *ficar*, o mesmo dicionário diz que o seu uso data de 1.192, e como verbo intransitivo significa “estar situado, localizar-se”. No caso acima (19), o maior arquipélago do mundo se localiza na região do chamado Círculo de Fogo do Pacífico. Já o verbo *continuar* data do século XIV e como verbo intransitivo significa “seguir existindo, perdurar”. Na sentença em (20), o Real Madrid segue existindo na liderança do Campeonato Espanhol.

Como verbos de ligação são encontrados em sentenças como abaixo, também da Folha Online:

(21) “No outro dia, Lula se refere ao nosso partido de forma descortês e injusta”, criticou Agripino. “Lula **anda arrogante e auto-suficiente**”, afirmou ele.

(22) “ACM ainda mantém um sólido cacife eleitoral e uma poderosa base de operações, mas na política nacional **vive isolado e desnortado...**”

(23) “Allen filma porque sabe e porque pode fazê-lo, mas **fica feliz** por voltar para casa à noite”.

(24). “O movimento de veículos **continua intenso** nesta quarta-feira na zona sul do Rio e provoca lentidão”.

As sentenças (21) a (24) se caracterizam por apresentarem, conforme a GT, um verbo que funcionaria (ou estaria ocupando a posição) como verbo de ligação mais um predicativo, uma característica dada ao sujeito. Todos os verbos “ligariam” essa característica/predicativo ao sujeito das sentenças. Em (21), *andar* significa

“estar, sentir-se ou viver (em determinado estado ou condição)”, ou seja, na sentença dada, arrogante e auto-suficiente. Em (22), o significado para *viver* é “levar a vida de certo modo ou em determinada condição”, ou seja, isolado e desnorteado. Para o verbo *ficar* temos “converter-se em, mudar, transformar(-se), fazer-se ou adquirir certa qualidade”, (23) *tornar-se feliz*. Na última sentença (24), o significado de *continuar* é “manter-se do mesmo jeito, nas mesmas condições”, ou seja, permanecer intenso.

Também uma segunda possibilidade apresentada pela GT é considerar esses verbos como “verbo-nominais” — aqueles que indicariam uma ação realizada juntamente com um predicativo do sujeito. Nas sentenças acima, Lula anda e é arrogante e auto-suficiente (21); ACM vive e está isolado e desnorteado (22); Allen fica e está feliz (23) e o movimento de veículos continua e está intenso (24).

Esses verbos também são usados como transitivos (com objeto direto ou indireto — sublinhados nas sentenças da Folha Online, exemplificadas abaixo). Vejamos:

→ *Viver* como transitivo indireto (retirar sua subsistência de; ter como atividade produtiva; manter-se): “Homossexual **vive** da pesca e do corte da cana-de-açúcar em uma ilha da Argentina.”

→ *Continuar* como transitivo direto (dar ou ter seguimento a): “Os professores estão reunidos em assembléia para definir se a categoria **continua** a greve”.

→ *Andar* como transitivo indireto (ser conduzido ou transportado de carro, de avião, a cavalo etc.): “‘Late Show’ mostra cão que **anda** de bicicleta”.

→ *Ficar* como transitivo indireto (não ir além; limitar-se a): “Inflação em SP desacelera e **fica** em 0,08% em outubro”.

Além desses usos (pleno e ligação), esses verbos participam da formação perifrástica. Em PB, por exemplo, Mattos e Silva (1989) faz um estudo diacrônico dos auxiliares, baseado em dados principalmente dos verbos *ter* e *haver* na tradição

gramatical portuguesa das perífrases. A autora denomina os auxiliares de “verbos de inventário restrito” porque marcam somente modo-tempo, número-pessoa e são seguidos de uma forma nominal (de inventário aberto).

O verbo *andar*, apontado pela autora, quando usado como pleno, tem o sentido de “deslocamento no espaço com os pés”, sendo necessário sintaticamente um sujeito animado e um complemento circunstancial. Dos verbos analisados, por ordem de maior ocorrência no corpus estudado (*andar*, *seer*, *jazer*, *estar*, *ir+gerúndio*), o *andar* é o que mais aparece e tem o traço durativo. Contudo, na perífrase, para a autora, o sentido pleno é anulado quando usado como auxiliar. Vejamos dois exemplos apresentados por ela:

(25) Do ferro que jazia em o fundo do peego e tornou-se o mago que *andava nadando*.

(26) Ca hua meniha paralítica (...) *andou demandando* naquela eigreja.

Nas sentenças acima, *andar+gerúndio*, para a autora, “formam um grupo verbal”, pois o sujeito de (25) impede o significado de “deslocar-se com os pés” e a associação com nadar (*andar* e *nadar*) não poderia ocorrer ao mesmo tempo. Em (26) o sujeito estaria impedido de deslocar-se no espaço. O traço durativo, dessa forma, se associa ao verbo *andar* com os verbos que se seguem nas sentenças apresentadas, denotando um período em que o sujeito realiza a ação dada pelo segundo verbo, verbo de inventário aberto. Portanto, seriam formações perifrásticas.

Porém, nas sentenças abaixo, para Mattos e Silva (1989), não existiria perífrase, pois o verbo *andar* estaria sendo usado somente como pleno.

(27) E, como quer que fosse abade, *andava* per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas eigrejas e pelas casas dos homens *dizendo* muitas santas paravoa.

(28) Os ladrões que toda a noite *andaron cavando* no seu horto.

(29) Derribou aquela parede que os frades *andavan fazendo*.

(30) E o sacerdote *andava podando* savinha...

(31) Outra vez que os frades faziam ha parede... e disse-lhe (o enmiigo) que ia aos frades que *andavam trabalhando*.

Nas sentenças acima, "... o referente do sujeito de *andar* não é só animado, mas pode deslocar-se com os pés, e o acto expresso pelo gerúndio é compatível com o acto de andar" (MATTOS E SILVA 1989, p. 453). O que o gerúndio expressa, para a autora, nas sentenças acima, é passível de realizar-se enquanto se anda — generaliza uma atividade física que pode ser simultânea ao ato de andar. Portanto, para ela, autora, não constituiria uma construção perifrástica.

Contudo, embora não se tenha a intuição do falante desse período ao qual o dado pertence, parece que essas sentenças são, no mínimo, ambíguas: podem significar atos simultâneos ou denotar a duração. Em (27), por exemplo, o sujeito da sentença poderia *andar dizendo* "paravoas" por todos os lugares por onde passava, apresentando, dessa forma, uma leitura durativa. Isso também ocorreria em (26): pode ser andar e podar savinha, como uma ação contínua de podar savinha. E, não parece tão aceitável que em (28) haja ato compatível com o andar (andar e cavar), por exemplo. Ou seja, levar em consideração que se tem ou não atos simultâneos e que são ou não compatíveis com o ato de andar, proposta por Mattos e Silva (1988), não é a melhor solução para se considerar o que é uma perífrase ou não.

Além disso, embora essa leitura apresentada pela autora seja viável, também a interpretação durativa está presente em todas elas, já que há outros fatores que devem ser relevantes para a formação perifrástica. Um deles diz respeito à persistência semântica — algum traço do significado original tende a permanecer em seu novo uso. O significado de movimento/deslocamento do verbo pleno *andar* se mantém durante o processo de gramaticalização, ao ser usado como auxiliar.

Além do que, embora aceitável, parece estranho se for levado ao "pé da letra" o fato de se ter duas ações nas sentenças acima simultaneamente. Andar e cavar no

seu horto em (28), por exemplo, não seria andaron e cavaron? Como dito acima, uma leitura permitida é a de que os sujeitos dessas sentenças estão realizando duas ações “ao mesmo tempo”. Porém, a leitura durativa associada ao verbo *andar* com os verbos que se seguem nas sentenças apresentadas denotam um período em que o sujeito realiza a ação dada pelo segundo verbo. Na sentença (28), por exemplo, há um adjunto que marca a frequência com que o evento ocorre. Não é só um evento durativo, mas também iterativo, ou seja, se repete freqüencialmente “toda noite”.

Outra questão não abordada pela autora é em relação ao tempo verbal em que se encontra o verbo *andar*. A maioria deles está no pretérito imperfeito, o tempo verbal que também denota imperfectividade, ou seja, ações que perduram (duram) no tempo. Além disso, são atéticas — sem marcação de um término para a ação. Tanto é assim, que é possível parafrasear todas as sentenças: “Os ladrões cavavam no seu horto”; “Derribou aquela parede que os frades faziam”; “E o sacerdote podava savinha” e “Outra vez que os frades faziam ha parede... e disse-lhe (o enmiigo) que ia aos frades que *trabalhavan*”.

A tese de que, nas sentenças acima, não há formação perifrástica e sim dois verbos plenos indicando duas ações simultâneas, pois o verbo *andar* deve seguir-se de um outro, cujo significado possa ser associado ao de “deslocar-se com os pés”, parece difícil de sustentar, já que não leva em conta outros fatores, por exemplo, a flexão verbal do auxiliar, o uso de adjunto temporal ou a persistência semântica.

Logo, o que fica evidente é que o significado de movimento/ deslocamento do verbo pleno *andar* na passagem para auxiliar se manteve durante o processo de gramaticalização.

Outra pesquisa que aponta para essa mesma constatação é a realizada por Menon (2006)¹³ com os auxiliares *ser*, *jazer*, *ir*, *vir*, *andar* e sua respectiva transformação para *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *continuar* e *estar*. Primeiramente, a autora registra que o uso de formações perifrásticas não é um fenômeno recente na Língua Portuguesa, como costumam apontar muitos gramáticos mais tradicionalistas, pois

¹³ No prelo.

são necessárias para expressar modo e aspecto. A pesquisa foi realizada com textos diversos (narrativas e documentos históricos) e há a constatação de que no uso de perífrases com gerúndio, o Brasil é conservador e Portugal inova ao usar construções com infinitivo (*estar+ a+ infinitivo*, por exemplo).

Os verbos auxiliares pesquisados pela autora, no processo de gramaticalização, passaram por transformações de sentido e podem continuar a coexistir como verbos plenos. Para o *ficar* (no latim *figicare*), significava “ausência de movimento”, permanecer parado, imóvel, fincar”. *Andar* como significado de movimento passou a significar ações que se repetiam, não só espacialmente como temporalmente, indicando posteriormente também um estado (andar doente, por exemplo). É interessante notar que esta transformação de sentido trouxe para o auxiliar *andar* a pressuposição de ação repetida (alternância dos pés para gerar movimento, ou seja, um passo depois do outro) se especializando na formação de perífrases AG (anda fazendo, anda comendo, anda lendo, etc.). A autora exemplifica que esse uso já era recorrente no português seiscentista:

(32) “...a qual notificação lhe fizerão andando elle paffeando a cauallo junto de a seuilha na praya do rio ...” (Benedictina Lusitana, p. 548)

Outra constatação importante da autora: perífrases de gerúndio sempre foram produtivas em Língua Portuguesa — foi computado o uso de duas ocorrências, em média, para cada página nas obras pesquisadas. O *andar*, por exemplo, já formava perífrase no século XIV (na primeira obra “Orto do esposo”), o *ficar* aparece no século XVI (na obra História de Portugal) substituindo o *jazer*. Ambos tinham em comum o significado de “imobilidade, ficar parado, fincar”. O *continuar* surge como auxiliar no final do Século XVII, início do XVIII em Autobiografia, embora seja a partir do século XIX que seu uso ganha força, não só seguido de gerúndio, mas também de *a+ infinitivo*. O *andar* foi substituído pelo *estar* com sentido estativo, passando a ser usado somente com o sentido iterativo na língua moderna (em seu sentido de tempo transcorrido) e o *ficar* e *continuar* foram os últimos verbos a ocupar a posição de auxiliares nas construções perifrásticas. Para exemplificar, há abaixo partes de trechos apresentados no trabalho da pesquisadora:

(33) a. “... todos aquellos que **andauã trabalhando** êna obra do mosteyro...” (Orto do Esposo, p.163)

(34) “... e ela **ficou governando** a terra e ele **defendendo-a**, porque se a ele não deferdera, seus inimidos lha tomaram. (História de Portugal, p. 432)

(35). “...Assim **continuou criando** defuntos, sempre na baixa!” (Cartas Oriente, p. 25)

(36) “...para **continuar a entregar** à criada a sua pensão...” (Cartas Oriente, p. 31).

Em todas as sentenças acima, observa-se que os eventos duram no tempo. Ou seja, o traço durativo se faz presente. Também se entende que, historicamente, no processo de gramaticalização, a “persistência semântica” é um fenômeno que se verifica. Devido ao trabalho de Menon (2006), especificamente, pode-se afirmar que, na passagem de verbo pleno para o uso como auxiliar, esses verbos “carregam” consigo parte de seu significado original.

2.2 PRESENTE DO INDICATIVO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO

Para Comrie (1976), o presente é a base para o passado e para o futuro, ou seja, um ponto central no tempo, restrito à fala. A partir daí, os demais pontos se configurariam na linha temporal. Para o autor, o presente é dêitico por representar o momento da fala, ou seja, é estritamente momentâneo ao denotar a concomitância entre o MR e o MF. Por isso, aplicado principalmente para estados e atividades, daria a ele um caráter de representação da homogeneidade. Outra característica apontada pelo autor é que o presente é usado para descrições de comportamentos, implicando o “mundo real” e, dessa forma, indica uma situação atemporal que se estende no tempo (caráter durativo do presente).

Embora haja essas características básicas do presente do indicativo — indicar a ocorrência do evento como concomitantemente ao momento de fala e, por outro lado, ser atemporal — ele possibilita também apresentar estados permanentes, independentemente do tempo cronológico. Ainda indica uma ação habitual ou

descreve/narra fatos já ocorridos no passado (conhecido como presente histórico ou narrativo). São exemplos, sentenças como: “a terra gira ao redor do sol”, “falo muito” ou “o Brasil torna-se independente, em 1922”. O presente pode ainda indicar acontecimentos que costumam se repetir mais ou menos com frequência (conhecido como presente iterativo ou freqüentativo), como em “de madrugada os galos cantam”. Ao apresentar um evento que ocorre no momento em que se fala, em PB é expresso principalmente com o emprego do auxiliar *estar*: “Estou conversando com você”, em detrimento de “converso com você”.

Ou seja, o presente, além de ser uma forma verbal bastante versátil, é o “*único em que se assinala uma duração, contínua ou repetida, até o momento presente*” (MATTOSO CÂMARA 1979, p. 168), apresentando, assim, indícios da duração. Também para Wachowicz (2005), o presente é o tempo verbal que tem como característica indicar homogeneidade, duratividade e atelicidade, ou seja, marcas da imperfectividade. Esses traços já foram explicitados anteriormente na seção 1, deste capítulo.

Devido a essas constatações, confirma-se que a duração encontra lugar igualmente no uso do presente: apresentar os traços durativo e homogêneo (o presente histórico). Dessa forma, para as perífrases aqui analisadas, é possível associar a duração, uma vez que é constituída por auxiliares no presente do indicativo, tempo verbal que tem como marca principal a duração.

2.3 GERÚNDIO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO

O gerúndio, conforme Said Ali (1964), pode ser usado como gerúndio absoluto (constitui orações) ou em combinação com auxiliares. Em linhas gerais:

1. no início do período, indica uma ação realizada imediatamente antes da ação expressa na oração principal. Exemplo: “*Obtendo a nota, não estudou mais*”;

2. ação que ainda continua, mas que foi iniciada antes da indicada na oração principal. Exemplo: “*Falando alto, começou a repreender todos*”;

3. ao lado do verbo principal, exprime ação simultânea que tem valor de advérbio de modo. Exemplo: “*Falava gesticulando o tempo todo*”;

4. pode vir junto ao substantivo com valor de adjetivo. Exemplo: “*água fervendo*”.

5. depois da oração principal, expressa ação posterior, tendo o valor de uma oração introduzida pela conjunção. Exemplo: “*Passam dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago* (Graciliano Ramos)”.

Para esta dissertação, esses usos não são levados em consideração, pois interessa compreender a função do gerúndio na formação perifrástica. Ou seja, o objetivo é verificar qual é a sua relevância para a denotação da leitura durativa das perífrases AG, ViG, FG e CG. O que se percebe é que o traço durativo associado também ao presente do indicativo está também associado à flexão *-ndo*, nesse tipo de perífrase. Said ali (1964) afirma que essas construções apresentam a duração ou a repetição e diz encontrá-las já em Camões: “não sofre muito a gente generosa andar-lhe os cães os dentes amostrando”.

Ao observar o tratamento dado ao progressivo por Bertinetto (1994), (1996) ou Squartini (1998), é possível fazer algumas comparações com as perífrases de gerúndio aqui analisadas, não pela leitura de duração que também apresentam, mas, principalmente, pela sua construção formal (auxiliar + verbo no gerúndio). Assim como o progressivo, encontrado nas línguas românicas, por exemplo, as perífrases AG, ViG, FG e CG podem ser diferenciadas como uma noção semântica e como uma manifestação formal. Isso é um “dispositivo” da morfossintaxe.

Para as línguas românicas, diz Bertinetto (1996), esse dispositivo pode ser empregado livremente para o presente, o pretérito imperfeito ou mesmo o futuro. Não é somente restrito a situações verdadeiramente de imperfectividade, embora mostre uma predileção para tais contextos. Isso também pode ser atribuído às perífrases AG, ViG, FG e CG, porque em PB elas são construções mais livres, no sentido de que seu uso não é restrito aos verbos atélicos, alcançando um sentido de continuidade, sendo um dispositivo puramente imperfectivo.

Há uma restrição acional, pelo menos para o inglês, ao usar o progressivo, que é a impossibilidade de seu uso com verbos de estado. Porém, esse problema é bastante complexo para vários casos, já que a mesma entrada lexical pode ou não ser compatível com o progressivo, dependendo da interpretação. Quando isso acontece, acredita-se que essa entrada lexical é na realidade ambígua entre um estativo e um não-estativo, segundo Bertinetto (1994). Compare:

(37) a. “Na nova logomarca, além das cores da bandeira do Piauí – branca, azul, verde e amarela, há um boneco estilizado que **se assemelha** a uma estrela vermelha, símbolo do PT”. (Folha Online)

(38) “Alfredo de Lara, cinegrafista da CNN, é um dos nove estrangeiros que ainda permanecem no país depois dos ataques aos EUA. Desde então, ele deixou a barba crescer, **assemelhando-se** aos moradores do local para não chamar a atenção, e quase não sai do hotel.” (Folha Online).

Enquanto em (37) e (38), as sentenças descrevem uma situação estática, a paráfrase de (37) em (39) sugere um processo de transformação, tanto é assim que o predicado pode ser transformado por meio de expressões como: está ficando mais semelhante a uma estrela vermelha.

(39) Na nova logomarca, além das cores da bandeira do Piauí – branca, azul, verde e amarela, há um boneco estilizado que **está/vai/anda se assemelhando** a uma estrela vermelha, símbolo do PT.

Não são todos os idiomas que são igualmente propensos a exibir esse tipo de duplicidade lexical. Isso é particularmente evidente com estruturas “cópula”, como: ser tolo, ser amável, ser rude, ser inteligente, etc. Porém, deve-se levar em conta a diferença entre predicado *individual-level* e *stage-level* (terminologia de Carlson (1977) *apud* Squartini (1998)) em que, com o primeiro, as propriedades referidas em uma sentença são imutáveis no tempo — estado permanente (“Renato Janine faz parte do "marielismo", ...Renato é "estudioso" de Hobbes.” — Folha Online). Ou seja, não é tão aceitável dizer que alguém está sendo estudioso, pois é um estado

permanente do sujeito descrito pela sentença (é ou não é, ou pode-se afirmar isso em situações pragmáticas mais específicas).

Para o segundo (stage-level), as propriedades referidas em uma sentença são transitórias (estados transitórios), sendo possível dizer, por exemplo, “De acordo com a imprensa britânica, os bancos estão sendo vítimas dos relatórios negativos” (Folha Online). Ou seja, é vítima naquele momento, pois a sentença não descreve o estado permanente do sujeito. Porém, novamente em PB, isso é mais flexível. Verbos como *saber* ou *poder* (estativos) podem sugerir ou uma situação permanente ou uma temporária. Em “Estou sendo pego de surpresa com essa informação de que ele já saiu, não estou **sabendo** que ele já acertou, afirmou o artilheiro do Botafogo” (Folha Online), a construção com o progressivo é feita com verbo estativo (saber) e indica uma ação transitória.

É interessante se observar que mesmo em PB é mais aceitável dizer que alguém está tendo dor de cabeça, por exemplo, do que alguém está tendo olhos azuis. Essa segunda leitura é possibilitada pragmaticamente, caso, por exemplo, alguém começou a usar lentes de contato e se diga “ele está/vive/anda tendo olhos azuis ultimamente”.

Dessa forma, observa-se que os estativos se associam à noção de “não-agentividade”. E com as perífrases AG, ViG, FG e CG, essas construções são possíveis: *vive se assemelhando*, *anda se assemelhando*, *continua se assemelhando* ou *fica se assemelhando*. Embora a leitura durativa vigore nessas construções, a “não-agentividade” também prevalece.

Squartini (1998) também discute o uso das construções perifrásticas nas línguas românicas e possui argumentos muito semelhantes aos apontados por Bertinetto (1996). O autor diz que, quando usado com formas não-durativas, o progressivo força uma interpretação iterativa. Por exemplo, “esteve golpeando a porta”: a leitura é de que vários golpes são dados na porta, sendo, portanto, para ele, um operador acional. Além de que não focaliza o ponto final da ação, denotando, assim, aspecto imperfectivo. Desse modo, essas perífrases são usadas para indicar duração de uma situação em um dado tempo.

Essa colocação pode ser estendida também para o PB. E, para as perífrases com gerúndio, a proposta de leitura é a imperfectiva porque possui uma interpretação de ininterrupção (traço durativo). É razoável dizer que elas marcam ambas as coisas: imperfectividade e duratividade. Imperfectividade, uma vez que não marcam o ponto inicial nem o final da ação, e duração, pois, em um período de tempo, a ação permanece em um estado temporário, sendo a ação visualizada como em andamento — em curso, intermediária entre o início e o fim, sendo este um subdomínio da imperfectividade.

2.4 GERÚNDIO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO E DE SUBEVENTOS EM PERÍFRASES VERBAL

Os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* funcionam como núcleos que selecionam uma forma nominal específica para formar a perífrase, o gerúndio¹⁴. Os auxiliares aspectuais deste trabalho trazem informações lexicais sobre a fase interna de um evento e selecionam o aspecto imperfectivo do gerúndio (este exprime o processo verbal em curso, ou durativo, com os traços + linear, + homogêneo, - terminativo ou – conclusivo, em formações perifrásticas).

A partir do princípio de que esses auxiliares são, portanto, aspectuais e selecionam o gerúndio para formar a perífrase, a proposta, a partir de agora, é analisar essas perífrases como aquelas que focalizam um intervalo de tempo, ou como Bertinetto (1996) denomina, Ponto de Focalização (PF) e neste há a iteração do evento. O PF é inferido e marcado pelo uso do auxiliar no presente do indicativo mais o gerúndio (MR+ME). O auxiliar abre um intervalo de tempo indeterminado, ou seja, de um passado próximo até o momento de fala, ultrapassando este. Dentro desse intervalo, o gerúndio marca subeventos *e* que se repetem em subintervalos de *t*.

¹⁴ Para o *continuar*, em PB, ainda há a seleção de uma preposição + infinitivo para marcar a duração: “As bolsas americanas passaram a cair na tarde de hoje, ... apesar de moderada, **continua a subir** em uma economia em desaceleração”. (Folha Online). Uma outra observação: para os demais auxiliares deste trabalho, no Português Europeu, também há a seleção de *preposição a + verbo no infinitivo* marcando a duração de um evento: “*anda a comer, vive a comer, fica a comer*”, por exemplo. Em PB, embora haja esse registro, é menos comum do que o auxiliar mais gerúndio.

Para tratar as perífrases como se propõe nesta dissertação — o gerúndio como um marcador de subeventos — inicialmente a proposta de Parsons (1990) para o progressivo (estar+gerúndio) parecia interessante. Porém ainda insatisfatória. O autor afirma, primeiramente, que o progressivo não deve ser considerado um operador aspectual, mas sim, acional. Ele transformaria sentenças com verbos *accomplishments* e *achivements* em predicados atélicos. Isso quer dizer, em atividade, ou como o autor propõe em sua formulação original, um estativo. Ou seja, sua forma lógica daria conta de dizer que os eventos durariam no tempo. Contudo, isso não se verifica para o PB, porque as formações perifrásticas de gerúndio podem ocorrer com qualquer classe aspectual, inclusive com verbos estativos, uma restrição apresentada para o progressivo do Inglês, por exemplo, como mostra Parsons. O autor apresenta a seguinte forma lógica que daria conta de sentenças progressivas para essa língua:

(40) Prog (\emptyset) is true at interval t of event e iff e holds at t .

(Prog (\emptyset) é verdade em um intervalo t do evento e se e somente se e “dura” em t).

Em sua análise, Parsons admite que o HOLD acima é definido como um predicado estativo. Assim, o progressivo não poderia ser aplicado originalmente a verbos de estado e sim a atividades *accomplishments* ou *achivements*. Isso não poderia ocorrer porque seria puramente redundante, uma vez que a função do progressivo seria “converter” o evento em um estado. Sobre estativos, eles poderiam receber uma interpretação progressiva dentro de contextos pertinentes, mas que regularmente não podem assumir a morfologia progressiva. Outra restrição seria com verbos estritamente pontuais — aqueles que só permitem uma leitura em que o evento é visto como acontecendo em um instante de tempo.

Porém, ao se comparar com o uso do gerúndio em PB, isso não se verifica. Por exemplo: é possível encontrar sentenças como as abaixo, retiradas da Folha Online, em que os verbos são *achivements* (estritamente pontuais), porém os eventos denotados estão se repetindo (ou durando) no tempo. Essas sentenças possuem verbos conhecidos na literatura como semelfactivos, segundo Smith (1991), veja:

(41) “Tem as variáveis, é só você **ir clicando** E pronto!”

(42) “Rogério, de braços abertos, também deu orientações aos berros. ‘Tem que abrir alguém porque ninguém **está acertando** a cabeçada’”,

(43) “...já que na Roma vem jogando mais no meio-campo, **encostando** nos atacantes..”

(44) “O balão vai **encostando** no chão até parar, quase quicando”.

(45) “Se a gente [as polícias] ficar discutindo se terrorismo é com s ou z, os criminosos vão **continuar tocando** fogo em ônibus”.

(46) “Nos bailes **ficam se relando**”, as letras incitam”.

(47) “Podemos afirmar que os consumidores **estão encontrando** o ponto de maturidade e consciência no uso do crédito”.

(48) “A equipe de hoje **está encontrando** o seu melhor momento. O ideal é manter o time no grupo da frente...”

(49) “O mais importante conselheiro do presidente americano, George W. Bush, para questões ligadas à Aids disse que o mundo **está perdendo** a batalha contra o vírus”.

Portanto, em casos particulares de eventos momentâneos/instantâneos no tempo, esse único átomo do evento é posto em foco (PF) permitindo a leitura durativa/iterativa, como nos exemplos dados em (41) a (49). Em todas as sentenças acima, os verbos no gerúndio são *achiviements* (verbos estritamente pontuais: *clicar*, *acertar*, *encostar*, *tocar*, *relar*, *encontrar* e *perder*). Dessa forma, pela proposta de Parsons (1990), seria difícil perceber que os eventos estão HOLD (entendido como duração). Além disso, não seria possível haver uma suspensão dos eventos antes de seu término, pois evento pontual é caracterizado como evento único que simplesmente “ocorre” naquele instante.

Porém, ainda assim, o progressivo (estendido aqui para perífrases de gerúndio) pode ser empregado com esses verbos e nas sentenças acima há

duração para todos os eventos descritos. Essa é a crítica de Bertinetto (1996) à proposta de Parsons, pois fica mais difícil entender que o evento está apenas sofrendo um efeito de “durativização”. Na verdade, o gerúndio pode ser aplicado tanto para *accomplishments*, detelizando-os, e tornando-os *atividades*, quanto para *achievements* ou estados. Não é um operador somente acional, com função principal de mudar, possivelmente, a natureza do predicado, mas denota um evento que dura e/ou se repete no tempo.

Bertinetto (1996), ao tratar das línguas românicas, diz que a função do progressivo é puramente aspectual e funcionaria como operador de particionalização (partialization operator) do evento. Essa noção, para o autor, melhora a proposta apresentada por Parsons, no sentido que permite tratar o progressivo dentro da categoria da imperfectividade. Essa noção será empregada para as perífrases de gerúndio aqui analisadas, tomando como referência o conceito de “particionalizar” em subeventos um evento, proposto pelo autor.

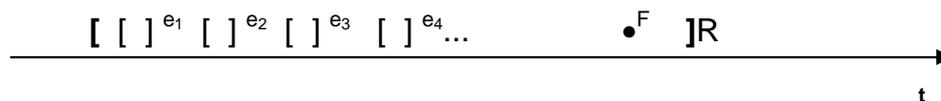
Para ele, PF é o objeto de uma pressuposição de familiaridade’. Isso significa dizer que o falante/ouvinte “sabe” a localização temporal de PF, até mesmo quando não é declarado na oração, por algum referente temporal, como os adjuntos de tempo, por exemplo. Ou seja, o PF é inferido como um intervalo de tempo ao se associarem o auxiliar mais o gerúndio. Por exemplo, se alguém diz “*ele anda comendo*”, se infere um intervalo de tempo aberto (sem início ou fim, ou seja, o PF), e nesse intervalo o evento de *comer* se repete. Essa associação seria assim entendida: auxiliar (R= Momento de referência) + verbo pleno (E= momento de evento) = PF (intervalo inferido de tempo).

Bertinetto (1996) diz que o progressivo (essa noção, como dito anteriormente, é utilizada aqui para o gerúndio, na formação de perífrases durativas) apresenta uma interpretação iterativa, pois denota que o evento se repete indefinidamente dentro do intervalo de tempo: “The event is repeated in a number of occasions, whose frequency of occurrence is specified by the context” (O evento é repetido em um número de ocasiões, cuja frequência de ocorrência é especificada pelo contexto). Logo, essa interpretação insinua existir uma pluralidade de tempos de ocorrência de cada subevento incluída dentro do macroevento global (durativo) e

esta interpretação é governada também pelo uso do gerúndio. Ou seja, dentro de um intervalo de tempo t (macroevento), haveria ainda subintervalos ($t_1, t_2, t_3, \dots, t_n$), nos quais os subeventos ($e_1, e_2, e_3, e_4, e_n, \dots$) se repetem.

Desta forma, a interpretação para “anda dizendo”, por exemplo, é a de que há subeventos ocorrendo dentro do intervalo de tempo. Teríamos um intervalo de tempo aberto em que o evento (macroevento) de *dizer* se repete em subintervalos em que se *diz* uma, duas, três vezes... e assim sucessivamente. Abaixo, para melhor visualização do que se diz, há uma representação em uma linha de tempo, com uma sentença da Folha Online:

(50) Ivete Sangalo **anda dizendo** que está fazendo muitos exercícios na região traseira. (Folha Online)



(Ela **anda dizendo**)

Na representação acima, o intervalo de tempo aberto é representado pelos colchetes maiores (R). Esse intervalo é inferido pelo *anda + dizendo* (que nos dá o ponto de focalização — PF), sobre o qual o evento E *dizer* se subdivide em subeventos *e* (*diz, diz e diz* indefinidamente), em subintervalos de tempo t , representado pelos colchetes menores []. Assim, se entende que, em cada subintervalo de tempo t , houve um subevento em que Ivete repete o evento de *dizer*. Isso ocorre indefinidamente sem precisar a quantidade do número de vezes em que “diz estar fazendo exercícios”.¹⁵

Ou seja, essa proposta de Bertinnetto (1996), com as devidas “acomodações” sugeridas acima, são necessárias aqui (apresentadas na linha temporal), pois interessam para o trabalho com as perífrases AG, ViG, FG e CG: assume-se aqui

¹⁵ Não discuto se a relação do todo é da mesma natureza das partes ao se usar as diferentes classes acionais, ou seja, se os subeventos que se repetem são da mesma natureza do evento. Em “anda construindo a casa”, por exemplo, os subeventos são de natureza distinta de “construir a casa”. No entanto, há subeventos que ocorrem em subintervalos de tempo. É essa afirmação que interessa neste momento e não que tipo de subevento é: da mesma natureza do todo ou diferente deste.

que o gerúndio apresenta a possibilidade de uma dupla leitura: pode indicar então somente uma leitura durativa do evento no intervalo de tempo, mas também pode apresentar o evento como se repetindo em um número indeterminado de vezes (em subeventos e subintervalos), em uma leitura iterativa. Ou ainda, uma dupla possibilidade ao mesmo tempo: duração e repetição. Além disso, essa repetição, os subeventos, não necessariamente é entendida como sendo da mesma natureza do evento.

2.5 ENFIM PERÍFRASE VERBAL DURATIVA...

O *andar + gerúndio*, em italiano, coexiste com outras perífrases formadas com auxiliares chamados de movimento, como, por exemplo, o *ir* e o *vir* (Squartini (1998)). É o que parece também ocorrer no PB: o *vir*, por exemplo, é usado em perífrases do tipo “*vem comendo*” e indica ações que se repetem no tempo. Uma interessante observação apresentada pelo autor em relação ao *andar + gerúndio* e ao *estar + gerúndio*, em italiano, é que aparecem em contextos como os abaixo, mostrando a diferença do grau de gramaticalização entre os dois auxiliares:

(51) Ieri alle 5 Paolo estava partendo.

Ontem às 5h, Paulo estava partindo.

(52) *Ieri alle 5 Paolo andava partendo

*Ontem às 5 h, Paulo andava partindo.

Para o autor, o *estare* em (51) estaria mais gramaticalizado e indicaria uma situação não concluída, ou seja, ainda em progresso, mesmo ao se usar o verbo *partir*, estritamente pontual. Isso se difere de (52) em que o auxiliar *andare* estaria menos gramaticalizado, em italiano, e pode indicar ações que se repetem no tempo. Com o *continuar + gerúndio*, a melhor leitura seria a continuativa (termo usado por Squartini (1998)), pois teve um início não marcado na sentença, expressando apenas a continuação da ação.

Ao comentar o uso do auxiliar *andar* no português, Squartini (1998) diz ser similar ao italiano para os contextos iterativos e que seu uso está menos avançado no processo de gramaticalização que quaisquer de seus competidores diretos (como

o *vir + gerúndio* ou *viver+ gerúndio*) porque não sofre nenhuma restrição acional. Ou seja, a formação perifrástica pode se dar com *accomplishments*, *achiviements*, atividades e estados. Isso se deve ao fato de o verbo *andar* estar menos gramaticalizado do que o verbo *ir* ou *estar*, por exemplo.

Dessa maneira, não seria possível categorizar as perífrases com *andar* somente como aquela que denota o aspecto imperfectivo. É necessária uma abrangência maior dessa nomenclatura, que abarque a duratividade, a iteração ou a freqüencialidade de uma ação expressa pela perífrase. Outras vezes, os contextos podem indicar iteratividade, mesmo ao se usar adjuntos do tipo “de tempo em tempo”, “pouco a pouco” etc., como no exemplo abaixo, com esses adjuntos acrescentados entre parênteses, em sentenças da Folha Online.

(53) “No que diz respeito ao meio ambiente, o premiê considerou que a economia chinesa **continua consumindo** muita energia e é muito poluente” /de tempo em tempo, pouco a pouco.

Essas situações iterativas mostram o que Squartini denomina de “descontinuidade” (SQUARTINI 1998, p. 218), uma vez que o evento não ocorre continuamente no tempo. Ele pode se dar repetidamente sem ser um subevento seguido posteriormente a outro (como se, acima, consumisse em um subintervalo de tempo e no subsequente não, no próximo sim, outro não, sucessivamente dessa forma). Essa descontinuidade, explicaria, para o autor, por que ao se usar verbos de atividade, *accomplishments* ou mesmo *achiviements*, a interpretação para a perífrase seria de iteratividade.

Outra possibilidade de leitura iterativa com esses tipos de verbo seria a introdução na sentença de advérbios de modo que funcionariam como “intensificadores” (SQUARTINI 1998, p. 220, 221 *apud* Bertinetto (1989), (1990)), embora, como aponta o autor, nem todos funcionariam da mesma forma. Um exemplo da Folha Online para ilustrar essa afirmação:

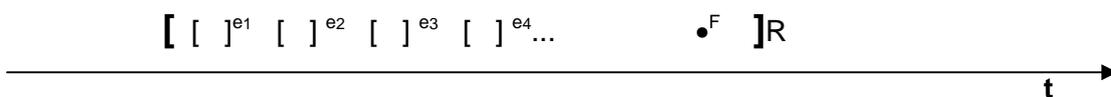
(54) “Desligado o carregador, o celular **continua vibrando** (pouco a pouco) até ficar descarregado”.

(55) “Você **continua usando**” (com prazer).

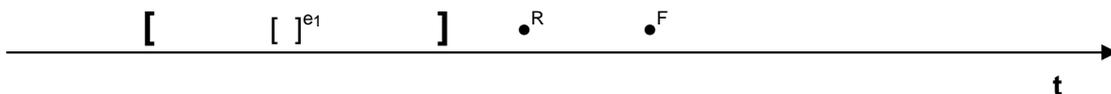
Em (54), diz Squartini, temos iteratividade marcada pelo advérbio “pouco a pouco”, enquanto em (55) não haveria essa marcação devido ao uso do advérbio de modo “com prazer”. Contudo, essas considerações relativizam-se em PB, pois construções perifrásticas com gerúndio aceitariam mais livremente diferentes classes aspectuais, e em (55) há duração da mesma forma. Logo, essas discussões sobre a formação perifrástica com leitura durativa, no italiano, e com possibilidade de repetição do evento, principalmente com o auxiliar *andar*, apontam para o caráter aspectual dessas perífrases.

Também por isso, se associam as colocações acima às perífrases AG, ViG, FG e CG como sendo durativas que indicam, também, a repetição do evento no tempo. Para melhor compreender, observe abaixo a diferença entre perífrases temporais e aspectuais, representadas na linha do tempo, em que, para Wachowicz (2005), perífrases temporais têm relação de ordem entre **E** e **R** (57),¹⁶ e em perífrases de aspecto essa relação é de inclusão (56).

(56) “Lula não se atreve a fazê-lo. Ele **vive fazendo** declarações de simpatia e amor a Chávez” (Folha Online).



(57) “Ela **tinha comido** frango antes de ficar doente”. (Folha Online)



Em (56), o auxiliar seria aspectual, pois tem relação de inclusão, abrindo um intervalo de tempo (**R**) — colchetes maiores — sobre o qual o evento (**E**) se repete

¹⁶ Lembrando: R é o momento de referência dado na perífrase pelo auxiliar, E é o momento de evento dado pelo verbo pleno. F é o momento de fala. Na perífrase durativa, a associação R e E denota o Ponto de Focalização (PF), o intervalo inferido de tempo.

em subeventos e, representado na figura pelos colchetes menores. O momento de fala está incluído no momento de referência. No pretérito imperfeito, em (57), por exemplo, exibe-se uma ação já concluída, no passado. O momento de fala está localizado fora do MR. Os auxiliares (no pretérito perfeito e imperfeito) passam a ter leituras também temporais, ou seja, localizando o evento descrito pelo verbo principal num dado momento anterior ao dele e ao de momento de fala.

Para esta dissertação, assume-se que a perífrase de gerúndio (AG, ViG, FC e CG) expressa intrinsecamente a imperfectividade — uma ação em processo/curso/andamento, mesmo que seja formada com verbos plenos pontuais ou estativos, pois neutraliza o valor pontual e emprega a leitura imperfectiva (não marca o início nem o ponto final). A perífrase possui um valor durativo. E, como afirma Bertinetto (1996), focaliza um ponto no tempo, o PF (uma abertura temporal, um intervalo) denotado pela relação R e E (auxiliar + gerúndio) sobre o qual, o evento tem duração e dentro do intervalo se repete, como está representado em (56).

CAPÍTULO 3: AVALIANDO O ASPECTO DURATIVO (proposta de testes)

3.1 AVALIANDO A LEITURA DURATIVA, ITERATIVA, FREQUENCIAL DE AG, VIG, FG E CG

Para se confirmar as afirmações do capítulo 2, propõe-se testar, nesse momento, as conclusões a que chegamos, utilizando as sentenças do Varsul/PR e da Folha Online, bem como sentenças criadas. Essas sentenças exemplificadas foram retiradas do banco de dados do Varsul/PR (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati), de entrevistas em que o informante é solicitado a descrever hábitos do lugar em que vive, como as pessoas trabalham, sua família, como é o movimento econômico, etc., e da Folha Online, acessada entre os meses de março e novembro de 2007, de textos informativos diversos, em um total de 500 textos para cada tipo de perífrase analisada.

Dos dados do Varsul, para cada verbo foram consultadas gravações de 24 falantes das quatro cidades do Paraná, em um total de 1 hora de gravação para cada falante. Os resultados em termos numéricos são: **ANDAR**: 136 sentenças totais — 13 COM PERÍFRASE, destas, 4 com o auxiliar no presente do indicativo. **VIVER**: 221 sentenças totais — 17 COM PERÍFRASE, sendo 9 com auxiliares no presente do indicativo. **FICAR**: 1158 sentenças totais — 97 COM PERÍFRASE, sendo 59 com o auxiliar no presente do indicativo. **CONTINUAR**: 271 sentenças totais — 40 COM PERIFRASE, sendo 23 com auxiliar no presente do indicativo.

Na última consulta ao banco de dados da Folha Online, em 12/11/2007, para o verbo *andar* verificou-se a ocorrência de 1.812 textos em que aparece esse verbo usado no presente do indicativo, para o *viver* foram 10.853 ocorrências, para o *ficar* foram verificadas 38.278 e para o *continuar* 36.256 (esse número de ocorrências é informado pela página da Folha Online e muda a cada dia, pois são acrescentados novos textos constantemente). E entre esse total, para cada verbo foram acessados 500 textos e retiradas as sentenças em que aparecia a construção perifrástica, somente com os auxiliares no presente do indicativo. Com a formação AG, somam-se 33 textos dentre o total de 500. Com VG são 12 textos. Com FG são 10 textos e CG são 40 textos.

Foram deixadas de lado outras formações perifrásticas e também as formações AG, ViG, FG e CG com outros tempos verbais, devido ao tempo necessário para um estudo mais aprofundado e mais abrangente também com esses tempos verbais. Para melhor visualização, seguem abaixo esses dados em uma tabela.

Dados do Varsul: 1.^a coluna refere-se à quantidade total de sentenças (**sent.**) em que aparece o verbo, a 2.^a refere-se à quantidade de sentenças com perífrases para esse verbo (**perif.**) e a 3.^a refere-se à quantidade de perífrases com auxiliar no presente do indicativo (**pres.**)

	sent.	perif.	pres.
ANDAR	136	13	4
VIVER	221	17	9
FICAR	158	97	59
CONTINUAR	271	40	23

Tabela 3: Dados do Varsul/PR.

Dados da Folha Online: 1.^a coluna refere-se à quantidade total de textos em que aparece o verbo pesquisado (**texto**), a 2.^a refere-se à quantidade de sentenças com perífrases em que auxiliar está no presente (**perífrase**), retiradas de um total de 500 textos dentre a soma geral.

	texto	perífrase
ANDAR	1.812	33
VIVER	10.853	12
FICAR	38.278	10
CONTINUAR	36.256	40

Tabela 3: Dados da Folha Online.

Como se pôde observar, no capítulo anterior, a leitura durativa e a iterativa vêm sendo atreladas ao uso perifrástico há muito tempo, como foi visto nos estudos

de Matos e Silva (1988), (2001) e Menon (2006), além de Squartini (1998) e Bertinetto (1996), para o Italiano.

Testes apontam que essas construções perifrásticas têm menor aceitação da negação no meio da perífrase (58) ao (61), a partir de exemplos do Varsul/PR¹⁷. (intercalação, em Matos e Silva, 1989)

(58) a. “Aquela região lá pra cima é-o pessoal **anda voltando** muito.”

a'. ? Aquela região... o pessoal **anda NÃO** voltando muito, ...

(59) a. “Tem gente que **vive logrando** os outros e não quer trabalhar.”

a'. ? Tem gente que vive **NÃO** logrando os outros e não quer trabalhar.

(60) a. “Quando eu saio de casa **fica chorando**, o que estiver por ali **fica chorando**.”

a'. ? Quando eu saio de casa **fica NÃO** chorando, o que estiver por ali **fica NÃO** chorando.

(61) a. “Você **continua morando** onde eu morei.”

a'. ? Você **continua NÃO** morando onde eu morei.

Porém, as perífrases aceitam melhor a voz passiva (Perini (1989)), como em (62) ao (64), a partir de exemplos do Varsul/PR abaixo:

(62) a. “... agora eles **andam lendo** a folha de Londrina”.

a'. A folha de Londrina **anda** sendo lida por eles.

(63) a “... o piazinho **vive apertando** os parafusos que ele encontra por tudo.”

a'. Os parafusos **vivem** sendo apertados pelo piazinho.

(64) a. “... chegam lá no quartel deles, param ali e **ficam tomando** o café deles.”

a'. O café **fica** sendo tomado por eles.

¹⁷ Não interessa aqui, como se pode questionar, discutir o problema da negação que ora nega o todo, ora a parte. E sim verificar que a sentença se torna não agramatical, mas com uma interpretação questionável, diferentemente se o não *vir* à frente da perífrase, negando a existência de um intervalo e, por conseguinte, a leitura durativa.

- (65) a. Estão todas se aposentando quase, né? Mas, **continuam dando** aula...
a'. Aula continua sendo dada.

Além disso, os auxiliares mantêm ainda a ocorrência como plenos em estruturas como abaixo (exemplos da Folha Online):

- (66) “Fora das competições, **anda** com muletas”.

- (67) “O Cinnamon **vive** em uma colônia de gatos da Universidade de Missouri”.

- (68) “A sede da empresa **fica** no aeroporto de Congonhas (zona sul da Capital)”.

- (69) “Comandantes israelenses disseram ao jornal "Maariv" que a segurança em Nablus **continua** nas mãos do Exército”.

Ao se assumir que a perífrase durativa do PB pode ser formada com qualquer tipologia verbal (*accomplishments*, *achievements*, estados e atividades)¹⁸, há a proposta de alguns testes que verificam a ocorrência da iteratividade, também denotada por essas construções, em PB.

Para cada teste proposto abaixo, serão usadas entre uma a três sentenças do Varsul/PR e/ou da Folha Online para cada um dos auxiliares (*andar*, *viver*, *ficar* e *continuar*). O objetivo é demonstrar a ambigüidade (entendida aqui como uma dupla leitura entre a duração e iteração) das perífrases AG, VIG, FG e CG. Ou ainda ambas concomitantemente. Ou seja, além dos eventos durarem em um certo tempo, eles se repetem, em subeventos **e** e subintervalos de **t**. Então, os testes:

3. 2 PRIMEIRO TESTE — NOMINALIZAÇÃO

Para comprovar a dupla leitura das perífrases AG, VIG, FG e CG, o primeiro teste proposto é transformar o verbo pleno em um nome — o nome do evento. Ou acrescenta-se um outro evento (também transformado em uma nominalização),

¹⁸ Com exceção de estativos permanentes, em sentenças como “ele anda/vive/fica/continua tendo olhos azuis”, devido à redundância da duração, marcada pelo auxiliar no presente do indicativo, pelo gerúndio e mais o próprio estativo, que indica permanência do estado no decorrer do tempo (estudos futuros poderão responder por que com os verbos estativos a duração fica redundante).

quando possível. Adiciona-se um segundo evento distinto qualquer àquele descrito pela sentença. Com isso, verifica-se a existência de subeventos, que podem ser de natureza distinta, dentro de um intervalo de tempo. Para isso, uma paráfrase substitui a sentença matriz.

3.2.1 Verbo Andar

(70) “Não interessa... o que o irmão Caetano Veloso **anda falando** sobre política brasileira contemporânea e afins”. (Folha Online).

☞ Não interessa o que Caetano Veloso anda falando sobre política brasileira, mas **entre uma fala e outra** (entre uma conversa e outra) canta uma música.

(71) “...**anda batendo** o carro várias vezes, né?” (Varsul – PR)

☞ Anda batendo o carro várias vezes, mas **entre uma batida e outra** anda de bicicleta.

Observa-se em cada um dos exemplos acima que é possível intercalar um outro evento aos descritos pela sentença, mostrando, dessa forma, que há repetição. Em (70), entre uma fala e outra de Caetano há um outro evento — cantar uma música. Em (71), entre as batidas de carro, anda-se de bicicleta. Ou seja, é possível inferir que há subintervalos de tempo em que o sujeito não realiza o evento descrito pela sentença, faz uma outra atividade paralela, que também pode ser realizada em subintervalos dentro de um intervalo maior de tempo (e este não é dado na sentença). Nesse último exemplo, ainda há um adjunto de tempo (várias vezes) que marca a reiteração da ação de bater o carro, mostrando a iteratividade não só denotada pela perífrase, mas também por esse adjunto. Isso se verifica com os verbos abaixo em:

(72) “...quando que ela deita na cama, né?...**anda pensando...andam perguntando....**”

☞ Quando ela deita na cama, **anda pensando...** e entre um pensamento e outro chora.

Com os demais auxiliares *viver*, *ficar* e *continuar* verifica-se essa mesma possibilidade de ocorrência. Vamos a eles:

3.2.2 Verbo Viver

Veja:

(73) “... eu **vivo** a maior parte **trabalhando**, né” (Varsul/PR)

☞ Eu vivo trabalhando, mas **entre um trabalho e outro** escrevo os capítulos da dissertação.

(74) “Ivete também **vive negando** boatos de homossexualidade”. (Folha Online)

☞ Ivete também vive negando boatos de homossexualidade, **mas entre uma negação e outra (entre uma entrevistas e outra para desmentir os boatos)**, faz shows”.

Novamente, é possível entender que há repetição dos eventos no tempo inferidos nas sentenças exemplificadas. Ou seja, em (73) há os subeventos de trabalhar, em (74) as negações de boatos. Para todos esses (sub)eventos foi possível intercalar um outro — escrever, fazer shows — que permite dizer que os eventos estão escalonados em subintervalos de tempo descritos nas sentenças exemplificadas.

3.2.3 Verbo Ficar

Para o *ficar*, houve as seguintes ocorrências em formação perifrástica, na Folha Online:

(75) “No episódio final, intitulado "Summer"s Over", o verão chega ao fim e os personagens começam a encontrar o caminho de suas vidas. Jason descobre a verdade sobre seu pai e Paige se prepara para a faculdade. Jenny **fica sabendo** que a irmã vendeu a casa para o marido de quem está prestes a se divorciar.”

(76) “E única coisa que não pesa é o aspecto salarial. Quando você entra em campo, não **fica pensando** em quanto o adversário ganha, e em quanto você ganha, disse o treinador corintiano”.

Em (75) e (76), verifica-se é que a formação perifrástica aqui analisada é multifuncional, uma vez que pode indicar o que se afirma nessa dissertação — dupla leitura entre a duração e a iteração. Mas também pode se associar a um único momento no tempo, como é o caso do “fica sabendo”, em que o PF é instantâneo e neste a situação se realiza, passa do não sabido ao sabido, num instante de tempo. Ou seja, aqui o teste esbarra na questão de a perífrase com *ficar* poder ser associada a eventos pontuais no tempo: fica sabendo se dá em um instante de tempo.

É importante perceber que esse fenômeno é muito parecido com o que ocorre com *o estar + gerúndio* em PB, que há oscilação entre uma leitura pontual no tempo, monofocalizada, e a durativa, plurifocalizada. Esse fenômeno aponta a possibilidade do verbo *ficar* estar mais gramaticalizado em relação ao *viver*, *andar* e *continuar*.

Porém, a iteratividade se confirma novamente com a perífrase FG. Em (77), abaixo, há subeventos de dormir, em (78) subeventos de costurar e cantar e em (79) há subeventos de conversar. Veja:

(77) “... **fico** em casa **dormindo**”. (Varsul/ PR)

☞ Fico em casa dormindo, mas **entre uma dormida/cochilada e outra/entre umas cochiladas** escrevo a dissertação.

(78) “... ela [<faz->]- **fica costurando** pra mim...**fico cantando** atrás.” (Varsul/ PR)

☞ Ela fica costurando pra mim, mas **entre uma costura e outra (entre uma peça de roupa pronta e outra)** toma um cafezinho e eu **entre uma música e outra (entre um canto e outro)** tomo um cafezinho também.

(79) Eles vêem os amiguinhos no bairro e **ficam** naqueles bloquinhos **conversando**.
(Varsul – PR)

☞ Eles vêem os amiguinhos no bairro e ficam naqueles bloquinhos conversando, **mas entre uma conversa e outra** jogam bola.

Verifica-se essa mesma iteratividade (eventos que se repetem em subeventos em um intervalo de tempo) com o auxiliar *continuar* abaixo.

3.2.4 Verbo Continuar

(80) “A polícia **continua procurando** pistas do crime, mas sem sucesso”. (Folha Online)

☞ A polícia continua procurando pistas do crime, **mas entre uma procura e outra (entre uma investigação e outra)** mata bandidos.

(81) “A Alemanha superou os Grimm e **continua criando** literatura de qualidade para o público jovem, revela exposição sobre ilustrações de livros infantis em São Paulo”. (Folha Online)

☞ A Alemanha superou os Grimm e continua criando literatura de qualidade, mas **entre uma criação e outra (entre um livro escrito e outro)** vende os livros.

(82) “...**continua** é- a prefeitura **enviando** os remédios e tal.” (Varsul – PR)

☞ A prefeitura continua enviando os remédios, mas **entre um envio e outro (entre os envios dos remédios)** faz uma nova licitação.

Os eventos possíveis de escalonar no tempo, nos exemplos acima, são: procurar pistas em (80), criar literatura em (81) e enviar remédios em (82). Mais uma

vez se confirma a iteratividade presente nas sentenças. Ou seja, há repetição do evento dentro do intervalo de tempo.

O teste de nominalização apresentado, portanto, demonstra que as perífrases AG, VIG, FG e CG permitem a leitura em que o evento tem duração em um intervalo de tempo. Mas, mais do que isso, além da duração uma segunda leitura sobreposta é permitida: a iteração.

3.3 SEGUNDO TESTE — USO DE EXPRESSÃO ANAFÓRICA DE EVENTO

O segundo teste consiste em pôr à prova a mesma ocorrência verificada no primeiro. Ou seja, há subeventos e subintervalos dentro do intervalo de tempo, mostrando com isso a leitura iterativa sobreposta à durativa denotada pelas perífrases em análise. Para esse teste, é usado um elemento anafórico de retomada de evento, o pronome **isso**, juntamente com um adjunto temporal de repetição — **toda vez**. Essa junção mostra o escalonamento dos eventos no tempo em uma nova sentença parodiada.

3.3.1 Verbo Andar:

Veja:

(83) “A ex-modelo Luma de Oliveira **anda dizendo** que não quer mais saber de Carnaval, mas não é isso o que se fala no Rio”. (Folha Online)

☞ A ex-modelo Luma de Oliveira anda dizendo que não quer mais saber de Carnaval, e toda vez que faz **isso** sai a notícia no jornal.

(84) “... agora ela **anda empurrando** uma cadeira com o pé ...?” (Varsul/ PR)

☞ Ela anda empurrando uma cadeira com o pé, e toda vez que faz **isso** cai e se machuca de novo.

(85) “Fagundes está com nova namorada. O bonitão **anda circulando** com a atriz Vietia Rocha”(Folha Online)

☞ Fagundes está com nova namorada. O bonitão **anda circulando** com a atriz Vietia Rocha e toda vez que faz **isso** janta com ela.

Em (83) se repete o evento de se dizer que não quer mais saber de carnaval. Em (84) se repete o evento de empurrar a cadeira (o adjunto *de novo*, nessa sentença, reitera a leitura iterativa) e em (85) é o evento de circular com a atriz que se repete. Novamente, o teste aponta que a iteratividade sobreposta à duração é denotada pela perífrase AG.

3.3.2 Verbo Viver

(86) “O presidente disse que Gil é daqueles que **vive chorando** falta de recursos, mas que mesmo cansado de reclamar vai continuar no cargo”. (Folha Online)

☞ O presidente disse que Gil é daqueles que vive chorando falta de recursos, e toda vez que faz **isso** ganha dinheiro para suas causas culturais.

(87) “... elas **vivem chamando** ela de tia santa”. (Varsul /PR)

☞ Elas vivem chamando ela de tia santa e toda vez que fazem **isso** levam uma surra.

(88) “...ah! **vive tomando** chimarrão, né?” (Varsul/PR)

☞ Vive tomando chimarrão e toda vez que faz **isso** conta uma boa história.

Devido ao adjunto *toda vez* e o elemento anafórico *isso* foi possível mostrar a repetição dos eventos: chorar em (86), chamar de tia santa em (87) e tomar chimarrão em (88). Há, portanto, leitura iterativa também com ViG.

3.3.3 Verbo Ficar

Nas sentenças abaixo, repetem-se eventos de tirar sarro (89) e de esperar o tempo melhorar (90), mostrando também a iteratividade em FG.

(89) “Ainda **ficam tirando** sarro ainda por cima...” (Varsul – PR)

☞ Ainda ficam tirando sarro e toda vez que fazem **isso** levam uma bronca

(90) “**Ficam falando** que operário é isso.” (Varsul/ PR)

☞ Ficam falando que operário é isso e toda vez que fazem **isso** recebem uma advertência.

3.3.4 Verbo Continuar

Em (91) há a repetição do evento de buscar novos jogadores, em (92) de resistir a assinar um compromisso e em (93) de lidar com madeira. Para CG, então, temos também a marcação da iteratividade sobreposta à duração.

(91) “O Palmeiras descartou alguns nomes, mas confirmou que **continua buscando** um jogador que possa ser integrado rapidamente ao elenco”. (Folha Online)

☞ O Palmeiras descartou alguns nomes, mas confirmou que **continua buscando** um jogador e toda vez que faz **isso** sai a notícia no jornal.

(92) “A China **continua resistindo** a assinar um compromisso de redução de emissões para quando expirar a primeira fase de Kyoto, em 2012...”. (Folha Online)

☞ A China continua resistindo a assinar um compromisso de redução de emissões em 2012 e toda vez que faz **isso** recebe muitas críticas.

(93) “... **continua lidando**, sabe? ... com madeira”. (Varsul/PR)

☞ Continua lidando com madeira e toda vez que faz **isso** ganha muito dinheiro.

Portanto, conclui-se, com esse teste (uso de anáfora e adjunto que indica repetição), a mesma ocorrência apresentada com o teste de nominalização, ou seja,

há subeventos **e** ocorridos em subintervalos de **t** , em um intervalo de tempo (este não é determinado diretamente na sentença). Esses subeventos se repetem, pois se infere um outro subevento. Logo, mais uma vez, afirma-se que as perífrases em análise indicam repetição de eventos (iteratividade).

3.4 TERCEIRO TESTE — USO DE ADVÉRBIOS DE FREQUÊNCIA

O propósito deste terceiro teste é verificar qual é a influência de alguns advérbios de tempo em sentenças em que prevalece a leitura durativa. As sentenças que se seguem são também retiradas do corpus do Varsul/PR ou da Folha Online, porém são acrescentados (entre parênteses) adjuntos de tempo. Esses são denominados por Ilari (1990) de freqüenciais.

Devido aos dois primeiros testes apresentados anteriormente, sabe-se que a iteratividade possibilita dizer que um evento se repete indefinidamente dentro do intervalo de tempo, ou seja, o evento se repete sem saber a quantidade de vezes em que isso ocorre. Com os advérbios, essa contagem é de alguma forma possibilitada, embora ainda indefinida. É possível contar quantas vezes o evento se repete no tempo (toda semana/mês/ano etc.).

3.4.1 Teste 1: Advérbios de Duração

Observe o uso dos chamados advérbios de duração — Ilari (1990):

(94) “Como muita gente politizada **anda relevando** (sempre/continuamente/constantemente/regularmente/freqüentemente) praticamente as agressões aos EUA por conta da desastrada política externa do governo Bush...” (Folha Online)

(95) “Meu pai **vive me chamando** (sempre/continuamente/constantemente/regularmente/freqüentemente) pra ir lá com eles, né? Trabalhar. (Varsul/PR).

(96). “Eles **ficam** mais é nos bairros assim, **pedindo** (sempre/continuamente/constantemente/regulamente/freqüentemente) pelos bairros mesmo”. (Varsul/PR)

(97) “...**continuam recebendo** (sempre/continuamente/constantemente/regulamente/ freqüentemente) as regalias que o cefet tem, né?” (Varsul /PR)

Sempre, continuamente, constantemente e regularmente, associados à perífrase, evidenciam ainda mais a leitura durativa e possibilitam dizer que todo o intervalo de tempo está “coberto”. Com o *freqüentemente*, embora também possibilite essa interpretação (cobrindo o intervalo todo), pode-se contar uma determinada repetição, com pequenos intervalos dentro do intervalo maior de tempo em que o evento se dá. Isso acontece devido à carga lexical desse advérbio.

Os advérbios acima, quando utilizados com as perífrases durativas, parecem ser redundantes, pois a duração já é denotada pela perífrase¹⁹. Fica evidente, no entanto, uma cobertura mais generalizada e homogênea dentro do intervalo de tempo, sendo compatíveis com essas construções perifrásticas.

3.4.2 Teste 2: Advérbios de Freqüência Baixa e Média

Com os advérbios de freqüência baixa e média²⁰ (exemplificados entre parênteses abaixo) associados ao uso das perífrases durativas, o intervalo de tempo em que o evento se repete (o ponto de focalização — PF) é colocado em foco e diz que o intervalo em que o evento ocorre é raro. Ou então acontece de vez em quando. Não são as repetições dentro desse intervalo que são vistas como raras ou ocorrendo somente de vez em quando. O que parece acontecer é uma operação a mais: enquanto os eventos no interior do intervalo se repetem (denotação dada pela perífrase), esses advérbios dizem que o intervalo não se repete, ou seja, se isso ocorre é somente de maneira rara ou de vez em quando.

¹⁹ Fica a necessidade de um estudo mais elaborado sobre os advérbios associados às perífrases.

²⁰ Termo de Ilari (1990) et al: baixa para o advérbio “raramente” e média para “de vez em quando”.

(98) a. “O mundo tornou-se instável, tudo muda com impaciente rapidez, Nova York é uma cidade que **anda correndo** (raramente/de vez em quando.)” (Folha Online).

(99) “Assim como todo muçulmano se sente impelido a ir a Meca ao menos uma vez na vida, todo brasileiro deveria ir a Brasília nem que por uma única passagem para ver como as coisas funcionam. Devo ao amigo Fernando Rodrigues, colunista da **Folha** e que **vive repetindo** (raramente/de vez em quando) a frase acima, uma das experiências mais esclarecedoras sobre o funcionamento de nossa capital política.” (Folha Online)

(100). Eu vi no jornal aí esses guris **ficam pedindo** (raramente/de vez em quando) na feiras livres.” (Varsul/ PR)

(101). “Eu **continuo trabalhando** (raramente/de vez em quando) de diarista, né?” (Varsul/ PR)

Em (98) há a repetição de correr, em (99) de repetir a frase, em (100) de pedir e em (101) de trabalhar, dentro do intervalo de tempo. Mas os intervalos em que se dão esses eventos são raros de ocorrer.

3.4.3 Teste 3: Advérbios de Medida

Com os advérbios de medida²¹, exemplificados abaixo entre parênteses, percebe-se que eles freqüencializam o evento, ou seja, sua associação à perífrase torna a leitura bastante evidenciada para uma leitura durativa iterativa freqüencial de forma recursiva. Vejamos como isso ocorre:

(102) “Milton Nascimento **anda vivendo** (duas vezes por semana/ a cada semana/ todo mês/ todos os anos/ todo dia...) um paradoxo: faz há mais de três anos a maior turnê de sua carreira” (Folha Online)

(103) “Com apenas 21 anos, lançou um dos grandes discos do ano, "Alright, Still", cheio de músicas espertas com letras que retratam o cotidiano de Allen -"Smile" é uma cutucada no ex-namorado que transava com outra; "Friday Night" narra uma noite num

²¹ Termo de Ilari (1990): de medida, pois é possível perguntar “quantas vezes” uma ação se repete no tempo.

clube; "Alfie" é para o irmão que **vive vendo** (duas vezes por semana/ a cada semana/ todo mês/ todos os anos/ todo dia...) TV e fumando maconha..." (Folha Online)

(104) "Eles se reúnem, né? ...**ficam escutando** (duas vezes por semana/a cada semana/ todo mês/ todos os anos/ todo dia...)" música e batendo papo." (Varsul/ PR)

(105) "O ex-ministro destacou ainda que o presidente **continua contando** (duas vezes por semana/ a cada semana/ todo mês/ todos os anos/ todo dia...) com um PT forte como aliado." (Folha Online)

Nas sentenças acima, temos uma nova sobreposição de leitura: uma dada pela perífrase (que permite a dupla leitura entre a duração e a iteração) e a leitura freqüencial dada pelos adjuntos temporais de freqüência. Ou seja, com esses adjuntos se evidencia a contagem da quantidade de vezes (em relação numérica) que ocorre o evento. Logo, os adjuntos também possibilitam perceber a repetição desses eventos no tempo, porém com a possibilidade de contar a freqüência dessa iteração: duas vezes por semana, a cada semana, todo mês, todos os anos, todo dia... vive um paradoxo em (102), vê TV em (103), escuta música em (104) ou conta com o PT e (105).

3.4.4 Outros Advérbios de Tempo

Além dos adjuntos temporais mencionados nos testes acima, é interessante observar que muitos advérbios que restringem o tempo em um ponto (como em um tempo x) ou abrem e fecham um determinado intervalo (como durante/de/desde x tempo a/até y tempo) e que se poderia dizer que a duração não encontraria espaço para ocorrer, isso não se verifica com as perífrases durativas: Observe:

(106) a. "Não tenho medo sequer das ameaças que o doutor Odilon **anda fazendo** em rodinhas sociais", afirmou o governador, sem explicar que ameaças seriam essas." (Folha Online)

a'. Não tenho medo sequer das ameaças que o doutor Odilon **anda fazendo** (durante/ em 2008) em rodinhas sociais, afirmou o governador, sem explicar que ameaças seriam essas.

a". Não tenho medo sequer das ameaças que o doutor Odilon **anda fazendo** (desde 2000 até 2008) em rodinhas sociais", afirmou o governador, sem explicar que ameaças seriam essas."

Com o adjunto "durante/em 2008", "desde... até" (ou "desde que... até quando") indica-se o início e o final da situação apresentada, demarcando o intervalo de tempo e não impedindo a leitura durativa/iterativa denotada pela sentença. Outro adjunto, o "desde que" (desde que chegou anda fazendo ameaças, por exemplo) expressa o sentido de continuidade requerido por esse adjunto. Ou seja, como a perífrase é uma forma de marcar a duratividade, ela é incompatível com qualquer forma de delimitação temporal ou de telecidade, como, por exemplo, "ele anda/vive/fica/continua comendo às 4h" (nesse caso, o contexto teria que especificar, por exemplo, *às 4h de todos os dias*), pois como dito anteriormente, é considerada intrinsecamente relacionada à imperfectividade.

3.5 E QUAL É A DIFERENÇA ENTRE AG, VIG, FG E CG?

Como visto acima, os testes ajudam a perceber que as perífrases durativas deste trabalho marcam também a iteratividade. Porém, os adjuntos temporais funcionam como elementos que marcam a frequência com que o evento se repete no tempo. Qual é a diferença que há então em se usar os diferentes verbos na posição de auxiliar se as quatro perífrases analisadas marcam o mesmo fenômeno: duração e/ou iteração do evento no tempo?

De modo intuitivo, o que se percebe é que, ao se usar um ou outro verbo auxiliar para formar a perífrase, trabalha-se com intervalos de tempo distintos. E esse intervalo é percebido como maior ou menor também devido a esse auxiliar. O que ocorre é que a "persistência semântica" é um traço marcante para isso.

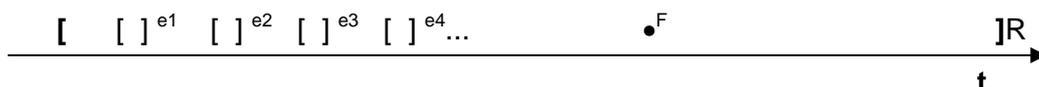
Com o auxiliar *viver*, devido à sua significação (na formação perifrástica carrega o significado de viver, ter vida, durar e não o significado de morar, por exemplo), o intervalo inferido é maior. Com o auxiliar *andar*, o intervalo de tempo é percebido como menor que ao se usar o *viver*. É como se o *viver* abarcasse em si o *andar*.

O significado para *andar* na formação perifrástica é “decorrer o tempo”, embora por “persistência semântica” se verifique algum traço de seu sentido original no processo de gramaticalização, que é “mover-se, percorrer, dar passos”. Desse segundo significado, origina-se uma possível ambigüidade, ou seja, andar (dar passos) e ao mesmo tempo a ocorrência do evento denotado pelo segundo verbo. Para o *ficar*, o intervalo de tempo se restringe ainda mais, é como se o *andar* abarcasse em si o *ficar*.

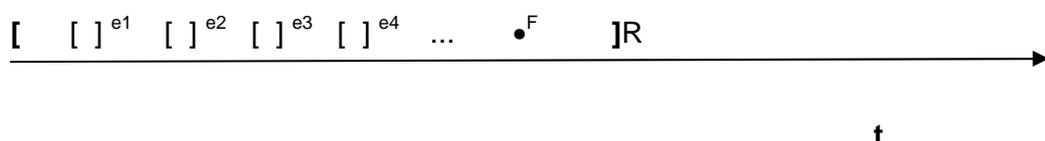
Entre os quatro auxiliares analisados, esse é o que dá margem a um maior número de dúvidas. Por exemplo, na formação perifrástica, há duas significações principais: *permanecer* e *estar parado em um lugar*. Dessa forma, ao se tomar a primeira significação somente, o auxiliar *ficar* daria margem para se dizer que tem uma significação muito próxima ao *continuar*. Esse verbo significa “dar seguimento ao que está começado; prosseguir; não interromper; não sofrer modificação; permanecer no mesmo estado”.

Porém, em *ficar* temos por “persistência semântica”, como vimos no capítulo 1, seção 1.3 (o processo de gramaticalização dos auxiliares), o significado original de “fincar/ficar parado/estacionado em”. Por isso, eles se distanciam, já que *continuar* pressupõe necessariamente algo já iniciado anteriormente. Além disso, o intervalo de tempo com o *continuar* é aberto — entre um maior e um menor (dado pela junção adquirida com o significado do verbo pleno). Para exemplificar, abaixo há linhas do tempo demonstrando essas intuições.

(107) Ele **vive comendo**.



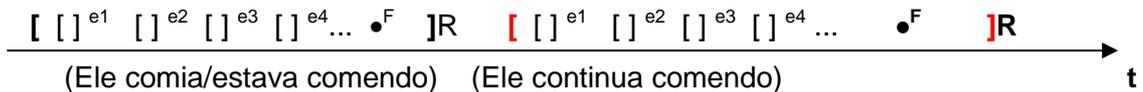
(108) Ele **anda comendo**.



(109) Ele **fica comendo**.



(110) Ele **continua comendo**.



Em (111) abaixo, representa-se ViG, AG e FG como perífrases durativas com intervalos de tempo distintos: com o auxiliar *ficar* contido no intervalo com o auxiliar *andar* e este contido no intervalo maior com o *viver*.

(111) Ele vive/anda/fica comendo)



O verbo *viver* possibilita o uso do advérbio *sempre*. O verbo *andar* possibilita o uso do advérbio *ultimamente*. O *ficar*, devido ao seu significado original (fincar), apresenta uma forte influência para a restrição da abertura temporal, tornando-a menor entre as outras formações perifrásticas²². É como se pudéssemos perceber o uso de um locativo atrelado a esse auxiliar. É possível confirmar esse indício nos exemplos abaixo do Varsul/PR, em que há sempre um adjunto adverbial de lugar (ali, lá, aí, aqui, na esquina, nos bairros, pros cantos...).

(112) a. “Quando eu saio de casa fica chorando, o que estiver por ali fica chorando”.

b. “... param ali e ficam tomando o café deles”.

c. “Eles ficam mais é nos bairros assim, pedindo pelos bairros mesmo”.

d. “...daí elas ficam aí falando besteira e nunca, daí não evoluem, né?”

e. “... eu fico aqui, administrando a casa, né?”

f. “Você fica vendo aquela união da abelha com a flor ali, né”.

g. “Elas ficam aí, perdendo tempo com besteira, né?”

²² Vale ressaltar que cabem pesquisas que encontrem respostas para essa questão.

- h. “Dez, doze ficam chorando **pros cantos**,...”.
- i. “Inclusive os piás vão pros bares e ficam **lá** bebendo e jogando truco”.
- j. “... nem que você só ligue pra ela fica **lá** falando e você dormindo”.
- k. “Eles vêm os amiguinhos no bairro, ficam **naqueles bloquinhos** conversando”.
- l. “... param **na esquina** e ficam olhando, olham casa por casa”.
- m. “Então deito **lá** e fico pensando”.
- n. ” ... fico **em casa** dormindo”.
- o. “...então, se encosta **aí** e fica esperando o tempo melhorar”.

Além dessa diferença de percepção de intervalos distintos marcada pela carga lexical do auxiliar nas perífrases durativas, verifica-se também ainda uma problemática: a formação perifrástica é possível com qualquer tipo de verbo e a leitura será durativa.

Porém, com os estativos há uma maior restrição de uso. Isso porque haverá muitas vezes a leitura de um evento único no tempo, como, por exemplo, em:

(113) “...a gente pergunta: "filho de quem que é", daí ele diz, já você **fica sabendo**, né?” (Varsul/PR).

(114) “,, O livro traz todos os anos muitos recordes relacionados ao Brasil. A grande maioria a Ediouro só **fica conhecendo** quando recebe a nova edição.” (Folha Online).

Ou seja, *saber* e *conhecer*, acima, possibilitam apenas uma leitura: a pontual. Em (113), do não sabido passa a ser sabido e, em (114), do não conhecido ao conhecido, num instante de tempo. Dessa forma, podemos pensar que além da leitura durativa/iterativa, com o auxiliar *ficar* a perífrase denota uma leitura muito próxima ao progressivo no PB, as construções com *estar* mais *gerúndio*. Essas construções também são ambíguas entre uma leitura durativa e monofocalização, pois, em PB, a marcação do tempo presente se faz com essa perífrase, por exemplo.

Em outros casos, embora não agramatical, a sentença causa uma certa estranheza, como em “ele vive/fica/anda morando/gostando”. Outras são construções legítimas²³, como em:

(115) “Depois abandona a casa e **fica vendo** o que vai acontecer...” (Varsul/PR).

(116) “Eu **fico pensando** assim, você refletir, né? (Varsul/PR).

(117) “O diretor Breno Silveira **anda vivendo** entre o Rio de Janeiro e Los Angeles. ‘Em dezembro, fui para lá três vezes em menos de 20 dias’” (Folha Online).

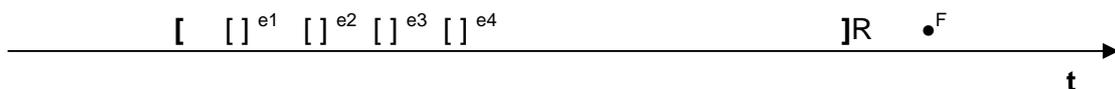
(118) “O Náutico teve uma recuperação boa. A gente não **fica pensando** nisso, mas temos que enaltecer o trabalho dele” (Folha Online).

(119) “Muitas vezes não consegue dormir, pois teme ser visitado por espíritos de outros mundos. Ele **fica escutando** os ruídos, com a luz acesa. Às vezes ele se levanta ...” (Folha Online).

(120) ““A única coisa que não pesa é o aspecto salarial. Quando você entra em campo, não **fica pensando** em quanto o adversário ganha, e em quanto você ganha”, disse o treinador corintiano”. (Folha Online).

Outra questão deixada de lado neste trabalho, porém interessante de se pensar, é o fato da diferença de leitura possibilitada pelo uso do pretérito perfeito ou imperfeito. Com o pretérito imperfeito, parece ocorrer o mesmo fenômeno: duração/iteração do evento no tempo, contudo no passado. Para exemplificar, na sentença abaixo temos a repetição do evento em um intervalo de tempo, porém, ele se dá anteriormente ao MF.

(121) Ele **vivia/ andava/ficava/continuava comendo**.



²³ Nas sentenças exemplificadas, também se poderia questionar a diferença de ocorrência de formações com verbos conhecidos pela literatura como verbos de percepção (como o *ver*, por exemplo). Ou ainda, outra possibilidade de análise, não questionada neste trabalho, seria com verbos psicológicos, como *amar*, *gostar*, por exemplo.

Contudo, quando a formação é com pretérito perfeito, a pontualidade do evento se sobrepõe. Com o verbo *viver* causa estranheza ou inaceitabilidade (pesquisas futuras poderão responder se isso é causado pela perfectividade dada pelo pretérito perfeito associado à imperfectividade denotada pelo gerúndio).

(122) Ele ***viveu/andou/ficou/continuou comendo**.



3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três testes apresentados nesse capítulo (nominalização, uso de elemento anafórico de retomada de evento e uso de adjuntos de freqüência) demonstram a duração, com dupla possibilidade de leitura — também dentro de um intervalo de tempo o evento se repete (leitura iterativa).

Outra possibilidade de ocorrência é a de freqüencializar o evento, uma vez usados adjuntos de duração, de freqüência ou de medida que permitem contar mais ou menos de maneira discreta “quantas vezes” o evento se repete no tempo, ou seja, sua freqüência: duas vezes por semana, a cada semana, todo mês, todos os anos, todo dia...

Logo, as perífrases AG, VIG, FG e CG denotam leitura imperfectiva — entende-se que o evento tem duração no tempo ou se repete (iteração). Ou ainda, uma dupla leitura denotando ambas as coisas. Além disso, o que ocorre na escolha de um ou outro auxiliar, devido a sua carga lexical (*viver*, ou *andar* ou *ficar* ou *continuar*), é que se pretende apresentar intervalos menores ou maiores de tempo. Nesses intervalos os eventos denotados pelo verbo pleno se repetem.

CAPÍTULO 4: PERÍFRASES VERBAIS DURATIVAS DO PB: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

4.1 AS PERÍFRASES DURATIVAS

Como ficou demonstrado nos capítulos anteriores, a duração encontra lugar para acontecer no uso do presente do indicativo (auxiliares são aspectuais) e na flexão *-ndo* do gerúndio. Essas perífrases, além da duração denotam a repetição do evento no tempo em subeventos (repetidos seguidamente e de forma indefinida).

Bertinetto (2002) divide as perífrases verbais, para o italiano, em quatro tipos: gerundivas, habituais, modais e fasais. Dentre as gerundivas, estão as progressivas (estar + gerúndio) e as contínuas (andar+gerúndio), as quais interessam para este trabalho. Outra que interessa é a fasal, subespecificada pelo autor em iminenciais, incoativas, continuativas e terminativas, dentre essas, interessam as perífrases continuativas (“*continuar+ gerúndio*”).

Para cada um dos tipos de perífrases verbais, Bertineto passa a apresentar características de distribuição e restrições (morfológica, acional, semântica e sintática). As perífrases **contínuas** apresentam como característica de distribuição, no italiano, aplicarem-se a sujeitos inanimados, como no exemplo do autor “La casa andava riempiendo di gente”. Contudo, em PB, isso não se verifica, pois é possível construir perífrases contínuas com sujeitos animados, como “O senhor andava mendigando de casa em casa” (exemplo com significado próximo ao apresentado acima).

Quanto às propriedades e restrições, as perífrases são usadas com todos os tempos verbais. Porém, não funcionariam com verbos estativos, pois significam processo e/ou duração. Mas, novamente em PB é possível se dizer “ela anda tendo dor de cabeça” ou “ela anda conhecendo matemática”, e assim por diante. A perífrase se caracteriza por ser processual, pois o evento se desenrola em um intervalo de tempo e acaba em um resultado. Pode ser usada com advérbios

graduais, como *gradualmente*, *sempre* e também advérbios de duração, como foi apresentado nos testes, no capítulo anterior.

Para as perífrases fasais, em especial as continuativas, Bertinetto (2002) apresenta-as como sendo aquelas que designam propriedades, especificando a fase de uma série de eventos ou a fase em que o evento se encontra. A perífrase “*continuar + gerúndio*” informa que uma dada situação continua, pressupondo que anteriormente havia se iniciado ou já acontecia um dado evento.

Contudo, novamente em PB, isso não se verifica, porque temos construções do tipo “ele continua clicando o mouse, ele continua partindo/chegando, ganhando a corrida” em que o contexto dá conta. Os verbos fasais, quanto ao comportamento acional, seriam incompatíveis com verbos não durativos. Mas isso parece não acontecer em PB, pois mesmo com os estativos (não permanentes) é possível sentenças como “*continuou conhecendo* seu novo vizinho”. Ou então, em “*continuou conhecendo* seu vizinho por semanas” em que não há delimitação de tempo.

Portanto, essas perífrases são compatíveis com o tempo imperfeito e podem ser usadas com outros tempos verbais. O verbo “*continuar*” ao ser usado com o perfeito não necessariamente denota a leitura télica (“*continuou a construir a casa, continuou construindo a casa*”, este exemplo ainda possui leitura que dentre vários eventos, *continuou* este e não outro, como o prédio, a ponte, etc.).

A diferença entre a perífrase progressiva (PP= *estar+gerúndio*) e a perífrase contínua (PC= *andar+gerúndio*) é que a primeira focaliza um momento no tempo (denominado instante de focalização) em que o evento é observado em seu desenvolvimento e continuação indeterminada além deste. Já a segunda requer uma referência ao intervalo de tempo. A PP apresenta monofocalização, enquanto a PC apresenta plurifocalização. Em “*ele está comendo*”, o evento tem duração, mas em um momento mais restrito de tempo, já em “*ele anda comendo*”, o evento tem duração em um intervalo de tempo — se vê a situação se repetindo (plurifocalizada). E como já observado anteriormente, em PB a monofocalização é usada para indicar fatos que ocorrem no momento de fala, em que se usa a construção perifrástica (*está comendo*, por exemplo) em detrimento do presente do indicativo (*come*). Logo,

em “*andar + gerúndio*” temos, para Bertinetto (2002), uma perífrase contínua dentre as gerundivas que expressa um evento processual e durativo, pois se desenrola em um dado intervalo de tempo.

Para este trabalho a classificação de Bertinetto (2002) chama a atenção, já que é possível agrupar, então, *viver+ gerúndio*, *andar+ gerúndio* e *ficar+ gerúndio* como perífrases contínuas e “*continuar+ gerúndio*” como fasal, em PB. A primeira se verifica, por exemplo, em sentenças como as abaixo retiradas da Folha Online:

(123) “O sexo do primeiro bebê de Britney ainda não foi revelado, mas a revista "OK!" mostra em uma reportagem que ela **anda comprando roupinhas** de bebê mais adequadas a uma menina.”

(124) “Lula não se atreve a fazê-lo. Ele **vive fazendo declarações de simpatia e amor** a Chávez”.

(125) “Tem um bichinho, que é um comichão, que **fica** coçando nas pessoas [para que elas saiam candidatas]”, brincou..”.

O segundo tipo, a perífrase durativa fasal, se verifica, por exemplo, em sentenças como:

(126) “A polícia **continua procurando** pistas do crime, mas sem sucesso”.

A formação perifrástica com os verbos *ter* e *vir* em perífrases como *tem comido/vem comendo* é denominada perífrase durativa²⁴. AG, ViG, FG e CG também são denominadas dessa forma, uma vez que como demonstrado no decorrer desse trabalho, elas vinculam o aspecto durativo. O uso do gerúndio na construção perifrástica tem papel importante na marcação dessa leitura, como foi demonstrado, pois é ele o responsável por “particularizar” o evento E em subeventos **e**.

²⁴ Nos primeiros trabalhos com perífrase verbal denomino-as habituais, oscilando entre a habitualidade (para o *vir + gerúndio*) e a iteratividade (para o *ter+ participio*). A partir dos primeiros trabalhos com AG, ViG, FG e CG, passam a ser denominadas, então, durativas, pois possuem as mesmas características dessas perífrases.

Além disso, também há os verbos auxiliares no presente do indicativo, pois auxiliam para a abertura do intervalo de tempo dentro do qual a duração/iteração do evento denotado pelo verbo principal se dá. Ou seja, auxiliar mais gerúndio focalizam um intervalo de tempo. O ponto de focalização (PF). Assumindo a classificação de Bertinetto (1996) das perífrases italianas, com as devidas “acomodações”, ficam, então, classificadas da seguinte forma para o PB: perífrases durativas contínuas e perífrase durativa fasal (com dupla leitura duração e iteração, ou ambas as coisas).

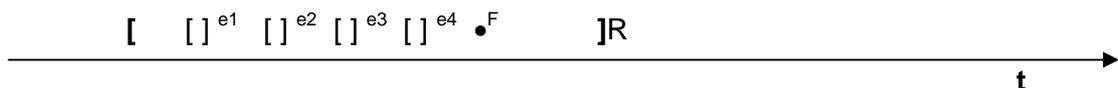
4.2 PERÍFRASES DURATIVAS CONTÍNUAS

As perífrases durativas contínuas são aquelas que marcam a duração de um evento em um intervalo de tempo. Esse evento tem duração de forma contínua no tempo ou se repete indefinidamente neste intervalo. São formadas com os auxiliares *andar*, *viver* e *ficar*, exemplificadas abaixo (sentenças da Folha Online)

(127) “Assim como todo muçulmano se sente impelido a ir a Meca ao menos uma vez na vida, todo brasileiro deveria ir a Brasília nem que por uma única passagem para ver como as coisas funcionam. Devo ao amigo Fernando Rodrigues, colunista da **Folha** e que **vive repetindo** a frase acima, uma das experiências mais esclarecedoras sobre o funcionamento de nossa capital política”.



(128) “Finalmente fizemos um filme argentino”, **anda dizendo** o senso comum da crítica nacional.



(129) "O tempo é tão curto, e tenho certeza de que deve haver algo mais", Martin **fica repetindo**.



Em (127) há a iteração de repetir a frase, em (128) de dizer e em (129) de repetir (lexicalmente, esse verbo já é iterativo). Porém, nas sentenças acima, a duração contínua se dá pela força da perífrase aspectual, não importando o argumento interno. Dessa forma, não é possível, neste trabalho, assumir a idéia de Tenny (1994), que faz uma classificação aspectual dos verbos em *Measuring-out*, *Path* e de *Mudança de estado*.

Os verbos classificados como **Measuring-out** são aqueles em que a medida do evento (seu ponto final) está contida no seu argumento interno, o objeto direto (OD). São exemplos, os verbos *comer* e *construir* em: “De acordo com a médica, Rebeca **comeu** *um sanduíche* que não lhe fez bem” e “O governo do PT no Acre **construiu** *um palanque* de madeira” (Folha Online). Nessas sentenças, o OD identificaria a medida do evento de *comer*, ou seja, o evento se inicia na primeira mordida do sanduíche e termina na última mordida deste. No caso de *construir*, a medida se daria no início da construção das partes do palanque e o evento acabaria ao término da construção deste. O que marcaria o evento não seria somente o verbo e sua flexão, mas a composição que se faz com o OD, sendo este o responsável pela telecidade ou não do evento²⁵.

O segundo tipo apontado pela autora é o **Path**, ou seja, verbos que representam uma trajetória, um progresso até um ponto final. Em “...o engenheiro Gustave Eiffel, responsável pela construção da torre, **subiu** *essa escada*” (Folha Online), o OD também identificaria a medida do evento *de subir*, ou seja, o evento se inicia no primeiro degrau da escada e termina no último degrau desta. Novamente, temos a terminação do evento denotada pelo argumento interno — a escada.

O último tipo de verbo apontado pela autora é o de *Mudança de estado*, ou seja, aqueles que mostram algum tipo de propriedade escalar, como em: “O país cresceu, **amadureceu**, sofisticou-se, e a próxima etapa não comportará mais simplificações” (Folha Online). Nesse, o próprio verbo identifica a medida do evento,

²⁵ A questão *terminado/acabado/cessado*, como: caso o sanduíche for deixado pela metade o evento cessou, mas não houve término (o *telos* não foi atingido), ou se a casa for construída pela metade, ocorre o mesmo fenômeno, fica em segundo plano, uma vez que interessa perceber que com a perífrase durativa, o foco do evento é seu desenvolvimento, seu meio. Logo, o tipo verbal, bem como seu complemento, não restringe a repetição do evento.

está no léxico de *amadurecer* o processo escalar do amadurecimento, ou seja, o evento se inicia numa escala do menos maduro para o mais maduro (no exemplo dado, há a mudança de estado do país).

Contudo, com as formações perifrásticas durativas contínuas o que se observa é que o OD não influencia no término ou não do evento. Basta voltar ao exemplo (130), parafraseado abaixo e acrescido de um objeto direto quantificado, verificamos que a duração do evento é denotada da mesma forma.

(130) Fernando Rodrigues, colunista da Folha vive repetindo **três frases**.

A leitura denotada por essa sentença seria a duração do evento de repetir três frases de forma iterativa: ou se dá de forma contínua para as três frases, dentro do intervalo de tempo, e essa leitura se repete indefinidamente (são repetidas as três frases, depois novamente as três e assim por diante). Ou então, se repete uma depois outra e outra. O que se observa é que o OD não influencia a marcação do término do evento.

Outra característica ao se usar os três auxiliares (*andar*, *viver* e *ficar*) em perífrase de gerúndio é que, embora todas elas denotem duração e iteração, o intervalo se difere, como apresentado no capítulo anterior. O falante intuitivamente percebe que os intervalos são diferentemente um mais extenso do que o outro: com o *viver* denota um intervalo mais extenso do que com o *andar* e este mais extenso do que com o *ficar*. Essa intuição foi percebida ao perguntar a três turmas (3.º Ano, aproximadamente 90 alunos) de Ensino Médio qual era o entendimento/leitura que faziam de sentenças como **Sirlei vive/anda/fica/continua lendo livros** (as sentenças foram construídas com diferentes classes verbais). Posteriormente, foram acrescentados adjuntos (*sempre*, *constantemente*, *pouco a pouco*, *nunca*, *raramente*).

A maioria dos alunos respondeu que quando há o verbo *viver* o intervalo de tempo é mais longo, com o *andar*, o intervalo é menor. Com o *ficar* é “pontual” (a

resposta era “fica ali”)²⁶ e com o *continuar* a ação continuava no tempo porque já tinha acontecido antes. Ou seja, intuitivamente o falante percebe intervalos de tempo maiores ou menores, e isso ocorre devido à “persistência semântica” — a carga lexical de cada um dos auxiliares. A princípio, a tendência foi classificar essa formação (FG) como fasal (como classificado com o *continuar*,) tendo em vista o significado de *permanecer* (algo que permanecia sendo feito poderia pressupor um início anterior). Porém, a partir dessa “percepção” de um locativo intrínseco à sentença, acabou-se por defini-la também como perífrase **durativa contínua**.

Outra questão que vale ressaltar é que depois de se observar também os exemplos coletados, a tendência inicial de classificar a perífrase FG como fasal foi “por água abaixo”, pois não há evidências de que há um intervalo anterior a este marcado pela persistência semântica no processo de gramaticalização do verbo *ficar*. Ou seja, de que o significado “permanecer” faça diferença na marcação de um intervalo anterior.

Porém, o que ocorre é que este verbo está mais gramaticalizado do que o *continuar*, por exemplo, como apresentado por Menon (2006), que diz que esse verbo significava “fincar/estar parado”. E mais: esse significado parece ainda atrelado a um locativo, como é verificado quando se usa o *ficar* como pleno em que é necessário para a sua complementação um adjunto de lugar.

Portanto, o significado “ficar imóvel” atrelado a esse auxiliar, de alguma forma, ainda persiste em seu uso perifrástico. Ou seja, a perífrase caracteriza-se como durativa contínua também devido à persistência semântica do *ficar* (significando “permanece imobilizado/ parado”). Contudo, a permanência do evento no tempo é dentro do intervalo descrito ou inferido pela sentença, sem haver a pressuposição que há um intervalo anterior a este, como ocorre quando a formação é com verbo *continuar*.

²⁶ O que chama a atenção são essas respostas para a formação com o *ficar*. Uma outra resposta interessante foi a de um aluno ao dizer que o *viver* era maior que o *andar* e este era maior que o *ficar* porque “*ficar está dentro de andar e andar dentro do viver*”.

4.3 PERÍFRASE DURATIVA FASAL

A perífrase durativa fasal é aquela que marca a duração de um dado evento no tempo, contudo, o falante pressupõe um intervalo de tempo anterior em que o evento já ocorria de forma continuada²⁷ (inferido devido ao uso do auxiliar *continuar*, por persistência semântica). Veja em:

(131) “...**continua** é- a prefeitura **enviando** os remédios e tal” ((Varsul/PR)

(132) “A empresa, que se tornou no ano passado a maior fornecedora de minério de ferro para a China, **continua apostando** nos mercados asiáticos” (Folha Online)

(133) “Daniela Cicarelli **continua apresentando** o “Beija Sapo”” . (Folha Online)

As sentenças exemplificadas acima marcam a duração dos eventos descritos de forma continuada dentro do intervalo de tempo. Esses eventos se repetem indefinidamente: em (131), o evento de enviar remédios; em (132), o evento de apostar nos mercados asiáticos; em (133), o evento de apresentar o programa “Beija sapo”.

Com esse auxiliar *continuar* há a pressuposição²⁸ de que o evento se dava anteriormente ao intervalo de tempo, ou seja, há um outro intervalo ligado a ele, por isso, denominada perífrase durativa fasal. Ou seja, houve uma fase anterior em que o evento já ocorria (representado pela linha temporal abaixo, em que o primeiro intervalo de tempo é o pressuposto e o segundo é o dado pela perífrase).

²⁷ Diferença entre um evento contínuo e um evento continuado para o dicionário Houaiss:

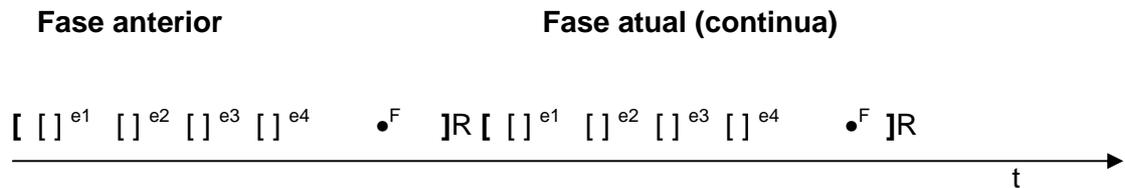
1. **contínuo**: não interrompido dentro de um tempo estipulado; que se prolonga sem remissões até atingir o seu fim; que se repete a intervalos breves e regulares; que perdura sem interrupção;

2. **continuado (a)/(continuação)**: ato ou efeito de dar seguimento àquilo que foi iniciado (e interrompido ou não); prolongação no tempo; prosseguimento àquilo que foi iniciado.

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=alem&stype=k>. Acesso em 01 out. 2007.

²⁸ Pressuposição, conforme Chierchia 2003, “é aquilo que é dado como certo ao se usar uma determinada sentença” (Chierchia 2003: 541). Então se a prefeitura **continua enviando** os remédios, pressupõe que ela enviava anteriormente. O teste que caracteriza a pressuposição é o da P-família (família pressuposicional), que consiste em fazer a negação, interrogação ou hipótese com a sentença dada. Por exemplo: “a prefeitura **continua enviando** os remédios”: a prefeitura **NÃO** continua enviando os remédios; a prefeitura **continua enviando** os remédios? Se a prefeitura continua enviando os remédios, está com sorte, porque muitos hospitais já estão sem eles. Todas essas sentenças pressupõem que anteriormente a prefeitura já enviava os remédios.

(134) PERÍFRASE DURATIVA FASAL: A prefeitura **continua enviando** os remédios



A prefeitura enviava/estava enviando remédios....A prefeitura **continua enviando** remédios.

Da mesma forma que para a perífrase durativa contínua, para a fasal entende-se que o evento, determinado pelo verbo pleno, se repete dentro do intervalo de tempo e este vem se repetindo desde uma fase anterior.

O trabalho aqui se refere a *continuar* + *gerúndio*, porém verifica-se que, embora em menor uso, o *continuar* + *a* + *infinitivo*²⁹ também tem a mesma leitura durativa que CG, com as mesmas características, pois são intercambiáveis, em PB (usa-se uma ou outra e a leitura durativa é denotada por ambas). Veja:

(135) “O setor de estoque informa que não há o produto para entrega, e o setor de vendas **continua a oferecer** o produto para demais consumidores”,

(136) “A empresa informou que **continua a reforçar** seus controles financeiros internos, depois da revelação de indícios de fraude contábil”.

(137) “O setor imobiliário, em particular o segmento de hipotecas para clientes "subprime" **continua a rondar** os negócios, levando os investidores a negociar com cautela”.

Outra observação a se fazer é que, entre os quatro auxiliares aqui analisados, o *continuar* não só se distingue por marcar um intervalo anterior ou marcar que o evento já tenha sido iniciado anteriormente, mas porque ele por si só marca uma fase (o meio da ação). Assim, como o *começar* e o *terminar*, ele é um operador sobre eventos (essa distinção tratada pela literatura de verbo aspectualizador —

²⁹ Em 19 TEXTOS (3,8%) apareceram sentenças com formação perifrástica de um total de 500 textos em que havia o verbo *continuar* no presente do indicativo + preposição + infinitivo — dentre 1.162 textos consultados na Folha Online. Os demais textos apresentaram *continuar* em seu uso como plenos (intransitivos seguidos de locativos) ou de ligação.

verbo que opera sobre um evento, marcando o ponto inicial ou final deste — é assunto para pesquisas futuras).

4.4 OLHANDO PARA O ARGUMENTO INTERNO

As sentenças que exemplificam esta dissertação mostram, além da característica da perífrase durativa marcar a duração/iteração do evento no tempo, que não há delimitação desse evento marcado pelo OD. Vejamos primeiramente com exemplos da Folha Online:

(138) “A oposição vai se reunir hoje para decidir se **continua obstruindo** a pauta da Câmara, mas admite fazer um acordo...”

(139) “Jean **continua fazendo** tratamento e há esperanças de que possa enfrentar o Barueri”.

(140) “O hipocampo é uma das regiões cerebrais que **continua desenvolvendo** células nervosas durante a vida, tanto nos ratos quanto em seres humanos”.

(141) “O Taleban **continua empreendendo** uma batalha por poder contra as forças estrangeiras no Afeganistão”.

(142) “No que diz respeito ao meio ambiente, o premiê considerou que a economia chinesa **continua consumindo** muita energia e é muito poluente”.

Em (138) acima, o OD é definido (a pauta), em (139), há um singular nu³⁰ como argumento interno (tratamento), em (140) um plural nu (células nervosas). Da mesma maneira que nessas duas últimas sentenças, a genericidade também é marcada pelos argumentos internos dos demais exemplos: em (141), com OD indefinido (uma batalha) e em (142), com OD quantificado (muita energia). Em

³⁰ Singular e plural nu indicam que não há qualquer determinante antes do substantivo (singular ou plural). Eles indicam genericidade, ou seja, referem-se a uma classe de indivíduo. Quando se diz “Brasileiro é festeiro ou “brasileiros são festeiros” se engloba toda a classe de indivíduos que são brasileiros e dessa classe se predica algo. A genericidade também pode ser denotada por sintagma definido singular (a) ou plural (as): **a** mulher é discriminada/**as** mulheres são discriminadas. E também com indefinido (um/uma), embora um pouco distinta das demais (para melhores esclarecimentos ler Ana Muller: A expressão de genericidade no Português do Brasil - http://www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/muller55.pdf).

nenhuma dessas sentenças o OD influencia de alguma maneira na marcação do ponto final. Ou seja, a força da perífrase verbal é maior, comprovando a leitura durativa/iterativa denotada por esse tipo de construção.

Outros exemplos da Folha Online dessas ocorrências se seguem abaixo, uma para AG, outra para VIG e, por fim, FG

(143) “Dizem na Globo que Ana Paula Arósio **anda esbanjando** bom humor de tão feliz.”

(144) “Outra que associou seu nome a 2006 é a espevitada Lily Allen. Com apenas 21 anos, lançou um dos grandes discos do ano, "Alright, Still", cheio de músicas espertas com letras que retratam o cotidiano de Allen - "Smile" é uma cutucada no ex-namorado que transava com outra; "Friday Night" narra uma noite num clube; "Alfie" é para o irmão que **vive vendo** TV e **fumando** maconha...”

(145) “Esse valor será pago até fevereiro a 2.700 agricultores do município. Quem não o recebe **fica dependendo** da ajuda de familiares aposentados, cerca de 2.600 pessoas ...”

Nos dados do Varsul/PR também se observa essas ocorrências, exemplificadas abaixo: (vide as demais sentenças anexas que não foram utilizados no corpo do trabalho).

(146) “... agora eles **andam lendo** a folha de Londrina”.

(147) “Tem gente que **vive logrando** os outros e não quer trabalhar “.

(148) “Eles se reúnem, né? **ficam escutando** música e **batendo** papo.”

(149) “... uns irmãos ainda que **continuam criando** porco.”

O OD não marca o ponto final dos eventos denotados pelas sentenças acima: os argumentos internos indicam genericidade, ou seja, em (147), “os outros”; em (148), “música e papo” e (149) “porco”. Em (146), o argumento interno é definido (a

folha de Londrina) e embora signifique que eles andem lendo esse jornal dentre vários outros (Estado do Paraná, Gazeta, etc.) e não seja o mesmo jornal (papel), o evento de ler é entendido como se repetindo no tempo.

Portanto, diferentemente de Tenny (1994) que afirma que o ponto final de um evento é denotado pelo argumento interno, com a perífrase durativa isso não se verifica, pois é aspectualmente forte, marcando a duração do evento, sem, no entanto, demarcar um ponto final. Isso ocorre porque a leitura durativa é denota pela perífrase, independente do uso de um determinado tipo de argumento interno. Ou seja, é inerentemente imperfectiva.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proposto, neste capítulo, classificar, conforme Bertinetto (1996), as perífrases durativas no PB em: durativas contínuas quando o auxiliar é o *viver*, *andar* e *ficar* e durativa fasal quando é formada com o auxiliar *continuar*. As duas perífrases marcam a duração de um evento em um intervalo de tempo, com a diferença que a fasal pressupõe (devido à persistência semântica do auxiliar) um intervalo anterior a este. Independe, para esta leitura, qual o OD ou mesmo a maioria dos adjuntos temporais que fazem parte da sentença — salvo aqueles que delimitam o intervalo de tempo, como o “nunca”, por exemplo.

Além disso, essas perífrases denotam uma dupla leitura entre a duração e a repetição indeterminada dos eventos dentro do intervalo. Ainda sobrepondo a essa dupla leitura, é possível freqüencializar o evento ao se acrescentar algum tipo de adjunto temporal que permita dizer “quantas vezes” o evento se repete. São exemplos: “três vezes”, “muitas vezes”, “a cada semana”, etc. (essa possibilidade foi explorada no capítulo anterior).

Logo, mais que poder tornar um evento inacabado (sem ponto final), ao usar o gerúndio associado ao uso do auxiliar no presente do indicativo³¹, a perífrase

³¹ Como visto acima, talvez essa afirmação seja também possível ao se usar outros tempos verbais para o auxiliar (como o pretérito imperfecto), mas, para isso, é necessário que se façam outras pesquisas futuramente.

marca a repetição indefinida de um evento no tempo. Caso os eventos sejam com verbos pontuais, como “alcançar o topo da montanha”, por exemplo, a leitura durativa permanece, embora os intervalos em que isso ocorre é que se repetem.

Desta forma, o que fica evidenciado depois da análise aqui proposta é que as perífrases durativas aqui estudadas têm força aspectual, por serem elas denotadoras da leitura durativa e/ou iterativa, ou ambas as coisas concomitantemente, independentemente da classe aspectual³² do verbo pleno e de seu argumento interno (com plural ou singular nu, OD contendo um cardinal, etc.).

³² Como o intuito deste trabalho não foi mostrar com que incidência cada tipo de verbo aparece associado à perífrase durativa, é possível ainda, trabalhos futuros que possam verificar essa ocorrência com a leitura aqui proposta. O que parece mais restrito é o verbo estativo (embora os transitórios sejam mais aceitáveis), uma vez que a duração estaria marcada triplamente: no auxiliar no presente do indicativo, no uso do gerúndio e no verbo estativo, já que este se caracteriza por eventos que permanecem invariáveis no tempo, ou seja, com o traço de duração.

5 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, perífrase é concebida como uma unidade semântica formada por um auxiliar mais um verbo de sentido pleno. O primeiro verbo indica pessoa, número, tempo, modo e agrega um valor aspectual. Na perífrase, esse verbo não faz a seleção argumental, pois devido ao processo de gramaticalização, em sua passagem de verbo pleno para auxiliar, passando a exercer uma função gramatical, perdeu esse traço. O segundo verbo, o principal, apresenta o significado lexical, ou seja, denota o evento. Além disso, ele é o responsável pela seleção dos argumentos externo e interno (sujeito e objeto).

Também se concebem aqui as perífrases com os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* como aspectuais, pois são inerentemente imperfectivas, uma vez que não denotam o ponto inicial ou final do evento e sim seu processo, seu desenvolvimento em um intervalo de tempo.

As hipóteses apresentadas no início desta dissertação se confirmam:

1. as perífrases AG, ViG, FG e CG denotam leitura aspectual imperfectiva, colocando em foco o andamento da ação sem apresentar seu início ou fim, em uma subespecificação da imperfectividade — a leitura durativa e/ou iterativa;

2. para a marcação da leitura durativa, a associação do uso do auxiliar no presente do indicativo juntamente com a flexão do gerúndio são essenciais, uma vez que o presente do indicativo apresenta os traços + homogêneo, + durativo e o gerúndio é apresentado neste trabalho como um marcador de subeventos ao formar uma perífrase. Ou seja, ele é o responsável por denotar a repetição do evento no tempo;

3. são aspectualmente muito fortes, uma vez que para a leitura imperfectiva (duração) não dependem da classe aspectual do verbo pleno ou do seu argumento interno (objeto direto — OD).

Fica, portanto, constatado que os verbos *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* são aspectuais por manterem traços de seu uso como plenos, ou seja, há “persistência semântica” (parte de seu significado original ainda permanece ao ser usado como auxiliar). Traço esse mantido no processo de gramaticalização dos verbos plenos para auxiliares. Além de ficar evidente que a duração é um traço tanto do presente do indicativo quanto do gerúndio, e esse traço em ambas as posições (auxiliar e gerúndio) força uma leitura imperfectiva, tornando as perífrases aspectualmente muito fortes.

Outra constatação é a relevância da distinção entre instante e intervalo, pois as perífrases analisadas denotam intervalos de tempo (PF), em uma relação de MR e ME (o verbo auxiliar abre um intervalo indefinido de tempo – R – sobre o qual o evento E denotado pelo verbo pleno se repete). O PF é o intervalo de tempo sobre o qual há subeventos em subintervalos de t (e_1, e_2, e_3, e_4, e_n em $t_1, t_2, t_3, t_4, t_n...$).

Os testes apresentados (nominalização, uso de elemento anafórico de retomada de evento e uso de adjuntos de frequência) servem para reforçar a idéia de que a duração está presente e denota dupla possibilidade de leitura. Ou seja, dentro do intervalo de tempo o evento também se repete (leitura iterativa).

Além disso, ao se usar adjuntos de duração, de frequência ou de medida, há a possibilidade de freqüencializar o evento. Esses adjuntos possibilitam contar “quantas vezes” o evento se repete no tempo. Portanto, as perífrases AG, VIG, FG e CG denotam dupla leitura: ou se entende que o evento é contínuo (durativo) ou descontínuo (iterativo). Ou ambas as coisas.

Logo, a perífrase de gerúndio expressa intrinsecamente uma ação em curso, com valor durativo. Para isso, são relevantes o presente do indicativo, por apresentar o traço durativo, e o gerúndio, também como um marcador da duração. Mais que isso, ele é considerado um marcador de subeventos na formação da perífrase (o evento denotado pelo verbo principal, dentro do intervalo de tempo se repete em um número indefinido de vezes).

Ou seja, nesta dissertação se assume que a duração/iteração do evento está associada à formação da perífrase (verbo auxiliar no presente do indicativo mais o uso do gerúndio). Independe, também, a classe aspectual do verbo pleno e seu argumento interno.

As perífrases durativas no PB com os auxiliares aqui analisados se dividem em: durativas contínuas (auxiliares *viver*, *andar* e *ficar*) e durativa fasal (com o auxiliar *continuar*). Esses dois tipos de perífrases marcam a duração de um evento em um intervalo de tempo, com a diferença que a fasal pressupõe (devido à persistência semântica do auxiliar) um intervalo anterior a este. Independe, para esta leitura, qual o OD ou a maioria dos adjuntos temporais que fazem parte da sentença — salvo aqueles que delimitam o intervalo de tempo.

Há, contudo, lacunas a serem preenchidas em futuras pesquisas. Uma delas é em relação às perífrases com o auxiliar *ficar*. Esse é o que parece mais gramaticalizado entre os quatro aqui analisados, oscilando, por isso, entre a monofocalização e a plurifocalização do evento como as perífrases progressivas do PB (estar+gerúndio). Outra questão ainda a se questionar e refletir é em relação à formação perifrástica com verbos estativos, pois, mesmo ao se afirmar que as perífrases durativas são possíveis com esse tipo de verbo, algumas construções causam certa estranheza.

Contudo, como o intuito não foi esgotar todas as possibilidades de análise, o intuito maior foi atingido, ou seja, as perífrases aqui estudadas têm força aspectual, por denotarem a leitura durativa e/ou iterativa, subdivisão da imperfectividade.

6 REFERÊNCIAS

- AMARAL, E.; FERREIRA, M.; LEITE, R.; ANTÔNIO, S. **Português, Novas Palavras, literatura, gramática, redação**. São Paulo: FTD, V. Único, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa** – Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 37. ed. 2004.
- BERTINETTO, P. M. Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of 'reference time', In: **Journal of Italian Linguistics**. p. 71-108, 1982.
- _____. **Il dominio tempo-aspettuale**: demarcazioni, intersezioni, contrasti. Torino, Itália: Rosenberg & Sèller, 1997.
- _____. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion. In: CECHETTO, C. et alii. **Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- CADORE, L. A. **Curso Prático de Português, literatura – gramática – redação**. São Paulo: Ática, 6. ed.1998.
- CARDOSO, A. & PEREIRA, S. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. In **Revista da ABRALIN**, v. 2, n. 2, p. 159-181, 2003.
- CASTILHO, A. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, ed. 12, 2002.
- CASTILHO, A.T. de; MORAES de CASTILHO, C. M. O aspecto verbal no português falado. In: **VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado**. Campos do Jordão. 1994. (Mimeo)
- CAVALLI, S. **Perífrases verbais (vir+gerúndio e ter+particípio) e iteratividade** Comunicação apresentada em VI FORUM DE LETRAS da PUCPR, 2005 Curitiba. (CD-ROM).
- CAVALLI, S. & WACHOWICZ, T.C. **Verbos auxiliares vs aspectualizadores** Simpósio apresentado em 54.º seminário do GEL – UNESP- Araraquara-SP, 2006 (HANDOUT)
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 46. ed.,2005.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 35. ed.,1992.
- CHIERCHIA, G.. **Semântica**. Campinas: Editora da Unicamp; Londrina: Eduel. 2003

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press. 1976.

CUNHA, C.; LINDLEY, C. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DELFITTO, D. & BERTINETTO, P. M. Word order and quantification over times. In Higginbotham, J.; Pianesi, F.; Varzi, Achille (eds.). **Speaking of events**. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287, 2000.

FARACO & MOURA. **Gramática**. 11. ed. , Ática, 1992.

FARACO & MOURA. **Gramática Nova**. 7. ed. Ática, 1997.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura**. V. 3. São Paulo: Ática, . 9. ed. 1990

FOLTRAN, M. J. **Construções de Predicação Secundária do Português do Brasil**: aspectos sintáticos e semânticos. São Paulo, 1999. 206 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – FFLCH, Universidade de São Paulo.

<http://houaiss.uol.com.br/busca.ihtm?verbete=alem&stipe=k>. Acesso: 1 out. 2007.

http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL95/PMB_ConnotatiAzionali.htm: Sui connotati azionali ed aspettuiali della perifrasi continua ("andare/venire+Gerundio") (pdf) Acesso em jul/2007

http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL94/PMB_perifrasi_abituiali.htm: Le perifrasi abituiali in italiano ed in inglese (pdf). Acesso em ju/2007

http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL96/PMB_NotesProg.htm: Notes on the progressive as a "partialization" operator (pdf) Acesso em jul./2007

GRIFFI, B. **Gramática**. São Paulo: Moderna, 1996.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. I. 1991, p. 17-36.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001
_____. **Notas para uma semântica do passado composto em português**. In: 4.º CELSUL. Curitiba/UFPR, 2000. (mimeo)

_____ et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In CASTILHO, A . T. de (Org.). **Gramática do português falado: a ordem**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. v. 1, p. 63-141.

ILARI, R.; MANTOANELLI, I. As formas progressivas do português. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas: IEL, Unicamp, n. 5, p. 27-60, 1983.

- LENCI, A. & BERTINETTO, P. M.. **Aspect, adverbs and events – habituality vs. Perfectivity**. In Higginbotham, J.; Pianesi, F.; Varzi, Achille (eds.). **Speaking of events**. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287, 2000.
- LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: **Gramática do português falado: Volume VIII - Novos estudos descritivos**. Campinas/ SP: Ed da Unicamp, 2002.
- MATTOS e SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.
- _____. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975
- MENON, O. P. da S. Perífrases de Gerúndio: O que mudou? In: CAGLIARI, L. C. (org) **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura acadêmica/Araraquara: Labor Editora da FCL (Série Trilhas Linguagem, n.º 14), 2006.
- MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. São Paulo: Saraiva, 25 ed., 1996.
- NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- _____. **Gramática de usos do português**. 3. ed. v. 1. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NICOLA, J. de. **Língua, Literatura & Redação**: edição revisada e ampliada. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- NICOLA, J. de; INFANTE, Us. Ed. Scipione, **Gramática & Literatura** 12. ed. 1994.
- NICOLA, J. de; TERRA, E.. **Gramática & Literatura para o 2.º grau**: curso completo. V. único. Scipione. 1993.
- OLIVEIRA, T. A.; BERTOLIN, R.; SILVA, A. S. **Tecendo Textos, ensino de língua portuguesa através de projetos**. São Paulo: IBEP, 2002.
- PARSONS, T. **Events in the semantics of English**. Cambridge (MA): MIT Press. 1990.
- PASCHOALIN, M. A. **Gramática: teoria e exercícios** São Paulo: FTD, 1989.
- PARTEE, B. H. **compositionality in Formal Semantics**: selected papers by Barbara H. Partee., London Blackwell Publishing , 1988
- PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. São Paulo: Ática, 1989.

- REICHENBACH, H.. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.
- SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da Língua Portuguesa**, Brasília: 3.ed. Editora Universidade de Brasília, 1964
- SMITH, C. S. **The Parameter of Aspect**, Dordrecht, Kluwer Academic Press, 1991.
- SQUARTINI, M. **Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.
- TENNY, C. **Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1994.
- VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, **Aspectual issues: studies on time and quantity**. Stanford: CSLI Publications, 1999.
- WACHOWICZ, T. C **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. São Paulo, Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós Graduação em Lingüística, USP. 2003
- _____. **O aspecto do auxiliar**. Comunicação apresentada em reunião do GT 'Teoria da Gramática', da ANPOLL. UFMG. Ouro Preto-MG. 2005.

7 ANEXO

Sentenças retiradas da Folha Online ou Varsul/PR que não fizeram parte do corpo do trabalho:

7.1 ANEXO 1. FOLHA ONLINE

1. Deram um tiro no autor do Diário108, e o General Usley ...outro no amigo José Bonifácio; a Polícia já **anda vigiando** este negócio.

2. Luana Piovani, que está louca para emplacar programa na TV, **anda fazendo** a linha simpática.

3. O ator Zé Carlos Machado **anda dizendo** que ficou chateado porque Nestor vai morrer na novela "Páginas da Vida"..

4. Esse é exatamente o ponto que eu gostaria de desenvolver melhor com você, Cica... Você sabe que o país inteiro **anda falando...**"

5. Luciano diz à mãe que o Nestor **anda implicando** com seus estudos de piano.

6. Neste domingo serão entregues os prêmios Emmy. Vale a pena ver o que sai daí para entender que caminhos o mundo do entretenimento **anda tomando**.

7. Vera Gimenez ficou ressentida com a filha Luciana, que não pagou o vestido para a mãe ir ao seu casamento, e **anda falando** dela por aí.

8. Com boatos de que o ator Leonardo DiCaprio **anda suspirando** com saudades da ex-namorada Gisele Bündchen, a modelo israelense Bar Refaeli, 20, faz marcação cerrada.

9. É o mesmo discursinho que é elaborado no Pentágono", e "o que alguns fazem é repeti-lo como papagaios. É a direita desesperada porque o que **anda varrendo** a América Latina, mais uma vez, é uma forte corrente pelos caminhos da esquerda", disse Chávez entusiasmado, em discurso televisionado.

10. O jornalista e escritor canadense Jeremy Mercer, 35, arrumou um jeito novo de ganhar a vida. **Anda** pelo mundo **dormindo** em livrarias, **escrevendo** sobre a experiência e promovendo suas obras com novos "tours" por entre estantes de livros.

11. Márcio Garcia criou um mal-estar com Raul Gil na Record. Ele **anda dizendo** em entrevistas que vai estrear em setembro "O Melhor do Brasil", programa de novos talentos.

12. Apesar do estilo "bicho do mato" criado por eles, de não dar satisfação em explicar o conceito de seus discos e de se ter uma certa aversão a dar entrevistas, o grupo (los hermanos) **anda colhendo** seus frutos.

13. Ocupar a cabeça apenas com o bem-estar do próprio corpo e se aventurar pela mata atlântica fluminense são programas capazes de aliviar em pouco tempo as tensões daqueles que sentem que o nó da gravata **anda apertando** mais do que nunca.

14. "Cerca de 10% dos genes ativos da banana foram "soletrados" por pesquisadores brasileiros e franceses, no primeiro passo para decifrar o DNA da planta. A informação deve ser de grande utilidade para os estudos de melhoramento genético da fruta, que **anda sofrendo** um verdadeiro bombardeio de pragas agressivas no mundo.

15. Portioli está dando trabalho para a produção do "Charme", programa que era de Adriane Galisteu no SBT. Dizem que ele reclama de tudo e **vive dando** piti.

16. Todo mundo sabe que existe um clima entre eles, mas o rapaz continua com Alice [Regiane Alves], que **vive o fazendo** de tonto. Só ele não percebe.

17. O espírito de Nanda (Fernanda Vasconcellos) **vive aparecendo** para Marta (Lília Cabral) na novela "Páginas da Vida".

18. Eleutério e Batista ameaçam envolver o filho dela, que acusaria o padre de abuso sexual. "O senhor **fica mexendo** com crianças de três anos, com meu filho (...)"

19. Dilma nunca foi rival e muito menos desleal. Ela deu e **continua dando** uma enorme contribuição ao presidente e ao país.

20. Segundo ele, ali foi exercitado, nos anos 70 e início dos 80, o "maquiavelismo diplomático" que **continua determinando** as relações dos EUA com os outros países ...".

21. Não sou pessimista, mas do ano passado para cá nada mudou. A indústria de transformação **continua se esvaindo**, o câmbio está aí, a taxa de juros apresenta pequenas quedas e os benefícios do PAC [Plano de Aceleração do Crescimento] vão demorar para refletir no setor.

22. A igreja **continua não reconhecendo** que alguns países tiveram sucesso em controlar a Aids contando com as camisinhas para reduzir a transmissão.

23. Na queda, o gesso atingiu a calçada e rompeu a fiação elétrica. O estabelecimento **continua funcionando** normalmente.

24. A igreja **continua não reconhecendo** que alguns países tiveram sucesso em controlar a Aids contando com as camisinhas para reduzir a transmissão.

25. O envio de terroristas para o norte do país, região relativamente calma, eleva os temores quanto ao fortalecimento do Taleban, que **continua empreendendo** uma batalha por poder contra as forças estrangeiras no Afeganistão --principalmente no sul do país.

26. A mostra também virou livro do museu de Arte Sepulcral, em Kassel, na Alemanha, e **continua atraindo** interesse tanto de futuros clientes quanto de estudiosos.

27. Princesa Diana **continua sendo** um bom negócio na Inglaterra.

28. As Bolsas americanas passaram a cair na tarde de hoje, depois de um ligeiro avanço pela manhã, com a visão de que a inflação, apesar de moderada, **continua a subir** em uma economia em desaceleração.

29. A produção mundial de aço **continua a crescer** fortemente, com aumento de 13,5% em janeiro de 2007 contra o mesmo mês do ano anterior, com expansão de 27,3% na China, 9,1% na Índia, e de 9,8% na Europa. Os bancos internacionais também indicam que o afrouxamento da política monetária **continua a estimular** investimentos em ações.

30. Em vez disso, ele mantém a tarifa e **continua a subsidiar** o álcool americano, feito de milho, que é muito ineficiente.

31. O Opportunity, entretanto, **continua a ter** participação societária em diversas empresas brasileiras.

7.2 ANEXO 2: VARSUL/PR

1. ... ***ficam te agredindo**, sabe?
2. .. então você **fica analisando** as coisas, ...
3. ... ainda **ficam tirando** sarro ainda por cima.
4. ... eu **vivo** a maior parte **trabalhando**, né?
5. ou se **fica** alguém **trabalhando**.
6. ...***fica debatendo**.... A gente **fica escutando**.
7. Se ele sair você **fica perdendo**.
8. **Ficam cuidando** lá, né?
9. “... eles vinham e **ficavam apitando**, né?
10. E toda vez que nós se reunimos nós **ficamos conversando**.
11. Você **fica vendo** aquela união da abelha com a flor ali, né
12. Eu saio assim e **fico pensando**, olhando ...
13. Você **fica olhando**.... Você **fica se envolvendo** com a natureza, né?
14. Ninguém **fica olhando**, né
15. A gente **fica escutando**, né?
16. Depois **fica pegando** baldas, né?
17. Agora precisa saber o porquê que **fica custando** mais caro, né?
18. O funcionário da gente **fica reclamando** que ganha pouco, bá-bá-bá...
19. Você **fica analisando** como é que aconteceu, como é que foi,...
20. ... a gente [**fica**]- vai se **entusiasmando** e você vai indo- ...
21. Eu moro aqui... uma quadra e pela manhã eu [da]- da minha janela eu **fico observando**, principalmente, o horário do rush mesmo, né?
22. Então eles vão pôr mais ônibus, **ficam rodando** quase que vazio, ...

28. ... depois que a gente **fica refletindo**.
29. Então, se encosta aí e **fica esperando** o tempo melhorar.
30. Quando eu estou em casa eu... o que passa lá eu **fico olhando**, né?
31. Então deito lá e **fico pensando**.
32. ... **fica pegando e dando** as coisas de dentro de casa pros outros.
33. ... ainda **ficam tirando** sarro ainda por cima.
34. ... a gente **fica refletindo**: "puxa! você vê nesse dia mesmo, o Josiel, esse meu filho, ...
35. Eu **fico prestando** atenção, eu acho bonito.
36. Eu vi no jornal aí esses guris **ficam pedindo** na [feiras livres], ...
37. Então não **ficam pedindo**, né?
38. Eles **ficam incomodando**, né?
39. ... Aqui por exemplo ele **fica enrolado**.
40. Você **fica olhando**...
41. é e fica- ("anda") reprimindo direto.
42. "Então ficou trabalhando, **continuum**, sabe? **cuidando** das almas".
43. Elas **continuum ainda fazendo** assim, ...
44. A finalidade dele é levantar dali e **continua andando, pedindo**.
45. Estou aposentado, tenho meu quintalzinho, faço minha horta sem veneno nenhum, quer dizer, **continuo trabalhando**.
46. Então nem uma multa não levam, nem presos são e **continuum fazendo**.
47. Agora eu não sei como é que está funcionando, se eles **continuum fazendo** assim ou não, sabe?
48. ,, , nós **continuamos criando**, né?
49. ... **continua te indicando**,...
50. ... **continua** sempre **tendo** <ti#ti#ti>, né?
51. ...porque se eles tivessem fechado, né? mas eles **continuum trabalhando**...
52. ...aí depois acabou o estágio ... **continua trabalhando**.
53. ... então a gente **continua trabalhando**. ..
54. Porque eles **continuum sofrendo**, ...
55. ...porque se eles tivessem fechado, né? mas eles **continuum trabalhando**...
56. ... os meus **avós continuam morando** no mesmo local, né?
57. ...aí depois acabou o estágio ... **continua trabalhando**.
58. Mas eu **continuo estudando**, né?" (Varsul/PR).